

UNIVERSIDAD DE LA EMPRESA
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
Programa de Formação Avançada em Educação
Doutorado em Educação

JOSÉ LUIZ TEJON MEGIDO

POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO:
Estudo de casos na construção de uma proposta educacional
voltada para o enfrentamento das dificuldades e desafios da vida

Montevideu

2018

JOSÉ LUIZ TEJON MEGIDO

POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO:

**Estudo de casos na construção de uma proposta educacional
voltada para o enfrentamento das dificuldades e desafios da vida**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor em
Educação no Programa Avanzado em
Educación da Facultad de Ciencias de La
Educación, Universidad de La Empresa,
sob a orientação da Prof. Dra. Marie
Lisette Canavesi Rimbaud.

**Montevideú
2018**

JOSÉ LUIZ TEJON MEGIDO

**POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO:
Estudo de casos na construção de uma proposta educacional
voltada para o enfrentamento das dificuldades e desafios da vida**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação no Programa Avanzado em Educación da Facultad de Ciencias de La Educación, Universidad de la Empresa, sob a orientação da Prof. Dra. Marie Lissette Canavesi Rimbaud.

Montevideú, data.

**Montevideú
2018**

Dedico este trabalho a todos os seres humanos que suportaram gigantescas opressões e que, a partir de seus sacrifícios e experiências, nos ensinaram os ingredientes essenciais para o aprendizado da superação humana.

AGRADECIMENTOS

Especialmente a “mi” orientadora, Profa. Dra. Marie Lissette Canavesi Rimbaud, pela inspiração e dedicada orientação.

Prof. Mag. Esther Gamio(Esp.), pela leitura e recomendações significativas.

À Fabiane Angelo, psicóloga e à época da tragédia na boate Kiss, em Santa Maria (RS), membro da Cruz Vermelha.

Família Nishimura – da Fundação Shunji Nishimura, em Pompeia, interior de São Paulo.

Mag. Rosana Teresinha Dório de Athaide Bohrer Esp. – PUC, São Paulo.

Sr. Alexandre Costa – Cacau Show – São Paulo.

Sra. Jô Clemente – fundadora e presidente de honra da APAE – Associação de Pais Amigos dos Excepcionais.

Aos casos das famílias e pessoas mantidas em anonimato e que permitiram expor suas experiências.

Sr. Eduardo Coutinho Mesquita e Srta. Juliana Chini pelo apoio na elaboração da tese.

Mag. Ana Cláudia Barreto pelas correções ABNT e aspectos metodológicos.

Edmea Urbano Sanchez pelas correções ortográficas

E ao Grupo que participo no Ateneu da UDE:

Dra. Cristina Heugerot

Dra. Diva Rombys

Dr. Enrique Martinez Larrechea

Dra. Graciela Fabeyro

Dra. Marisa Vasques

Dra. Patricia Vieira

Dr. Sergio Alves

RESUMO

Esta tese aborda os processos de superação resultantes do estudo de casos e propõe ações educacionais de superação. Trata-se de superações de adversidades e dificuldades presentes na vida das pessoas. O objetivo principal foi estudar os fatores essenciais que levam as pessoas à superação, propondo uma pedagogia como meio de acesso a esses fatores. Portanto, trabalha-se a superação nos aspectos relacionados a uma proposta pedagógica que permite ao indivíduo superar. Os casos estudados nesta investigação permitiram encontrar uma síntese de cinco fatores-chave presentes nas trajetórias de vida consideradas exitosas. Este trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia da pesquisa de natureza qualitativa e o método de estudo de caso. Os casos estudados são públicos, portanto brindaram diversas fontes de dados. Buscaram-se casos de pessoas que superaram diversos problemas e realizou-se uma análise das ocorrências dos fatores que contribuíram para as superações. Para realizar este estudo foram empregados os conceitos teóricos de Morin (2011, 2008, 2006, 2002, 2000) em relação à Complexidade, especificamente ao que está ligado à desordem e ao imprevisto em todas as coisas. Foram utilizados também os aportes de Makiguti (2004, 2002, 1995) sobre a Criação de Valores para se construir um mundo possível de ser habitado. Valeu-se também dos conceitos de Esperança e Autonomia de Freire (2011, 2002) ao que está associado às imposições e injustiças sociais que colocam o homem na condição de oprimido, mas que este, por sua natureza humana, é capaz de superar tal condição, além dos aspectos alusivos à logoterapia de Viktor Frankl (2013, 2012, 2010), trabalhando os conceitos de resiliência e da dimensão noética do homem. Recorreu-se ao desenvolvimento de pesquisa do tipo qualitativa, com enfoque fenomenológico e desenho metodológico narrativo. Utilizou-se a pesquisa documental e o método de estudo de caso. Para análise dos resultados, se contemplou a análise temática de conteúdo. Obteve-se como resultados que os processos de superação são únicos, têm um tempo próprio e dependem dos contextos de ajudas, mas existe um padrão de ocorrência que são os cinco fatores. Descobriu-se que não há possibilidade de superação num caminho simplório de “autoajuda”. Superamos quando encontramos líderes pedagogos, que inspiram pessoas para as práticas que conduzem e criam os ambientes superantes. Os marcos teóricos escolhidos e os casos das pesquisas qualitativas analisados abrem um campo otimista e de esperança para a formação de educadores, pais e líderes de uma sociedade cada vez mais dentro de um processo de “*disruption*”¹.

Palavras-chave: Pedagogia. Superação. Fatores de superação.

¹*Disruption*: rompimento, interrupção.

ABSTRACT

This thesis approaches the processes of overcoming resulting from case studies proposes educational actions of overcoming. It's about overcoming adversities and difficulties present in people's lives. The main objective was to study the essential factors that lead people to overcome, proposing a pedagogy as a means of accessing these factors. Therefore, we work on overcoming aspects related to the pedagogical practice that allows the individual to overcome. The cases studied in this research allowed us to find a synthesis of 5 key factors present in life trajectories considered successful. This work was developed from the qualitative research methodology and the case study method. The cases studied are public, so they provided diverse sources of data. We looked for cases of people who overcame several problems and an analysis was made of the occurrences of the factors that contributed to the overcomes. In order to carry out this study, the theoretical concepts of Morin (2011, 2008, 2006, 2002, 2000) were used in relation to Complexity, specifically to what is connected to disorder and unforeseen in all things. The contributions of Makiguti (2004, 2002, 1995) on the Creation of Values to build a possible world to be inhabited. The concepts of Esperança e Autonomia de Freire (2011, 2002) are also associated with the social impositions and injustices that put man in the condition of being oppressed, but that by his human nature he is able to overcome this condition, in addition to the aspects referring to the logotherapy of Viktor Frankl (2013, 2012, 2010), working on the concepts of resilience and the noetic dimension of man. It was used the development of research of the qualitative type, with a phenomenological approach and a narrative methodological design. It was used documentary research and the case study method. For the analysis of the results, it was contemplated the thematic content analysis. It was obtained as results that the processes of overcoming are unique, have a time of their own, depend on the contexts of aids, but there is a pattern of occurrence that are the 5 factors. It turned out that there is no possibility of overcoming in a simple way of "self help". We overcome when we meet leading pedagogues, who inspire people to the practices that lead and create the overcoming environments. The theoretical frameworks chosen and the cases of qualitative research analyzed open up an optimistic and hopeful field for the formation of educators, parents, and leaders of a society increasingly in a process of disruption.

Keywords: Pedagogy. Overcoming. Overcoming factors.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos teóricos e os fatores de superação.....	62
Quadro 2 - Fases da pesquisa a partir do paradigma fenomenológico hermenêutico	65
Quadro 3 - Etapas de coleta de dados.....	71
Quadro 4 - Ocorrência dos fatores de superação.....	73
Quadro 5 - Ocorrência dos fatores de superação nos casos estudados	92
Quadro 6 - Ocorrência dos fatores de superação nos casos dos cinco jovens.....	107
Quadro 7 - Unidades de significação do primeiro segmento do Colégio Seriös.....	110
Quadro 8 - Unidades de significação do segundo segmento do Colégio Seriös.....	111
Quadro 9 - Unidades de significação do terceiro segmento do Colégio Seriös	112
Quadro 10 - Unidades de significação do quarto segmento do Colégio Seriös	113
Quadro 11 - Unidades de significação do Hospital Cruzeiro do Sul	113
Quadro 12 - Relações entre o marco teórico, os fatores de superação e os componentes sustentadores	148

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Percurso metodológico.....	63
Figura 2 - Pelé e Andy Warol.....	85
Figura 3 - Uma proposta para a arte na interpretação do educador	127
Figura 4 - Atitude x Aptidão.....	139
Figura 5 - Hierarquia de Valores.....	140
Figura 6 - Base da proposta de superação	175

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MARCO TEÓRICO	24
2.1 A Pedagogia da Esperança como ponto de partida para Pedagogia da Superação	26
2.2 Makiguti e a Pedagogia da Felicidade.....	28
2.3 FRANKL: O que a Logoterapia nos ensina sobre Superação?.....	31
2.4 Contribuições de Edgard Morin.....	33
2.5 ABRINDO CAMINHOS: Que educação, que escola, que aluno, que professor?	36
2.6 O lugar da resiliência.....	44
2.7 Fatores que intervêm na superação.....	46
<i>2.7.1 Os fatores de superação.....</i>	<i>47</i>
<i>2.7.1.1 Princípio de Superação:.....</i>	<i>47</i>
<i>2.7.1.2 Plano de Superação ou de Felicidade</i>	<i>49</i>
<i>2.7.1.3 Conteúdos Estratégicos de Superação.....</i>	<i>50</i>
<i>2.7.1.4 Procedimentos Superantes.....</i>	<i>56</i>
<i>2.7.1.5 Atitudes Superantes.....</i>	<i>59</i>
3 MARCO E DESENHO METODOLÓGICO	63
3.1 Método utilizado.....	66
3.2 O pesquisador como objeto de estudo.....	67
3.3 Percurso metodológico	68
<i>3.3.1 Escolha dos casos.....</i>	<i>69</i>
<i>3.3.2 Instrumentos e coleta de dados.....</i>	<i>70</i>
<i>3.3.3 Instrumento de análise dos dados.....</i>	<i>72</i>
4 CASOS ESTUDADOS.....	74
4.1 A modo de antecedente: O caso José Luiz Tejon.....	74
<i>4.1.1 Tejon e o “bullying”</i>	<i>76</i>
4.2 Caso 1: A atividade laboral como sentido de vida: O senhor Shunji Nishimura	77
<i>4.2.1 A Superação do senhor Shunji Nishimura</i>	<i>81</i>
4.3 Caso 2: Ser negro não pode ser um obstáculo: Edson Arantes do Nascimento, o PELÉ.....	82

4.3.1 A superação de Pelé	84
4.4 Caso 3: Uma trufa e... 1000 lojas depois: Alexandre Costa	86
4.4.1 A superação de Alexandre Costa	88
4.5 Caso 4: Uma causa pessoal que se torna social: Dona Jolinda Clemente ..	89
4.5.1 A superação da senhora Jolinda Clemente	90
4.6 Ocorrência dos fatores de superação nos casos Shunji Nishimura, Alexandre Costa, Pelé e Jô Clemente	92
4.7 Caso 5: Situação coletiva - As vítimas da Boate Kiss em Santa Maria, aplicações concretas da criação de sentidos	93
4.7.1 Histórias de cinco jovens que se conectam em meio à tragédia na Kiss	98
4.7.1.1 DELVANI ROSSO	98
4.7.1.1.1 Fatores de Superação de Delvani:	99
4.7.1.2 BRUNO GRETHE	100
4.7.1.3 KELEN GIOVANA FERREIRA	101
4.7.1.3.1 Fatores de Superação de Kelen	102
4.7.1.4 GUSTAVO RIET	103
4.7.1.4.1 Fatores de Superação de Gustavo	104
4.7.1.5 BRUNO JAQUES	104
4.7.1.5.1 Fatores de Superação de Bruno	105
4.7.2 Ocorrência dos Fatores de Superação nos cinco casos dos jovens	106
5 COMPARTILHAMENTO E CONFIRMAÇÃO DA PESQUISA JUNTO À SOCIEDADE	108
5.1 Conferência de Educadores e Pais do Colégio Serlös	109
5.2 Experiência no Hospital Cruzeiro do Sul	114
6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	118
6.1 Alcances da pesquisa a partir das hipóteses e objetivos	118
6.2 Princípios Norteadores para uma Pedagogia da Superação	123
7 POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO: Componentes Sustentadores	138
7.1 Segmentação Atitudinal	138
7.2 Levantamento da Hierarquia de Valores	140
7.3 O Resgate Geográfico, Acolhimento ou Eco-evolução	141
7.4 O Inédito Viável	142
7.5 O Ato Limite	142
7.6 A Descoberta dos Sentidos	143

7.7 A Identificação de Causas	144
7.8 A Identificação de Pessoas que Façam Sentido	145
7.9 O Estabelecimento de Métricas, <i>Empowerment</i> e <i>FeedBack</i>.....	146
7.10 A Libertação e a Liderança Invisível	147
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
8.1 Alcances e Limites da Pesquisa.....	156
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	168
APÊNDICE B - Termo de consentimento do hospital.....	169
APÊNDICE C - Questionário – Colaboradores da experiência realizada no Hospital Cruzeiro do Sul.....	171
APÊNDICE D – Questionário - Colégio Seriös	172
APÊNDICE E - DESENHO DE APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO	173

“Nascer, existir e morrer adquirem seu sentido pleno e forte nos altos desenvolvimentos da vida”. (Morin, 2002, p. 455)

1 INTRODUÇÃO

O tema desta investigação tem a ver com o poder que o indivíduo possui de progredir na vida e enfrentar os obstáculos através da educação. Trabalha-se aqui a superação, mais especificamente ao que está relacionado a uma proposta pedagógica que permite ao indivíduo superar. Aludindo à epígrafe acima, se manifesta aqui um trabalho dedicado ao apoio educativo para busca de sentidos, para mediação das construções dos projetos diários de existências, para a busca do poético dentro do prosaico.

Para apresentar as bases deste trabalho convém definir, a princípio, o conceito de superação que figura as abordagens desta investigação. A palavra superação se refere aqui ao desenvolvimento das capacidades das pessoas a fim de que obtenham êxito em seus projetos. Estamos falando da melhoria de competências em toda a gama de possibilidades humanas. Segundo o Aurélio², a palavra superação significa “1 Ser superior a ou melhor do que; 2 passar mais além do que; 3 Obter uma vitória relativamente a; 4 SUPLANTAR”. Este estudo engloba os quatro significados, pois falamos aqui de superação como ato ou efeito de vencer os obstáculos diários que às vezes nos impedem de sentir, relativo ao conforto em nosso fazeres, em nossas projeções, aspirações, enfim, em nossas diversas formas de existir.

Acredita-se que é possível pensar uma proposta pedagógica voltada para o trabalho de superação porque também se acredita que o ato educativo, na perspectiva de favorecer a emancipação do sujeito, dialoga com os processos autônomos de construção de sentidos. Dessa maneira, toma-se a palavra superação no seu íntimo lexical de super ação, de através da educação promover aos sujeitos construções conceituais e comportamentais de novas ações. Mas não qualquer ação; fala-se daquela que nasce dentro do sujeito e lhe permite sentimentos de conquistas, de avanço, de autonomia e porque não dizer, de satisfação com sua forma de existência.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa.

E por que a educação escolar deve se preocupar com os problemas dos sujeitos nela envolvidos? Esta pergunta remete a outra: de que maneira a escola deve atuar quando recebe crianças, adolescentes ou adultos vítimas de acidentes, traumas e, mesmo, problemas cotidianos de toda ordem? A partir destas perguntas pensa-se que é possível propor um modelo educativo dentro de uma linha que percebe o sujeito nos seus diversos aspectos e que está ancorada na incorporação de valores de superação pessoal. Assim, o trabalho educativo proposto aqui está pautado no paradigma da complexidade.

Este paradigma propõe que o homem seja visualizado como um ser indiviso, numa perspectiva de aliança e encontro, buscando uma ação pedagógica que leve à produção do conhecimento e busque formar um indivíduo sujeito de sua própria história. Busca-se, portanto, o resgate do ser humano em sua totalidade. Nesse sentido:

Além disso, tanto no ser humano quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações, em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (MORIN, 2000, p. 38).

Com base nessa realidade, o problema que dirige este estudo consiste em não existir um modelo educativo que apresente processos formativos de superação de problemas da vida. Assim, a questão central deste estudo é apresentar de que maneira a educação pode contribuir para os processos de superação das dificuldades e problemas da vida.

Desse modo, se propõe uma ação pedagógica que tem como raiz a concepção do sujeito como um todo, não somente do intelecto. Esta pedagogia pode estar plantada principalmente na educação informal. Esta possibilidade de uma Pedagogia da Superação prima em oferecer ensino e aprendizagem de competências que viabilizam os processos de superação.

Este estudo parte da constatação de que não há no contexto dos programas educativos e de serviços de atendimentos, principalmente de pessoas em situação de

risco, em situação de recuperação de situação traumática, uma proposta pedagógica específica de superação. Toma-se como exemplo dessa constatação o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS. Este programa é uma unidade pública estatalbrasileira, de abrangência municipal ou regional, referência para a oferta de trabalho social a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, por violação de direitos, que demandam intervenções especializadas. Segundo o programa:

As singularidades de cada situação deverão, inclusive, orientar a decisão conjunta, com cada família/indivíduo, das metodologias a serem utilizadas no trabalho social especializado, para a adoção das estratégias mais adequadas em cada caso, tendo em vista a construção de novas possibilidades de interação, projetos de vida e superação das situações vivenciadas. Nessa direção, algumas situações poderão requerer atendimentos mais individualizados, enquanto outras demandarão intervenções mais coletivas, com a participação de todos os familiares implicados na situação ou até mesmo a inclusão em atendimentos em grupo. (BRASIL, 2011)

A equipe que trabalha no CREAS é formada por vários profissionais. Entretanto, o especialista que merece destaque aqui é o Educador Social. Este desenvolve seu trabalho de maneira diferente do modelo clássico do professor na sala de aula, com quadro negro e giz; o Educador Social lida todos os dias com crianças e adolescentes que cometeram atos infracionais ou que foram abusados, assim como mulheres vítimas de seus companheiros, usuários de drogas e familiares, moradores de rua e famílias miseráveis, entre outros casos de pessoas em risco. Também ajudam famílias com dificuldade de acesso a serviços públicos e comunitários. O objetivo é resgatar pessoas em risco e torná-las ativas, conhecedoras de direitos e responsabilidades.

A atenção ofertada no CREAS deve nortear-se pelo respeito à autonomia das famílias e indivíduos, tendo em vista o empoderamento e o desenvolvimento de capacidades e potencialidades para o enfrentamento e superação de condições adversas oriundas das situações vivenciadas.

Com base nessa realidade, acredita-se que as demarcações de ações do referido programa estão relacionadas com esta proposta de uma Pedagogia da Superação. Entretanto, tal programa não encontra em seu lastro uma proposta

específica de superação. Dessa maneira, esta pesquisa poderá contribuir para ações governamentais de programas sociais e educacionais. O exemplo do CREAS é apenas um indicador das necessidades atuais de uma proposta pedagógica pautada na superação das pessoas. Dentro das políticas governamentais brasileira pode-se citar outros programas com igual carência de uma Pedagogia da Superação, como o ProJovem Adolescente e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI. Estes programas estão vinculados aos serviços de proteção social e têm por objetivo promover a inclusão social de jovens, qualificando e valorizando a sua participação social por meio do desenvolvimento de atividades sócio educativas que estimulem o desenvolvimento de projetos de interesse individual e coletivo, além do estímulo e a descoberta do potencial desses jovens e do território. Todavia, esses programas não contam com um respaldo teórico dentro do viés educativo, por isso se considera que uma Pedagogia da Superação encontra terreno fértil para sua germinação nos referidos programas e também em outros.

A partir desta investigação, pretende-se construir conhecimentos em benefício da educação, da formação de educadores, e para as situações de reinserção pós-acidentes de impacto e os traumáticos. Inclusive nos desafios da vida competitiva profissional e no enfrentamento do “*bullying*”, presente de forma mais violenta, ou mesmo sutil e polida, ao longo de uma jornada humana, incluindo o tempo do ambiente escolar, para alunos e professores.

A história vivida pelo autor desta tese justifica e caracteriza o ponto de partida deste trabalho, de modo que a realidade lhe permitiu ser também um laboratório observado pelas suas próprias experiências. E, a partir delas, lançar um olhar pedagógico perante os desafios, cada vez mais complexos do enfrentamento humano na terra, não somente sob o ponto de vista traumático, mas das permanentes exigências de mudanças constantes de adaptação a ambientes profissionais, sociais ou íntimos, de uma sociedade exigente em tecnologia, sustentabilidade, fama e sucesso.

Vale ressaltar que as abordagens dos estudos sobre superação relacionados à educação se referem sempre à superação de fatores da educação, e são apresentadas problemáticas do contexto educativo e suas propostas de superação. Fala-se, por exemplo, da superação do analfabetismo e dos obstáculos que impedem o êxito do fenômeno educativo. Não há engendramentos de superação no sentido de

reforma do sujeito em relação à vida e suas demandas e, tampouco do papel da escola frente aos processos pessoais de superação.

Conforme o paradigma da complexidade, a educação não deveria dissociar vida pessoal da vida escolar, solapando as necessidades de entendimento desse sujeito que leva para a escola suas dores, traumas e problemas. Em nosso entendimento, o sujeito que aprende (bio-psico-social) deve aprender principalmente a ser protagonista da sua história; a vida em suas diversas facetas é o conteúdo primordial da ação pedagógica pautada nos processos de superação.

Após realizar extensa busca (*scielo*, google acadêmico, *redalyc*, entre outros) sobre trabalhos com características ao que se propõe nesta tese, considerando o período de 2005 a 2015 na América Latina, Estados Unidos, Europa e Ásia, utilizando-se dos idiomas português, inglês, espanhol e francês, não foi encontrado nenhum trabalho que verse sobre uma possível Pedagogia da Superação e que seja posto como antecedente.

Contudo, para a busca de trabalhos, pelo menos, relacionados ao tema exposto, empregou-se a revisão em acervos bibliográficos de renomadas universidades no mundo como *Harvard University*, *Université Paris - Sorbonne*, *Universidad Complutense*, *Universidad Autónoma de México*, etc., assim como nos bancos de teses e dissertações de universidades brasileiras e foram encontrados os seguintes:

Barriers to implementing pedagogical change: the role of teacher's perceptions of risk, de Deidre M. Le Fevre, 2013. Esta pesquisa usa um modelo analítico de risco, para melhor entender porque as iniciativas profissionais de aprendizagem, tratando de mudanças, geralmente falham. Tomar risco é parte da incerteza. A pesquisa revela que se o risco é alto, ou considerado elevado, os professores não se engajam nas práticas desejadas. Portanto, o trabalho demonstra a importância de se desenvolver uma capacidade para identificar riscos, e reduzir o nível de percepção exagerada dos mesmos. Para a adoção de legítimas mudanças, o ambiente de suporte no entorno dos professores precisa ser evidenciado e assumido.

Transformational leadership education and agency perspectives in business school pedagogy – a marriage of inconvenience, de Denis Tourish, 2010 – *Bjrm British Journal Of Management - University of Birmingham*. O tema critica a busca de uma transformação da liderança a partir de uma revisão literária, partindo de uma pesquisa

nos sites de 21 escolas-líderes do tema liderança no mundo e de duas apresentações de alunos da escola de negócios do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) e *Stanford University*. Na avaliação dos autores, existem dois pontos de transformação de lideranças que precisam ser investigados e reinterpretados: são tensões não resolvidas entre o interesse coletivo versus os interesses individuais. O tema propõe que professores adotem propostas mais críticas, relacionais e reflexivas, em que a liderança seja estudada como um fenômeno de coconstrução.

Teaching grit: how to help students to overcome inner obstacles – Edutopia – George Lucas Educational Foundation. Vicki Zakrzewski – Education director to UC Berkeley’s greater good science center. Este trabalho trata do aspecto das emoções que ajudam decisivamente no resultado das tarefas. A autopercepção é essencial na superação dos obstáculos. Educar para o otimismo é uma ação pedagógica fundamental. Atos como respirar profundamente promovem um acalmar das emoções, permitindo dar sequência na tomada de consciência daquilo que precisa ser feito para se superar algo. O pesquisador também descobriu que crianças com alta dose de resiliência têm ótimo senso de humor. Compartilhar eventos positivos, da mesma forma, se constitui numa ação efetiva para a superação. Educar para a coragem.

Além dos trabalhos citados, encontrou-se na Plataforma Sucupira da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) estudos que merecem destaque, como a dissertação de Oliveira (2013) “*A música como superação do pessimismo na estética de Schopenhauer*”, do Programa de Pós Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura – IFAC, da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

O referido trabalho avalia como a compreensão de Schopenhauer acerca do mundo, ora descrito como Vontade, ora como representação, determina o ser do homem como ser de carência e permite pensar a arte como superação do sofrimento. O estudo descreve a perspectiva de travessia do estado determinista da própria finitude do humano para o estado de superação de todo sofrimento e insatisfação. Apresenta a metafísica da música elaborada por Schopenhauer como único meio de alcance do conhecimento da essência do mundo e do homem. Desse modo, propõe a música genial como a única via para a libertação do homem.

Além dessa investigação, o trabalho intitulado “*Dignidade e ensino religioso: um olhar a partir da educação para a superação*”, de Fontanive (2008), do Programa

de Pós-Graduação - Mestrado em Educação, da Fundação Universidade Regional de Blumenau/SC, confirma que no cotidiano escolar é possível identificar diferentes espaços de exclusão, agressão, omissão e discriminação, que atentam contra a dignidade das pessoas. Assim, a pesquisa propõe que toda ética que se pautar na alteridade pressupõe uma educação da escuta, acolhimento e compromisso em perceber o rosto do outro como uma exigência a trazer possibilidades de superação para a construção da dignidade humana. O objetivo da referida pesquisa foi identificar como a dignidade humana, entendida como um elemento circunstancial dos princípios da Ética da Alteridade se fez presente em um conjunto de atividades na perspectiva de uma formação continuada em Ensino Religioso e contribuiu com referenciais teóricos e práticos para o conjunto da educação escolar.

Ambos os trabalhos trilharam, dentro de seus objetivos, pelo desvelamento dos processos de superação do sujeito através de meios de acesso. O primeiro aborda a condição humana de sofrimento na adaptação do mundo natural para o mundo cultural e, dentro dos fundamentos de Schopenhauer, propõe a música para a superação desse sofrimento. Já o segundo entra especificamente no contexto educativo e investiga as contribuições da Ética da Alteridade para a superação dos problemas que afetam a dignidade humana dentro do espaço escolar. Nesse sentido, o meio de acesso para a superação, no primeiro trabalho estaria na música e, no segundo trabalho estaria na educação religiosa, nos fundamentos da ética.

Portanto, encontram-se, nos trabalhos citados, importantes cotejos para esta pesquisa. Em tais trabalhos é possível identificar aspectos que fazem parte deste estudo e que corroboram com alguns pontos desta abordagem. Considera-se, contudo, que por ambição acadêmica ou, talvez, por atrevimento derivado do senso comum, do vivido e sentido, o estudo engloba diversos aspectos e fatores que estão relacionados aos processos de superação e seu vínculo com a educação – itens que os trabalhos anteriores não contemplam.

Dessa forma, como objetivo geral esta investigação pretende estudar os fatores essenciais que levam as pessoas à superação, propondo uma pedagogia como meio de acesso a esses fatores. Com isso, objetiva-se oferecer à sociedade uma reflexão sobre as possibilidades de superação através da educação.

De forma específica a investigação busca:

- 1) identificar como os indivíduos, sujeitos investigados, encaram a superação.
- 2) encontrar fatores comuns nos casos estudados que configurem um padrão de êxito.
- 3) avaliar aspectos determinantes no papel de líderes, educadores, da comunidade e sociedade na superação.
- 4) oferecer uma proposta para a superação tanto em circunstâncias individuais, empresariais e organizacionais, quanto pedagógicas.

Para mergulhar no universo dos aspectos que permitem ao ser humano estruturas de enfrentamento para superar desafios, adversidades, traumas, frustrações e problemas, este trabalho seguiu os referenciais teóricos que oferecem reflexões sobre a autonomia e formas de empoderamento do homem na perspectiva do sentir-se bem, na busca de equilíbrio emocional perante os desafios da vida. Para isso, nos valem os conceitos de Esperança e Autonomia de Freire (2011, 2002, 2002) quando analisa as imposições e injustiças sociais que colocam o homem na condição de oprimido, mas que este, por sua natureza humana, é capaz de superar tal condição.

A partir da concepção holística do homem e da aprendizagem como processo de mudança consciente de atitude e comportamento foram extremamente importantes os conceitos teóricos de Morin (2011, 2008, 2006, 2002, 2000) em relação à Complexidade, especificamente ao que está ligado à desordem e ao imprevisto em todas as coisas. Toma-se desse autor a perspectiva de compreensão do mundo, que tenta entender as mudanças contínuas da realidade e não pretende negar a multiplicidade, a aleatoriedade e a incerteza, e sim conviver com elas.

Seguindo o trajeto teórico, são utilizados os aportes de Makiguti (2004, 2002, 1995) sobre a Criação de Valores para se construir um mundo possível de ser habitado. Prestou significativo esclarecimento para demarcar os cenários de uma pedagogia da felicidade a partir dos conceitos de Bem, Benefício e Beleza dentro das dimensões: material, estética e ética.

Por conseguinte, a construção do marco teórico abraçou os conceitos teóricos de Viktor Frankl (2013, 2012, 2010) nos aspectos alusivos à sua logoterapia, trabalhando os conceitos de resiliência e a dimensão noética do homem, visto como

unidade múltipla e sobretudo a busca de sentido como motivação primária para a superação.

A partir do diálogo entre os autores Morin, Frankl, Makiguti e Freire, com casos estudados, foram estabelecidos neste trabalho cinco fatores de superação. Estes fatores são considerados vitais na condução de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas, na educação para a superação. Os referidos fatores são fruto das reflexões construídas durante a pesquisa, das realidades observadas, da trajetória incansável e militante por uma proposta de educação que promova os alicerces da superação.

Em especial, os cinco fatores de superação estão ancorados na ideia de que a formação do educador prima pelo “trabalho com os outros”. Portanto, se busca demonstrar a necessidade de líderes pedagogos para o êxito de qualquer caso de superação. Sejam esses líderes os educadores, os pais, familiares, membros da sociedade, ou mesmo professores e mestres na formação em educação. Com base nessa ideia, um pedagogo da superação precisará elevar consideravelmente as forças interiores de um ser humano ou de uma equipe a partir de:

- 1 – Princípio de Superação;
- 2 – Plano de Superação;
- 3 – Conteúdos Estratégicos de Superação;
- 4 – Procedimentos Superantes;
- 5 – Atitudes Superantes.

Para reunir esses fatores descritos, utilizou-se da metodologia da pesquisa de natureza qualitativa e o método de estudo de caso, pois se buscou verificar a aplicabilidade dos conceitos destacados em uma situação já existente. A pesquisa se sustenta através do paradigma fenomenológico de Husserl (1992) e Van Manem (2003). Dessa maneira, se coletou dados a partir de entrevistas diretas e coleta de informações *in loco* e a busca de casos de superação foi através de fontes biográficas digitais e impressas. Após essa etapa, se empregou a Análise Temática de Conteúdo e de Categorização dos cinco fatores de superação, a partir de Bardin (2011) e Minayo (2007).

Os casos estudados são públicos, portanto diversas fontes brindaram dados para análise. Contudo, apesar de serem casos de conhecimento geral, foram feitas

entrevistas pessoalmente, no caso do acidente na Boate Kiss, e contato direto com alguns casos. Após o estudo dos casos, recorreu-se a um trabalho de validação e compartilhamento dos estudos junto à sociedade. Desse modo, três eixos metodológicos atravessam a pesquisa: estudo bibliográfico, estudo dos casos e experimentação e comprovação junto à sociedade.

Dentre as hipóteses encontram-se:

V1 – É impossível superar os desafios e o ambiente competitivo isoladamente; a capacidade de atrair ajuda, através da cooperação, e o papel das comunidades tem impacto fundamental no processo de superação.

V2 – A partir da superação de aspectos médicos, traumáticos ou físicos, a superação mental vai exigir o desenvolvimento de foco e concentração em trabalho, obra e criação a partir de talentos e habilidades desenvolvidos;

V3 – A superação será dependente da existência de líderes, educadores ou pessoas que estejam nesse papel, e para isso será exigida uma formação exclusiva perante a circunstância dada.

Pelo exposto, este documento se desenvolve a partir da seguinte ordem de apresentação:

Este primeiro capítulo apresenta o delineamento de todo trabalho realizado, além dos princípios norteadores e das motivações. Em seguida, o segundo capítulo expõe o marco teórico que fundamentou e conduziu todas as análises da pesquisa. Dentro do mesmo capítulo se exibem as proposições da Pedagogia da Superação.

O terceiro capítulo está dedicado a demonstrar as eleições e percurso metodológico da pesquisa realizada. Neste capítulo se explicam os critérios de busca e análises dos dados e as subjetividades inerentes às especificidades deste trabalho, além dos referenciais de ocorrência dos fatores de superação encontrados nos casos estudados e do compartilhamento dos resultados perante a sociedade.

O quarto capítulo descreve o estudo dos casos, considerando os destacados casos do Senhor Nishimura, Alexandre Costa, Pelé e Dona Jô Clemente, além do caso comunitário do incêndio na Boate Kiss e seus cinco subcasos.

O quinto capítulo vem com a discussão dos resultados, apresentando as devidas correlações entre os fatores de superação encontrados nos casos e nas teorias fundadoras e os objetivos e supostos elaborados neste trabalho.

Na conclusão desta investigação se integram os cinco fatores chave a serem desenvolvidos com as pessoas superantes, com os fatores-chave da preparação dos papéis do líder pedagogo da superação. Desse encontro se obtém uma proposta que permitirá ajudar a muitos seres humanos na permanente e eterna luta com as realidades naturais, competitivas, e do simples fato de estar vivo.

A partir dos insumos resultantes da pesquisa, se propõe uma prática pedagógica para superação. Tal proposta está composta de cinco etapas a serem seguidas pelo grupo de superantes e mediadas pelo educador da superação. A primeira etapa se refere à construção do diagnóstico situacional do grupo de superantes, da sensibilização e encorajamento para o desenvolvimento do trabalho. A segunda etapa tem como objetivo a formação de uma identidade grupal, e começam-se os trabalhos de integração visando o clima de confiança e sentimento de pertencimento ao grupo. Esta etapa está respaldada pelo Princípio de Superação.

A terceira etapa da proposta de superação consiste no reconhecimento das fortalezas e debilidades de cada um para a busca de novos sentidos. Realiza-se um trabalho de organização das competências dos superantes para se traçar o plano de felicidade. Para isso, os superantes devem conhecer e desenvolver em diversas atividades os conteúdos estratégicos de superação (amor, labor, ética e estética).

A quarta etapa está pautada nas ações realizadas pelos superantes. Se na terceira etapa prevalece o reconhecimento e a formação das capacidades, na quarta etapa prevalecem as construções, as obras dos superantes que confirmam essas capacidades. Estas ações se desenvolvem tanto de forma concreta quanto no campo emocional/comportamental.

Culmina-se o trabalho de superação na quinta etapa, quando o superante já conquistou nas atividades propostas as competências e habilidades que o tornam um desbravador das situações impostas pela vida. Nesta etapa o superante deve apresentar suficiente grau de autonomia a ponto de torná-lo grande interessado pela vida.

2 MARCO TEÓRICO

No elencar dos marcos teóricos desta pesquisa há um fio condutor conectando tempo e avanços conceituais, de maneira que, para propor uma Pedagogia da Superação, a construção dos fundamentos teóricos se assentam sobre quatro pensadores fundamentais: Viktor Frankl (2013, 2012, 2010); Tsunessaburo Makiguti (2004, 2002, 1995); Paulo Freire (2011, 2002); e Edgar Morin (2011, 2008, 2006, 2002, 2000), compondo o diálogo entre autores com as contribuições de Paul Feyerabend (1977), Kelvin Stewart Beckett (2013), Thomas Erling Peterson (2012), Sarah Galloway (2012), Izhak Berkovich (2014). Também foi incluído no diálogo o Prof. Dr. Daniel Goleman da Universidade de Harvard, criador do conceito de Inteligência Emocional.

Faz-se necessário explicitar que o tema superação não tem, aqui nesta investigação, um foco exclusivo sobre os graves traumas humanos, em que o sofrimento físico e psicológico faz com que uma pessoa, grupo, ou mesmo nações inteiras padeçam de dores concretas. Primordialmente está envolvida a necessidade da consciência da superação como uma meta de evolução. Portanto, enxerga-se a superação como desde o desenvolvimento de um ser humano a aprender e ensinar a própria “eutrapelia”³. Assim, o alinhavo teórico busca a seguinte lógica:

De Freire (2011), coteja-se a “Pedagogia da Esperança”. O pedagogo brasileiro afirma: “não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2011, p. 36). O cansaço existencial, o inédito viável e “o que pode ser feito agora para que se faça amanhã o que hoje não pode ser feito” (FREIRE, 2011, p. 38) traz também da sua pedagogia do oprimido a reflexão da “anestesia histórica” e a superação do medo. Nos casos da superação, uma percepção de mundo de que os opressores ou a opressão pela qual a pessoa ou o grupo é tomado, ser algo imbatível, ou com poderes insuperáveis, só termina por fazer as pessoas acreditarem menos em si mesmas. Está na compreensão crítica a proposta de Freire para “ajudar no processo pelo qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é a esperança que nos move” (FREIRE, 2011, p. 68).

³ Eutrapelia: capacidade humana da vitória, da alegria, da sensibilidade ascensional, do bom humor e da irreverência curiosa e investigativa na busca de descobertas inovadoras e prazerosas. Em síntese, competência maior de felicidade íntima da alma humana.

De Morin toma-se a análise que diz respeito à complexidade humana, além dos setes buracos negros da educação: O Conhecimento, O não ensino de um conhecimento pertinente, A Identidade Humana, A Compreensão Humana, A Incerteza, A Condição Planetária e o que é intitulado de Antropo-ético. Estes aspectos, infelizmente, são completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos. Entretanto, fornecem auxílio apresentando crítica aos paradigmas educativos que solapam a complexidade da aprendizagem humana. Principalmente, interessa o buraco negro, a incerteza. É necessário ensinar o que se chama de ecologia da ação. Não é possível prever o futuro – o que nos resta, portanto, é aguardar o inesperado e ver que o imprevisto está sempre por vir.

Makiguti confere grande importância neste trabalho quando aborda a verdade, o bem e a beleza para “refletir epistemologicamente a relação entre cognição e avaliação da experiência, com o desenvolvimento de um sistema pedagógico de criação de valores para a felicidade” (MAKIGUTI, 2009. p. 38).

Makiguti fala na sua pedagogia da felicidade que “as flores de lótus emergem do lodo, e conhecimento é o que se dá no sujeito que se conhece e conhece o mundo” (2009, p. 30). A partir desta afirmação metafórica tem-se o alinhavo perfeito que sustenta a proposta da Pedagogia da Superação, pois não é possível pensar o projeto de enfrentamento das intempéries da vida sem que o ser humano desenvolva a capacidade de autoconhecimento.

Finalmente, parte-se do referencial de Viktor Frankl, que criou a chamada análise existencial, que tem como objetivo o esclarecimento da existência, enfatizando possibilidades de se realizar o sentido da vida. A obra de Frankl, fundador da terceira Escola Vienense de Psicoterapia (depois das Escolas de Freud e Adler), pode ser chamada também de Logoterapia. Esta obra afirma a “autonomia da existência espiritual” e disso decorre o “senso de responsabilidade”. O ser humano é, em essência, ser-responsável. “O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido, e cessa quando deixa de ser responsável” (FRANKL, 2013, p.19).

Freire, Frankl, Makiguti e Morin, nesses aspectos, em todas as suas obras, há algo que poderia ser a síntese de todas as sínteses. Em Makiguti atua a importância do local, da geografia, da comunidade; em Freire surge a evidência da necessidade de um projeto pedagógico, e que evite líderes “intelectualistas, verbalistas e

blablablantes”. Dessa forma tem-se, dos autores nomeados, os insumos e os ingredientes para a construção da Pedagogia da Superação, do ponto de vista epistemológico, filosófico e pedagógico.

2.1 A Pedagogia da Esperança como ponto de partida para Pedagogia da Superação

A proposta da Pedagogia da Superação dialoga com os princípios da Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire. Desta maneira, se parte das características dessa base, que é pensar o ato educativo como ato libertador, que promove a autonomia, a conscientização da pessoa humana e suas relações com o mundo para alinhar e discutir, por conseguinte, a Pedagogia da Superação.

A Pedagogia da Esperança de Freire (2011) recupera os temas discutidos anteriormente na obra Pedagogia do Oprimido (2005), a qual fala de suas andanças pelo mundo, de suas experiências e os atualiza numa perspectiva crítica de compreensão da pós-modernidade. Por isso o subtítulo “Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido”. A obra está dividida em sete partes, além das primeiras palavras e notas que apresentam alguns detalhes para melhor esclarecimento aos leitores e leitoras, no decorrer da leitura. Em Primeiras Palavras, o autor refere-se à obra de forma positiva, quando diz tê-la escrito com raiva, com amor, sem o que não há de esperança.

A esperança é ressaltada nas Primeiras Palavras de Paulo Freire, como um elo entre os sonhos e a realidade. Assume, nesse primeiro instante, um compromisso de provar a necessidade de a esperança ter seu espaço na educação. Pois, através das relações históricas, econômicas e sociais é perceptível a real importância que a mesma tem, ao passo que não é inegável que se vive hoje um momento de lutas por um mundo melhor. Nesta mesma parte da obra, Freire explica a proposta da Pedagogia da Esperança, considerando o cenário sociocultural brasileiro quando questionado sobre sua validade num contexto de tamanha desesperança.

[...] deve haver um sem-números de pessoas pensando como um professor universitário antigo meu que indagou espantado: “Mas como, Paulo, uma *Pedagogia da Esperança* no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil? É que a democratização da sem vergonhice que vem tomando conta do país,

o desrespeito à coisa pública, a impunidade se aprofundaram e se generalizaram tanto que a nação começou se por de pé, a protestar. [...] Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. (Freire, 2011, p. 14)

Freire (2011) é muito claro quando expõe que a esperança e a educação são interlocutoras para as ações e atitudes da sociedade, principalmente os oprimidos que são reprimidos. A liberdade é uma consequência; o opressor se libertará, quando libertar o oprimido.

Ainda na concepção de Freire, a educação em vista da libertação, enquanto práxis autêntica é simultaneamente um ato de conhecimento e um método para a transformação que os homens devem exercer sobre a realidade que procuram conhecer. Assim, a educação ou a ação cultural em vista da libertação é uma práxis social; faz-se e refaz-se ela própria no processo autêntico da sua própria existência.

Freire (2011) é contra as estruturas sociais, práticas e relações que forçam pessoas a aceitar tradições ou as desencoraja a questionar. A pedagogia de Freire é constituída pelo ponto de vista dos estudantes sobre o mundo, e ajudá-los a superar seu aprendizado de opressão. Neste olhar, superar significará sempre uma libertação de opressões. Mais que isso, apresenta à sociedade educativa sua esperança de humanização da escola, de ressignificação de um espaço que durante anos foi espaço de propagação de ideologias dominantes, de ocultação das pluralidades e singularidades dos indivíduos. A partir das ideias de Freire o que interessa nesse espaço é o projeto de felicidade e convivência. Retratado no poema A Escola⁴:

Escola é

... o lugar que se faz amigos.
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é sobretudo, gente
 Gente que trabalha, que estuda
 Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

⁴De acordo com os filhos de Paulo Freire, esse poema não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. No final da palestra aproximou-se dele e lhe entregou o papel, sem se identificar. Freire nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema. Informação disponível no *site* oficial do Instituto Paulo Freire.

O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Tem-se, a partir da ideia de Freire do ato educativo como ato de libertação, o ponto de consonância com a proposta da Pedagogia da Superação, pois o ato de superar está para os desafios e dificuldades da vida como o ato de libertar está para os processos de opressão e alienação do homem. Desse modo, o que a Pedagogia da Superação tem como base é exatamente promover uma educação que possibilite resgatar, através da conscientização, o poder que cada um de nós tem de enfrentar as adversidades que nos cerca durante a vida. Portanto, a tarefa deste trabalho, desenvolvido ao longo de alguns anos, é mostrar que isso é possível, que intencionalmente pode-se preparar pessoas para compreender e superar desafios permanentes e presentes de superação, tanto nos aspectos íntimos, sociais, naturais, como na incerteza.

2.2 Makiguti e a Pedagogia da Felicidade

Para Makiguti (2009) o conhecimento de segunda mão, o científico, é limitado. As formações cognitivas e racionais são interpretações do universo, daquilo que pode ser absorvido por um ser humano, do ponto de vista material e espiritual. O contato com o mundo, ali reside o legítimo conhecimento.

Uma pergunta chave existe para a pedagogia da felicidade: “se eu estivesse no seu lugar o que sentiria?” Makiguti afirma que:

Em nossa interação simpática com o nosso ambiente, deveríamos considerar as pessoas, animais, árvores, rios, pedras da mesma clareza como a nós mesmos e perceber que nós temos muito em comum com eles todos. Tais interações causam-nos admiração, se não pensarmos conscientemente, se eu estivesse em seus lugares, o que eu sentiria ou faria? A interação simpática ocorre, portanto, quando nós encontramos essa pessoa ou objeto num nível emocional profundo e somos capazes de nos colocar na posição da pessoa ou objeto, talvez considerando o outro como alguém de nossa própria espécie, uma parte de nós mesmos (MAKIGUTI, 2004, p.125).

A felicidade para Makiguti “não se trata de uma felicidade que se projeta para o futuro” (MAKIGUTI, 2004, p. 128). Para ele, a felicidade diz respeito principalmente à capacidade prática de julgar o que é bom ou não para a vida, de valorar, de avaliar a experiência vivida, levando em conta não apenas os objetivos individuais como também a sociedade. Da mesma forma, Kant (1989) entendia que era importante considerar o dia a dia para termos uma dimensão feliz na vida humana. Assim como a felicidade determina o caminho para o sucesso na superação, essa tal felicidade é resultante de como somos capazes de progredir diante de obstáculos que o viver nos coloca à frente.

Makiguti define a grande sabedoria da sua pedagogia da felicidade no permitir criar-se e ser criado pelas realidades do entorno. Acrescenta o poder humano da criatividade, da criação de valor e que esse poder só pode ser acessado ao aprendermos a viver cotidianamente felizes:

Primeiramente devemos observar que a criatividade parece ser uma característica peculiar à educação do homem. Muitos animais são orientados pelos pais, sendo possível até suplantarem o homem nas destrezas que desenvolvem, mas seu comportamento é instintivo e passa de geração a geração, seguindo os mesmos padrões de associação. Mudanças comportamentais em animais provocam modificações físicas no organismo, o que caracteriza evolução. Já a aprendizagem humana não é estruturada na conformação corporal ou na informação genética. As habilidades que uma geração aprende por si mesma não são transmitidas para a próxima, a não ser através da educação. Essa natureza comparativamente aberta e estruturada da

aprendizagem é o fator principal no desenvolvimento da criatividade humana (MAKIGUTI, 2004, p. 99).

O ambiente, o entorno e a aprendizagem de valores⁵ são ingredientes primordiais na formatação de uma Pedagogia da Superação.

Em vista das reflexões epistemológicas (a origem do conhecimento) e axiológicas (valores predominantes numa sociedade), tão fortemente marcadas na obra de Makiguti (2004), podem-se considerar algumas de suas contribuições para uma pedagogia da felicidade. A primeira diz respeito a inverter, no mundo contemporâneo, as proposições de educação. Levando em conta o sistema pedagógico makigutiano de criação de valores “bem, benefício e beleza”, o educador deve posicionar o educando no centro dessa pedagogia, orientando-o no sentido de suas necessidades subjetivas, de aprimoramento e desenvolvimento de suas capacidades latentes; de suas necessidades materiais, de busca por sua realização profissional; e do bem coletivo, uma vez que esses valores devem contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Disso decorre uma segunda implicação, a de que a felicidade humana não pode estar voltada para fins de estado e do mercado e sim para a realização de uma civilização humana. A aprendizagem precisa fincar o sistema da criação de valor e o conhecimento científico no que se chama “comunidade de vida”.

Tornar-se a pessoa que se é, segundo Makiguti, é constituir-se como humano no lugar de seu enraizamento, tal quais as plantas retiram os seus nutrientes da terra para crescer. A comunidade é o lugar em que a vida acontece, em que os compromissos são estabelecidos cotidianamente, os acordos e os códigos construídos entre pessoas que convivem no mundo.

Makiguti oferece argumentações não só convincentes como comoventes sobre a condição humana na Terra. A relação do homem com o conhecimento é inicialmente sensível, de primeira mão. É no local onde se vive que se vê a paisagem, o céu, os rios e lagos, as montanhas e montes; que se respira o aroma das flores; que se sente a chuva tocar o corpo e o sol arder na pele. É possível ouvir o canto dos pássaros. Também há de se resolver a falta d'água, a escassez de alimento, construir uma ponte

⁵ O benefício material como valor dado às coisas das quais os homens necessitam e desejam como dimensão importante da vida, no domínio dos desejos mundanos ao lado do bem, valor socialmente construído, que também se traduz em ganho coletivo, e da beleza, valor sensorialmente percebido pelo indivíduo que leva ao aprimoramento de suas qualidades subjetivas, guardando relação com a arte.

para atravessar o rio. Igualmente é preciso conviver, acordar, recrudescer, contemporizar com questões que surgem entre pessoas que convivem diariamente na comunidade. Tudo isso forma o *background* com o qual o homem lê, compreende o mundo e aprende a viver.

2.3 FRANKL: O que a Logoterapia nos ensina sobre Superação?

Na literatura, é considerado um marco histórico o filósofo e psiquiatra alemão Viktor Frankl (2013), que a partir de uma experiência tenebrosa, nos campos de concentração nazistas durante a segunda guerra mundial, se viu “reduzido à existência nua e crua”. Seu pai, irmão, mãe e esposa foram assassinados em campos de concentração e crematórios. Suas experiências fizeram nascer a “logoterapia” e a questão era:

Como foi que ele - tendo perdido tudo o que era seu, toda a sua família, com todos os seus valores destruídos, sofrendo fome, frio e brutalidade, esperando a cada momento a sua exterminação final, conseguiu encarar a vida como algo que valia a pena preservar? (FRANKL, 2013, p. 5).

Viktor E. Frankl (2013), nascido em 1905 e falecido em 1997, foi professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Viena, e também professor de Logoterapia na Universidade Internacional da Califórnia. É fundador da Logoterapia, muitas vezes chamada de “terceira escola vienense de psicoterapia” (as duas primeiras são a Psicanálise de Freud, e a Psicologia Individual de Adler). Lecionou ainda nas Universidades de Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Esteve no Brasil em 1984, publicou 32 livros, traduzidos para mais de 27 línguas, além de mais 151 outros livros publicados por outros autores sobre Viktor Frankl (2013).

A busca de sentidos, para Frankl (2013), é o que pode trazer “a produção de um compromisso entre as requisições do inconsciente, por um lado, e as exigências ou o fracasso da realidade, por outro. Com isso, a adaptação da vida pulsional à realidade efetiva”. O “ser eu” significa “ser-consciente” e “ser-responsável”. Max Weber (2012, p. 38) definiu que “a saúde de um homem depende do preenchimento de seus valores mais elevados possíveis”, e J. H. Schultz (1980, p. 56) salientou as

“camadas valorativas existenciais mais elevadas”, e disse: “Quem está acomodado nessas camadas pode sofrer, sem se tornar doente, sem se tornar neurótico”.

O apocalíptico holocausto ao qual o já psicólogo, filósofo e psiquiatra Viktor Frankl (2012) foi submetido, nos campos de concentração nazistas, terminaram por oferecer um laboratório real, que fez com que aprofundasse a questão da superação na escolha e definição de sentidos de vida como a força maior e predominante, mesmo no instante último da própria morte. Frankl explana:

Em suma, é evidente que não é apenas a situação do sistema imunológico que depende da situação afetiva. Ao contrário, a situação afetiva depende também da motivação. A quão decisiva, contudo, pode ser a motivação precisamente em situações-limite da existência humana é algo que vem à tona a partir de experiências que foram feitas nos campos de prisioneiros de guerra. Uma série de psiquiatras constatou que, tanto no Japão quanto na Coreia e no Vietnã do Norte, os prisioneiros que mais tinham chances de sobreviver eram aqueles que estavam orientados para um sentido com o qual eles haviam se comprometido (FRANKL, 2012, p. 248).

Isso também foi confirmado pelos três oficiais americanos que tinham sobrevivido ao mais longo aprisionamento no Vietnã do Norte (até sete anos) e, tal como o acaso queria, foram seus estudantes na *U.S. International University*, na Califórnia. Lá, eles relataram expressamente as suas experiências em seminário e o resumo consonante dizia: foi a orientação pelo sentido que os mantinha em última instância vivos. E a bibliografia internacional sobre os campos de concentração lhes dá razão. As estatísticas atuais apontam no mundo um suicídio a cada 40 segundos (CHADE, 2014).

Por isso se tem estudado suas obras: *Logoterapia e Análise Existencial* (2012); *Em busca do sentido* (2013); *Vontade de sentido* (2013); e *O que não está escrito nos meus livros* (2010). As descobertas de Frankl são confrontadas com os casos estudados nesta investigação, desde o trauma comunitário de toda uma sociedade, como na cidade de Santa Maria e pelos exemplos pessoais de superação, além do próprio autor desta investigação, dos fundadores de grandes empresas com legados que extrapolam os aspectos materiais e financeiros – Shunji Nishimura; A fundadora da APAE – Associação de Pais e Amigos de Excepcionais, no Brasil, Dona Jô Clemente; Alexandre Costa, um jovem de classe média que cria um império na

franquia de chocolates. Todos os casos e exemplos improváveis que apontam para a possibilidade superante, nas mais distintas situações adversas. O que está por trás do pensamento, das ações, das forças que permitiram o progredir, o crescer e o transformar o inédito inviável no inédito viável representará a oferta objetiva para educadores e para a sociedade: o que se aprende com os superantes e como se pode ensinar e criar superação em seres humanos que não conseguiriam encontrar por suas próprias forças esses caminhos.

2.4 Contribuições de Edgard Morin

Dentre todos os pensadores trabalhados nesta investigação, um deles em particular oferece as provocações mais determinantes deste estudo: Edgard Morin, filósofo e sociólogo, e Presidente da Associação para o Pensamento Complexo. Ao reunir as contribuições de cada teórico, após a pesquisa com os grupos de estudo, e ao focar numa proposta de enfrentamento da superação sob uma angulação da pedagogia; o seu manifesto “*pour changer l’éducation*”⁶ traz como sua essência uma recomendação considerada extremamente pertinente para o desenvolvimento de soluções implementadoras na questão: “*Ceserait plus qu’une réforme, plus riche qu’une révolution, une métamorphose*”⁷ (MORIN, 2011, p. 122). Esta constatação se dá, pelas evidências de buscar trazer para a prática pedagógica, na questão da superação, o saber, o viver, o pensar e o agir.

Morin (2006, p. 24) sintetiza e define: “a reforma do conhecimento e do pensamento depende da reforma da educação que depende da reforma do pensamento e do conhecimento”. A regeneração da educação depende da regeneração da compreensão que depende da regeneração da vontade, dos desejos.

Todas as reformas são interdependentes. É ruim desenvolver um ciclo vicioso desencorajante. É bom desenvolvermos um ciclo virtuoso encorajador da conjunção de saber viver.

⁶ Pela mudança na educação.

⁷ “Seria uma reforma, mais rica do que uma revolução, uma transformação”.

- 1- Compreender, enfrentar a incerteza, conhecer a condição humana, conhecer nosso mundo globalizado, possuir fontes de moral que são a solidariedade e a responsabilidade.
- 2- É preciso reparar a nossa civilização a descobrir a parte submersa, como num iceberg, e defender e proteger os seus.

Tudo isto significa o encorajamento de um grande círculo virtuoso, ao lado da vontade de cumprir uma missão histórica de saber, viver, pensar e agir, no século XXI. Reconectar as ciências é o desafio do desenvolvimento da implementação para uma Pedagogia da Superação. Portanto, a vontade e o desejo são os fios condutores para a revolução pedagógica do conhecimento e do pensar.

Encorajar para enfrentar a incerteza, a causa da resiliência é uma transformação vinda a bordo dos desvios, das bordaduras, das periferias do saber, para o seu centro. Ou seja, de um “*patchworking*” pedagógico a ser apontado e posteriormente desenvolvido sob o ponto de vista pedagógico. Não superar representa no ápice da condição humana a mais ampla de todas as humilhações, pois representará se render ao movimento da natureza humana, do viver, ou seja: “o mal moral mais cruel” (MORIN, 2011, p. 119).

Dos sete saberes de Morin (2000), abordando os sete buracos negros da educação, dois deles, em particular, remetem a pontos em comum para a construção de uma Pedagogia da Superação: aprender a enfrentar a incerteza e a condição humana.

Morin exclama: “este buraco negro da condição humana me deixa estupefato” e “o terceiro buraco negro me deixa estupefato”. (MORIN, 2000 p. 27). Esta terceira sabedoria trata do fato de não sermos ensinados para a condição humana. Na universidade, afirma:

Identifica-se o homem biológico mediante o estudo do cérebro; o espírito é analisado pela psicologia; a cultura, as ciências das religiões formam o objeto da sociologia. Tudo isso se encontra inteiramente separado, disjunto e desintegrado (MORIN, 2000, p. 30).

A religião de conhecimentos e das disciplinas, a conexão do homo sapiens com o *demens* (delirante), do homem *faber* com o *ludens* (o fabricante com lúdico), e

do homem *economicus* com o *mythologicus*, o que sonha, imagina e inventa mitos, se faz necessário.

Morin insiste que o ensino da compreensão é crucial, “se estivermos de acordo sobre a ideia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.” (MORIN, 2000. p. 84).

Não somos ensinados a compreender a humanidade. Culturas diferentes, contingências distintas. Temos uma forte tendência a colocar a culpa no outro. Costumamos reduzir o outro às suas características negativas. Frequentemente fazemos o “*self deception*”, a automentira, o autoengano, assim nos agradamos, e jogamos fora o que nos é intimamente desagradável.

Em nenhum lugar é ensinado o que é a condição humana, ou seja, nossa “identidade de ser humano”. E sobre as incertezas, Morin (2000, p.102) ilustra: “o que se ensina são as certezas e não aprendemos a enfrentar as incertezas”.

Como exemplificação, Morin escreve:

Mais próximos de nós, durante a segunda guerra mundial, a Alemanha desencadeou uma ofensiva em junho de 1941 contra a União Soviética. Penetrou facilmente na região. A chegada de um inverno particularmente precoce e rigoroso imobilizou o exército alemão. Nesse momento Stalin, confiou num espião que lhe informou que os japoneses não atacariam a Sibéria. Com isso, ele enviou a Moscou novas tropas vindas do extremo oriente. Por que Hitler retardou em um mês a ofensiva sobre a URSS, prevista para maio? Retardou por que houve em Belgrado um golpe de estado contra o acordo que o regente Paulo havia concluído com a Alemanha hitlerista a fim de deixar passar pelas tropas alemãs, que iriam para a Grécia para auxiliar Mussolini. Neste momento, a Sérvia denunciou o pacto, a aviação alemã bombardeou Belgrado e lançou uma ofensiva contra a resistência servia que durou um mês. Esse, como outros exemplos são mais do que suficientes para se reconhecer a necessidade de se ensinar os fundamentos da incerteza (MORIN, 2000, p. 97).

A partir desse mapeamento precioso feito por Morin (2000) das condições da educação atual, escolhe-se esse cenário para propor a Pedagogia da Superação, de maneira que esta teria também como propósito o encorajamento para enfrentar as incertezas, restaurar a totalidade do sujeito, valorizando a sua iniciativa e a sua

criatividade. Neste sentido, a Pedagogia da Superação, em diálogo com as ideias moranianas, traz em seu bojo não apenas o trabalho educativo de renovação do sujeito surrado pela vida, mas também de uma proposta educativa preventiva das dificuldades de enfrentamento do acaso.

Da mesma maneira, os aspectos que fundamentam a superação estariam em torno do ser humano, valorizando o seu cotidiano, o seu vivido, o pessoal, a singularidade, o entorno, o autoconhecimento.

2.5 ABRINDO CAMINHOS: Que educação, que escola, que aluno, que professor?

Dentro da perspectiva da superação, a educação seria um processo de autoconhecimento, de construção de sentido das implicações que nos fazem viver melhor neste mundo. Neste sentido, a escola ou espaço de superação seria um lugar muito parecido com aquele preconizado por Freire, “Lugar onde se faz amigos”. A escola poderia ser qualquer lugar onde se pudesse praticar a palavra, a escuta e a reflexão. Talvez alguns materiais facilitadores do dialogismo, sim, materiais e espaços adaptados para diferentes públicos e idades; por enquanto não há uma estampa definida desse lugar, contudo pode-se pensá-lo, principalmente como o lugar onde se constrói sentidos.

Finalmente se pode traçar o perfil do educador da superação ou, de outra maneira, se pode chamar também de mediador dos processos de construção de sentidos e autoconhecimento aquele que, necessariamente, deverá conter dentro de si as qualidades de um líder.

Qual seria então o papel desse educador voltado agora para a superação, o que significaria ensinar pessoas a criar valor a partir de suas próprias vidas, sob quaisquer circunstâncias, e resumindo valor como: o bem, o belo e o útil?

Na expressão de Platão:

A educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela não existe, como poderiam dotar de vista a olhos privados da visão. O olho não pode virar-se da escuridão para a luz sem que todo corpo o acompanhe. Assim a educação não será mais do que fazer essa

conversão, de encontrar a maneira mais fácil e eficiente de conseguí-la; não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas por estar mal dirigida e olhar para o que não deve, a educação promove mudança de direção (PLATÃO, 2000, p. 518).

Para Platão, aprender é “recuperar um conhecimento muito nosso”. A maiêutica socrática significa o método da pedagogia platônica. Através de questionamentos e perguntas bem preparadas e feitas, será possível fazer reviver, ou lembrar, as ideias já pré-existentes na alma. O que significa a reminiscência platônica.

Para Piaget (2007, p 136), na epistemologia genética, o conhecimento é um processo e não um estado. Isto indica que não ser possível direcionar o conhecer unicamente através de caminhos endógenos, ou mesmo exógenos. Os primeiros ficam regidos por ingredientes de forma a priori, e os outros pelo ambiente. Desta forma, na visão de Piaget, o conhecer, ou o “sujeito epistêmico”, realiza o conhecer, o seu processo cognitivo na proporção com a qual se amalgama com o produto, a coisa, a ser conhecida. Para Piaget, o conhecer envolve etapas mais primárias desde o início sensório-motor até o pensar, refletir, e isso se dá pela interação ser humano e o objeto cognoscível.

O que fica compreensível na leitura e no diálogo dos autores é sempre a presença vital e “*sinequa non*” do educador. Perrenoud (2001) relata uma pesquisa onde se revelava que o sucesso nas escolas de filhos que eram adotados por famílias de funcionários em posições mais graduadas tinham total similaridade com os filhos biológicos daqueles, incluindo a performance escolar e o desenvolvimento intelectual, e eram diferentes dos filhos dos operários de menor escalão. Para Perreneud (2000, p. 92) isso “demonstra o peso determinante do conhecimento adquirido”. A educação, mesmo nas visões mais democráticas e libertadoras, como Freire, concorda com Mayo (2004, p. 34), “alguma instrução é necessária tempo a tempo, especialmente quando os estudantes resistem a prestar atenção no diálogo”. Roberts (1996, p.86) vai ainda adiante e acrescenta que “professores libertadores devem ser autoritativos, mas não autoritários”. Freire (2011, p.154), a respeito do papel fundamental dos educadores, ainda adiciona: “é impossível para mim ajudar alguém sem educar e ensinar alguém a começar a fazer consigo mesmo, o que ele mesmo pode fazer”. Há uma inegável influência e valor fundamental do educador.

Tomando a educação como um corpo muito mais amplo do que no intramuros das escolas, todo tipo de liderança e de sistemas influenciadores reagem e interagem como organismos vivos, conectados, num legítimo padrão de “efeito borboleta”. Superar a resistência para os professores libertadores iniciarem um processo de reflexões críticas é essencial, e como Mayo (2004, p.52) coloca, “educadores e educandos não estão iguais no andar do processo educacional. As vozes dos estudantes, nunca são inocentes [...] elas contêm manifestações dos opressores inconscientes, que devem ser desafiadas”. Sob este ponto será imperativo olharmos a pedagogia na construção de uma autêntica liderança.

Morin (2000, p. 34) questiona, desde o início: “quem educa os novos educadores?”. E, independentemente dos modelos pedagógicos ou dos jogos didáticos, inclua-se a ludo criatividade, o talento diferenciador estará na competência de liderança. Aspecto esse dificilmente abordado e ensinado ao longo da educação formal, mas que, ao tratarmos de um complexo educacional, mais amplo do que os muros da escola, este elemento sintético e de um valor incomensurável estará tangenciando e invadindo toda e qualquer situação humana em vida.

Nos casos trabalhados na investigação, o fator liderança sempre esteve presente, tanto como fator crítico no êxito quanto no não êxito. Liderança essa, em vários casos, invisível, pois constituída enquanto uma hierarquia sólida de valores que permitiram escolhas e tomadas de decisão no direcionamento sintrópico, criador e antientropia. Da mesma forma, essa autêntica liderança é revelada como determinante na condução de pessoas, equipes, e nas delicadas situações de traumas vivenciados por pessoas analisadas nesta investigação.

A expressão trazida por Berkovich (2014), como “*authenticity*”, ou autenticidade, traz para este diálogo de autores um ingrediente de fundamento prioritário, pois como veremos nas propostas finais o fator dentre todos os fatores, para o estabelecimento de uma Pedagogia da Superação, estará na construção desses educadores, e de uma pedagogia que só poderá obter êxito dependendo da envergadura e da visibilidade percebida, conquistadas legítima e autenticamente, por esses “professores”, ou seja, mais do que educadores, precisaremos de líderes educadores.

As principais reflexões de Berkovich são assim concluídas:

Minha primeira proposição era enfatizar o processo dialógico como o principal aspecto de uma longa jornada rumo ao estabelecimento de autenticidade na liderança. Eu acredito que o uso da pedagogia dialógica nas organizações pode contribuir para a promoção de uma organização como uma arena chave para a atualização humana. O diálogo conecta os indivíduos, uns com os outros, e facilita a troca autêntica de experiências (BERKOVICH, 2014, p. 260).

No texto de Berkovich (2014), não está apenas o aspecto de uma pedagogia dialógica, mas inclusiva, e acima de tudo um discurso crítico, incorporando um componente reflexivo crítico, envolvendo angulações políticas e sociais, além da organização da vida. O ambiente do entorno, seja do trabalho ou da escola, ao lado do diálogo irá contribuir para promover o preenchimento humano.

A intenção, e um ato intencional, a intencionalidade “sendo autêntica” solapa qualquer possibilidade de ser bem-sucedida. Nas questões de liderança, autores desafiam que deveríamos mudar a frase “de desenvolvimento autêntico de liderança”, para “desenvolvimento da liderança autenticamente”. Esta sutil mudança privilegiaria o modo, o meio, trazendo a pedagogia dialógica como o caminho para a obtenção do impacto assertivo da implementação do aprendizado.

Autenticidade significa um “*self* verdadeiro”. Os modernos pensadores como Caza e Jackson (2011), Luthans e Avolio (2003), e Gardner et al (2011) sugerem os fundamentos de competências para a liderança como autoconhecimento e autorregulação, aspectos vitais para a autenticidade. São quatro os ingredientes exigidos para a liderança com autenticidade:

- 1 Interiorização dos sistemas regulatórios, a partir do seu intrínseco eu (*self*).
- 2 Procedimentos imparciais de se relacionar com a informação.
- 3 Ações que refletem legítimos valores.
- 4 Transparência nos relacionamentos.

A liderança autêntica é ainda descrita como um componente moral. Críticos não concordam com a possibilidade de esses líderes serem identificados a partir de um padrão determinado, pois seriam vistos como uma entidade essencialista. Tanto Walumbwaetal (2008) como Price (2003) afirmam que os líderes podem ser vistos como suportes de autêntica liderança, mas não concordam entre si em aspectos

como: honestidade, lealdade, justiça, igualdade e direitos humanos. Também questionam o que seria um consistente “eu” (*self*), pois na vida diária somos chamados a interpretar distintos e diferentes papéis, muitos deles em situações opostas entre si (ALGERA; LIPS-WIERSMA, 2012), agregam que a autenticidade em si é o maior de todos os problemas para a liderança. A outra teoria da liderança evoca uma combinação de autoconsciência com autonarrativa (SHAMIR; EILAM, 2005; SPARROWE, 2005).

Nos casos estudados se consegue identificar nos êxitos uma grande e predominante coerência e consistência de valores e de atos. Nas situações limites, como Freire (2011) aborda, os momentos onde entramos numa posição de ponto sem retorno, apenas uma poderosa força gravitacional do “eu” nos oferece a força, a vontade, o desejo e a morte do medo, para seguir e prosseguir no caminho da autenticidade superante, o que vale sempre lembrar em Makiguti (2004): “a criação de valor a partir da própria vida, sob quaisquer circunstâncias, e valor: o bem, belo, e útil”. Assim como Frankl (2013) traz a construção do sentido, como o poder imperial maior da motivação humana para a superação, ou Morin (2002) quando aborda a necessidade do conhecer o ser humano.

Os líderes motivados para construir uma coerência e positiva autonarrativa de si mesmos podem se engajar subconscientemente com uma identificação projetiva de seus não desejados “eus”, a partir de outros (PETRIGLIERI; STEIN, 2012). A partir do momento em que “*designs*” do perfil de líderes são revelados nas aulas e nos livros, ocorre uma forte pressão que pode causar a supressão dos verdadeiros “eus” dessas pessoas, com consequências posteriores, sobre elas mesmas e sobre o corpo de liderados, ou de educandos.

Outro ponto falso, observável na arte da liderança, está em quando os líderes, com o tempo, passam a se sentir maduros e seguros, e ao se sentirem com altíssimo poder motivacional, normalmente passam a usar mais o método de influenciar do que o de se relacionar com os liderados, e assim, podem adotar um estilo agressivo e egoísta, beirando o narcisismo. Isso pode levar a um afastamento de legítimos liderados, com personalidades fortes, e pode tender a silenciar aqueles que não concordam integral e imediatamente com as suas palavras de ordem. Estes ingredientes podem provocar fendas não éticas na liderança, terminando pela ilegitimidade do líder. Consequentemente, o afastamento de liderados, educandos, e

no caso da superação, se desenvolve uma grande chance de um reforço ao revés e ao contrário, jogando ainda de forma mais veemente grande parte do público que se desejaria educar a superar, numa sensação de impotência, de incapacidade, e de perda total na esperança que, conforme Freire, deve ser sempre uma “esperança radical”.

As teorias da liderança, criticadas por Berkovich (2014), sugerem que os líderes autênticos devem ser formados a partir de sua própria identidade ou num processo incremental, que resultaria numa harmônica autoidentidade. A sugestão das teorias da administração conduz para uma ideia de que o indivíduo primeiro deveria ser, enquanto indivíduo, completamente desenvolvido (ALGERA; LIPS-WEIRSMAN, 2012), antes de assumir papéis em liderança. Por outro lado, a filosofia existencialista, considerada o máximo da autenticidade na moderna psicologia, diz que a vida oferece desafios constantes e a questão para a autenticidade está na exploração de toda a vida, ao longo da vida. A liderança, essa vital autêntica, para o papel de educadores da superação, será efetiva com a ação, e com o seu desenvolvimento em ação.

No caso da liderança voltada a formar crianças com maior capacidade para superação, Borys Cyrulnik, em sua obra “*Los Patitos Feo*” (2001) descreve a diferença existente entre crianças que tenham sido impregnadas por um vínculo protetor, usa a segurança da presença da mãe ou pai, mas parte para descobrir seu pequeno mundo, vai e volta, com entusiasmo. Essas cerca de 65% das crianças têm chances de ter um êxito melhor e maior resiliência, pois em casos de infortúnios e desgraças terão adquirido um comportamento de sedução, com maior capacidade de conquistar adultos, vindo a ser imediatamente uma plataforma de segurança para eles. Das crianças com vínculos de isolamento, 20% mantêm distância de responsáveis que estariam dispostos a cuidar delas. E os tipos com vínculos ambivalentes são crianças angustiadas, não voltadas a explorar o universo circundante (15%), e desorganizadas, são crianças que nem se apegam à mãe, a ignoram e chegam até a mordê-la, por exemplo, (5%); estes 35% teriam um péssimo prognóstico, pois os adultos ao verem ser difícil se apegar a essas crianças se desapegam e as abandonam. Cyrulnik traz uma realidade difícil, pois teríamos quase 35% dos bebês tratados num modelo de afetividade impróprio, o que tende a resultar em graves dificuldades de superação nos eventos futuros.

Existem dois métodos didáticos centrais para o desenvolvimento autêntico de uma liderança. O primeiro está num processo narrativo de identificação. E o segundo num aparelhamento dramático. O processo narrativo (SHAMIR; EILAM, 2005) é conectado à reflexão, para criar e clarear o sentido da experiência, em termos do “eu”, e este “*self*” em relação com o mundo. Benstock (1988) diz que o desenvolvimento a partir da narrativa envolve a análise de casos e eventos de uma maneira dedutiva com o objetivo de construir uma coerência do “*self*”. O outro método mencionado é o interacionismo através da dramaturgia. Significa o uso das técnicas teatrais para representar situações de autêntica liderança. O teatro do oprimido, de Augusto Boal no Brasil, fundamentado na pedagogia do oprimido de Paulo Freire, tratava essa questão educacional, convocando membros da plateia para interferir em circunstâncias hipotéticas do espetáculo. Na preparação do papel do educador para a superação, se traz os conhecimentos do Método Stanislavski, que configurou um processo para a construção de papéis com autenticidade e fé cênica.

A pedagogia dramática trata de atuar sobre três elementos: 1) a pessoa deve estar consciente somaticamente, da experiência a ser vivida numa circunstância dada; 2) o líder deve estar relacionado com seu “eu”, em comunicação consigo mesmo e com os outros, e dentro da específica situação a ser vivida, e assim estar intensamente e inteiramente presente aqui e agora; 3) os comportamentos adquiridos devem ser percebidos como lideráveis pelo grupo e demais membros. E isso deve encorpar a história com identidade do grupo. Cenários onde participantes tomem o papel de autênticos líderes, e um processo de reforçar positivamente as performances pode constituir um método de desenvolvimento da liderança autêntica.

O didático lida com a organização da matéria, o seu saber e o como fazer. O pedagógico lida com a interação do aprendizado e como os sentidos são coconstruídos. Nesse aspecto, as relações entre educadores e educandos formam a base de toda a autenticidade (LIPARI, 2004), a relação autêntica deve estar livre de intenções a priori, de vontades, desejos, tensões, ou futuras expectativas. Precisa emergir do momento presente, de um genuíno diálogo, conectado com experiências autênticas.

Essas crenças são influenciadas por diversos agentes, a perspectiva dialógica, o paradigma dialógico, tendo o “*self*” do líder como a essência da legítima autenticidade na liderança, permitirá uma essência compreensiva, de “quem somos,

quem são os outros, e o que o mundo é”, e isso será composto através da comunicação. O sentido só nasce num espaço intersubjetivo. A comunicação dialógica sugere que a comunicação humana é a única maneira para uma autenticação do “eu”, “somente em comunicação, eu acesso a mim mesmo” (JASPERS, 1970, p. 53).

Rogers (1957 apud Schmid, 2002) descreve uma pessoa como: “um processo fluido, com potencialidades, uma contínua constelação de mudanças, configurações, matriz de feelings, pensamentos, sensações, comportamentos. A estrutura de um processo configuracional, não aditivo”. São quatro as principais atitudes para um genuíno diálogo: 1) candura, 2) inclusão, 3) confirmação, e 4) presença.

A candura está na sinceridade, e na diminuição de um ambiente abrasivo. Um habitat saudável. A inclusão significa que cada participante vai ver cada um, com respeito e vivo interesse em suas experiências. Representa um verdadeiro sentimento de compreender o sentido das visões e atos dos outros. A confirmação significa que cada membro valida o próximo como um ser humano. Aceitação das diferenças e do outro. Presença representa que os participantes estão inteiros e comprometidos no diálogo. A prática envolve o ouvir atento e responsivo. A presença significa tomar parte no presente momento que está sendo vivido. E, objetiva criar conjuntamente um futuro. Esses quatro pilares formam a base teórica para um diálogo autêntico.

Portanto, para uma pedagogia que revolucione a possibilidade humana da superação, a engenhosidade, o carisma e o talento dos educadores da superação terão papel essencial.

Peter McLaren expressa:

Quando os professores, aceitando seu papel de técnicos, falham em desafiar as maneiras pelas quais os currículos educacionais correspondem às demandas da indústria ou os meios pelos quais o ensino reproduz as relações de classe, raça e gênero existentes em nossa sociedade, correm o risco de transmitir a estudantes em desvantagem a noção de que seus papéis subalternos na ordem social estão justificados e são invioláveis (MCLAREN, 2001, p. 12).

A busca agora está em educadores que combatam o preconceito, a opressão, o sentimento de impotência, não mais de fora para dentro, mas revolvam e rebusquem no ser humano essa fome onívora de progredir, humanamente e dignamente.

Aos educadores da superação é necessário revelar uma leitura do mundo, onde a superação de situações consideradas obstáculos e limites possam ser transpostas e onde se estabeleça uma luta íntima, de criação de dignidade íntima, do ser menos versus o ser mais.

A investigação apresenta a importância da criatividade. A forma com a qual tomamos a ação, numa situação de superação, trará resultados se a criatividade for sua constante.

2.6 O lugar da resiliência

Se fosse possível “localizar” a resiliência na Pedagogia da Superação, diríamos que a encontraríamos no centro dessa proposta educativa. A ideia dessa pedagogia nasce justamente a partir da observação e análise de casos de resiliência. A capacidade do ser humano de redimensionar as experiências de sofrimento é algo que encontra clara explicação quando se estuda os processos de resiliência. Portanto, a pergunta geradora da Pedagogia da Superação é: É possível ensinar pessoas a serem resilientes?

A investigação envolve a Pedagogia da Superação dirigida a casos de resiliência. Eduardo Carmello define que:

Resiliência é a arte de gerenciar mudanças. Mesmo diante da incerteza ou até sofrimento, a mudança fomenta a formação de melhores relacionamentos e processos, a descoberta de novos e verdadeiros parceiros, a lapidação de nossos pensamentos, emoções, ações e até de nosso caráter. É preciso ter confiança e coragem para conseguir observar o lado positivo da mudança. Desprovido do medo e da tensão, é possível constatar que o propósito da mudança é a criação de coerência entre o que eu desejo ser (futuro) e o que realmente sou (presente) (CARMELLO, 2008, p. 10).

Nas circunstâncias empresariais, Kotter (2011, p. 42) afirma que “o maior desafio para o gerenciamento da mudança não é representado pela estratégia, cultura

ou estrutura, mas pela mudança do comportamento”. Na *Harvard Business Review* (outubro 2005), foi publicada uma pesquisa pela Consultoria Administrativa Booz Allen Hamilton (EUA) com as características de organizações que possuem cultura e comportamento saudável. E, dentre todas, a melhor foi chamada de “organização Resiliente – flexível e adaptável”.

Se preparar para o incerto, e desenvolver com a capacidade da resiliência, tratando o inesperado possível como probabilística, significa a grande arte do gerenciamento para a superação. Desde os bebês de “*Lospatitosfeos*” de Cyrulnik, até o caso do Banco Americano Morgan Stanley, que era um dos maiores locatários do World Trade Center em Nova Iorque, e que investia em três escritórios para emergência, imaginando um dia ser necessário que suas equipes fossem para lá imediatamente e continuassem operando, após alguma catástrofe. Essa instituição gastava muito em exercícios, treinamento e preparo para a segurança. Havia crítica de parte dos executivos considerando isso extravagante e exagerado. Porém, no dia 11 de setembro de 2001, às 8h46, todos sabemos do ocorrido. Um avião foi jogado contra as torres. Imediatamente o Morgan iniciou a evacuação organizada de seus 2700 funcionários, que se salvavam a tempo. E, em poucas horas, o Banco operava com seus projetos e negócios, sob o que foi chamado de Resiliência Estratégica.

Thomas Young, um cientista inglês, procurava a relação entre tensão e compressão de barras metálicas, e assim descrevia a noção de resiliência: “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica”. O conceito de resiliência estratégica é definido por Hammel:

Capacidade de se antecipar – e se ajustar- continuamente a profundas tendências seculares capazes de abalar de forma permanente a força geradora de lucros de um negócio. A capacidade de reinventar modelos de negócios e estratégias de forma dinâmica à medida que mudam as circunstâncias (HAMMEL, 1995, p. 15).

Ichak Adizes (2004, p. 95) afirma: “mudanças dão origem a eventos que podem ser oportunidades ou problemas. Quando nos defrontamos com mudanças,

precisamos tomar decisões e fazer alguma coisa diferente porque enfrentamos um fenômeno diferente”.

As situações de resiliência são presenças permanentes. O fator tempo, por si só, na sua tomada de consciência nos traz o fermento em si da resiliência. A superação principal está em considerar a superação muito mais como um ato e decisão íntimos do ser humano do que olhar para isso como uma espreita exterior.

Como preparar líderes, em todos os campos para a missão, seconsiderarmos a resiliência como fator onipresente, a pressão competitiva da vida, e o comprometimento não apenas consigo próprio, mas com filhos, familiares, alunos, funcionários, e já como fenômeno dos tempos atuais, com os pais longevos, que superam 90 anos de idade, levando um adulto, com 70 anos, por exemplo, a situações de cuidador tanto de pais vivos idosos, quanto de filhos que não saem de casa, incluindo possíveis netos e agregados? Iremos precisar tanto do “eu resiliente”, como do “eu, resiliente estratégico” (Carmello, 2008. p. 38). Não somos elásticos ou pontes, ou ainda silicone: “eu resiliente é buscar um nível mais refinado e congruente de respostas e ações frente a qualquer tipo de mudança. Eu aprendo a modificar comportamentos para ajudar-me a ser e estar melhor” (idem).

Daryl R. Conner explica:

Precisamos de líderes resilientes que saibam gerenciar a mudança de uma maneira conscientemente competente. Eles devem implementar mudanças com êxito para si e para outros, aplicar consistentemente os mecanismos que usam e ser capazes de se referir a estes métodos como uma disciplina estruturada, para que os outros possam aprender e aplicar as mesmas estratégias (CONNER, 2006, p. 42).

O “eu, resiliente estratégico” envolve estar ligado para sentir os acontecimentos e os símbolos das mudanças. Representa ter um plano estratégico de contingências, propósitos e valores atemporais, para que mesmo com mudanças dos cenários seja possível administrar esses destinos. Alavancar muito mais do que se esforçar.

2.7 Fatores que intervêm na superação

Para seguir trilhando rumo à Pedagogia da Superação, é interessante retomar os fundamentos teóricos apresentados anteriormente que nos possibilitam desenhar um conceito da proposta educativa que tem por finalidade promover ao ser humano,

vitimado ou não de situações traumáticas, aprendizagem de formas exitosas de viver a vida.

Tal conceito se elabora a partir dos casos de pessoas que, em suas trajetórias de vida diante dos conflitos, problemas e sofrimentos apresentaram os fatores: Princípio de Superação, Plano de Superação, Conteúdos Estratégicos de Superação, Procedimentos Superantes e Atitudes Superantes. Estes fatores estão fundamentados nas teorias já discutidas anteriormente neste trabalho e na própria experiência de superação do autor desta tese.

2.7.1 Os fatores de superação

Nos casos analisados pode se considerar que os mais bem preparados, ao longo da própria vida, para os enfrentamentos de suas jornadas, foram aqueles que, vividas as situações resilientes, possuíam bagagens íntimas para então seguir um princípio, elaborar um plano de felicidade com conteúdos e procedimentos de superação que lhes permitiram seguir o curso da vida através de atitudes superantes. Por isso, interessa explicar esses fatores que, a partir da análise e comparação dos casos estudados, evidenciam-se os cinco ingredientes que permitiram a superação.

2.7.1.1 Princípio de Superação:

Um conjunto de valores de longo prazo pode ser observado nos seres humanos que superam. Não são movidos por resultados de curto prazo, e atuam com um código e um encadeamento de valores que resistem ao tempo e às tentações mundanas das distrações superficiais.

A partir do pensamento de Morin (2008) o Princípio de Superação se sustentaria na complexidade humana, nos seus componentes biológicos, culturais, sociais e individuais que fazem com que o ser humano perceba a “inhumanidade” (p.17) de si para compreender a humanidade e, com isso, elaborar um conjunto de valores que servirão ao projeto humano.

Ainda segundo Morin (2008), depois da diáspora da humanidade (história e pré-história da divisão e união das partes da terra) os seres humanos separados têm esquecido sua identidade comum que confere humanidade à sua existência. Trata-se

das características fundamentais de humanidade, dentre muitas, a capacidade de estabelecer princípios de valores existenciais que guiam as ações durante a vida.

Com base nas ideias de Morin (2008), se entende o Princípio de Superação como elemento, consciente ou não, que o ser humano possui e que pode permitir a mudança de um estado emocional negativo para um estado emocional positivo. Seria como uma razão particular construída para dar rumos e explicar o sentido de viver a vida. Isso é possível porque reside no humano uma complexidade que só pode ser entendida em profundidade se o inserimos numa cultura, numa história, mas, fundamentalmente, se o incorporamos na trindade humana: indivíduo/sociedade/espécie. Dessa forma, esse princípio é regido pelo movimento de introspecção e extrospecção, onde em alguns momentos, pós-traumáticos, será necessária a busca do que ainda sobrou de mim, do “eu” em essência que o momento de dor e desconforto faz nublar as vistas. Do mesmo modo que também será necessário buscar e confirmar essa essência identitária a partir do outro.

Dessa maneira, por mais íntimo que possa parecer, o Princípio de Superação, quando construído, parte de uma força interna do sujeito, mas que necessita da ajuda do outro. Pois o sujeito não existe e não se constrói descolado do mundo. Nele está presente o outro que o desafia, que o convida a existir, que o ensina e aprende e se faz existir no contato com esse outro, ou seja, formamos e somos formados por fragmentos que encontramos nos outros e no mundo, por aquilo que permitimos ao outro conhecer em nós e vice-versa.

Com base no Princípio de Superação pode-se compreender que o ser humano pertence ao universo e evolui junto com ele. Portanto, o trabalho pedagógico na perspectiva da superação deve partir desse encontro do sujeito consigo mesmo, do encontro com sua possível razão para seguir buscando a felicidade. E quando isso não se dá de forma individual, e quase sempre não se dá, entra o trabalho do educador da superação que oportunizará situações e diálogos que permitam a construção desse Princípio, de maneira que “o papel é ensinar a julgar, a escolher entre um sistema de valores, construídos na dialógica sujeito e comunidade, por meio da qual a vida acontece concretamente” (VOSS, 2013. p. 64). Além disso, como a própria palavra submete, o princípio não deve ser esquecido, apenas reafirmado e reconstruído durante os novos desafios que a vida impõe.

2.7.1.2 Plano de Superação ou de Felicidade

Após a construção ou descoberta do Princípio de Superação, o trabalho de superação segue com um plano. Pode-se chamá-lo também de Plano de Felicidade. Este fator consiste na elaboração de ações motivadoras que impulsionarão a convivência equilibrada e relativamente feliz com a nova condição de vida. Isto significa que após a dor e a construção dos valores e razões que explicam a continuação da vida, é preciso planejar essa nova caminhada. Portanto, o Plano de Superação parte dos questionamentos: Que fontes de satisfação e alegrias a vida ainda pode me oferecer? Como posso acessar essas fontes? Que tempo será necessário para que eu me permita mergulhar nessas fontes?

Nesse sentido, o Plano de Felicidade está ligado às novas projeções que permitirão ao superante o sentimento de “bem-estar” mesmo que não consiga mudar muita coisa em seu contexto, mas que seja possível modificar suas perspectivas perante sua vida. Trata-se de um plano mais ancorado no interior do superante que em seu exterior. Essa projeção interior pode ser responsável pela sua felicidade. Segundo Leite (2013), a diferença entre bem-estar e felicidade é bem tênue, e os dois conceitos se confundem por estarem relacionados ao estado de satisfação plena. No bem-estar o prazer é momentâneo e está ligado a um acontecimento objetivo, com a sensação que se tem ao terminar uma atividade importante ou quando se conquista uma meta almejada. Enquanto que felicidade é mais ampla e mais subjetiva. Não depende necessariamente de acontecimentos externos. E a felicidade não é exatamente a ausência de sofrimento. É possível não estar sofrendo, e mesmo assim não ser feliz. A felicidade psicologicamente tem significado relacionado com o que se atribui à própria vida.

O Plano de Superação também dependerá do outro, especialmente daqueles que têm como objetivo mediar o processo de elaboração desse plano, fala-se do educador da superação. Entretanto, o protagonismo é chave nesta etapa, pois representa a índole humana de não se ajoelhar perante o destino, e a vontade de tomar para si as linhas da sua vida. Além disso, a criatividade representa o outro poder, para os seres humanos que superam. Para enfrentar as forças destruidoras, e entrópicas, no Plano de Superação, a criação representa um forte elemento para lutar.

A partir das ideias de Freire (2011) em sua Pedagogia da Esperança, tem-se a imaginação como eixo do Plano de Superação. Pois o mundo que se sonha é anunciado, de certo modo, na imaginação. A conjectura em torno de um mundo diferente é necessária para a transformação de realidade. Freire, portanto, fala de sonho:

Enquanto projeto, enquanto desenho do “mundo” diferente, menos feio, o sonho é tão necessário aos sujeitos políticos, transformadores do mundo e não adaptáveis a ele, quanto, permita-me a repetição, fundamental é para o trabalhador, que projete em seu cérebro o que vai executar antes mesmo da execução (FREIRE, 2011, p. 127).

O Plano de Superação prima pela nova oportunidade diária que todos que passaram por um trauma devem ter para encontrar sentido na caminhada da vida. Pois, segundo esse autor, os homens e mulheres devem ser protagonistas de suas histórias, existindo e fazendo seus próprios caminhos, se expondo e se entregando a esse caminho planejado e construído e, em consequência se refazendo também. Portanto, deve-se falar de “Planos” de superação, de uma multiplicidade de planos adequados às singularidades de pessoas e de situações traumáticas.

O Plano de Superação é composto de conteúdos e estratégias, de procedimentos e atitudes superantes que conferem êxito ao projeto de cada um. Tais elementos foram observados nos casos estudados nesta pesquisa. Alguns apresentaram mais, outros menos. Contudo, todos os elementos se deram como consequência de uma nova rota traçada, de um plano para se sentir melhor perante as dificuldades vividas. Todos os casos exitosos demonstraram um plano de felicidade.

2.7.1.3 Conteúdos Estratégicos de Superação

Nesta proposta pedagógica de superação, apresentam-se os dois primeiros fatores que correspondem ao início do processo de mudança dos sentimentos desconfortáveis para a projeção de um equilíbrio emocional perante situações pós-traumáticas. Trata-se primeiro de um trabalho interior, de uma análise da dor e da busca de valores, ou seja, dos Princípios de Superação, depois da elaboração de um

Plano de Felicidade. Tal plano depende, estritamente, do terceiro fator de superação: Os Conteúdos Estratégicos de Superação.

Toma-se a palavra “Estratégico” para referir à ideia de Morin (2002) sobre a inteligência humana quando se trata de jogar o “jogo da vida”.

A estratégia não é somente o grau mais alto de autonomia na ação, é também a aptidão inventiva em ação. A estratégia cognitiva comporta a discriminação do novo, A estratégia ativa comporta a utilização do novo. Uma e outra, juntas, comportam a elaboração inovadora, quer dizer, a invenção (tradução nossa, p. 135)

Portanto, para dar continuidade ao processo de superação é necessário considerar o **Amor**, o **Labor**, a **Ética** e a **Estética** como conteúdos indispensáveis para a nova maneira de jogar. Neste sentido, a estratégia é a capacidade humana de se munir de ações para enfrentar o presente e o futuro. Uma ação estratégica, portanto, está fundamentada em escolhas perante as novas situações apresentadas à vida.

Começa-se pelo primeiro e mais difícil conteúdo: o **Amor**. O conhecimento científico, mesmo nas ciências humanas, tende a perder seu formato teórico e metodológico quando tenta explicar o amor. Se atreverá a realizar essa tarefa, pois sem esse conteúdo nem mesmo a justificativa do estudo dos casos desta pesquisa e seus desdobramentos seria possível. Neste trabalho, não nos referimos somente ao amor entre seres humanos, mas entre seres humanos e a natureza, as causas, coisas e lugares. A capacidade de amar, sem dúvida é a maior de todas as competências. Observa-se que os seres humanos com a abertura para o amor, além de serem naturalmente mais amáveis, são pessoas que se encantam com o amor, não pelo que irão amar, mas pelo amor ao prazer do amor.

Não se ama apenas uma coisa ou pessoa, pode-se amar muito e ao mesmo tempo. Por isso, a proposta de superação coloca o indivíduo a pensar e valorizar as tantas pessoas e coisas amadas. E, na perda de uma delas, nunca esquecer que ainda lhe resta outras para seguir amando. Além disso, é necessário um trabalho de abertura para se permitir o amor, ainda que seja um amor inventado ou construído. A lógica desse conteúdo no Plano de Superação é exatamente ampliar essa capacidade humana, é buscar razões para amar. Sobre essa questão, Freire diz que:

[...]se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação,

se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (2005, p. 79-80).

Freire (2005) aponta o amor como fundamento da práxis humana. Homens e mulheres estão convidados, nesta perspectiva, a conhecer e interagir com o mundo a partir do amor. Com base na compreensão do homem e sua complexidade, Morin (2006) se coloca a pensar na afetividade e paixão em complementariedade e antagonismo com a razão, de modo que:

O verdadeiro amor alimenta uma dialógica sempre viva, em que sabedoria e loucura se entregeneram. Se meu amor é somente racional, já não é mais amor, e se está totalmente enlouquecido, sedegrada em vício. Deve ser louco/sábio (tradução nossa, 2006, p.154).

Portanto, o amor como conteúdo estratégico de superação restaura o equilíbrio entre a vida racionalmente vivida e calculada e o sentimento desvairado de paixão e fascínio por algo ou alguém. O amor na proposta de superação deve ser um ingrediente que permita ao indivíduo engajar-se no projeto de contemplação e satisfação com a vida. Ainda que seja relativa essa satisfação, o amor deve ser veículo de momentos instigantes e felizes.

Chama-se o segundo conteúdo estratégico de superação de **Labor** ou trabalho. Esse conteúdo não se refere apenas à ação humana produtora e construtora que se aplica diretamente a realizar algo ou alguma tarefa. Mais que isso, o trabalho refere-se aqui à dedicação dos fazeres quedão sentido às nossas vidas. O êxito do trabalho de impedir a matança de baleias está para os ativistas, assim como a conclusão de uma casinha feita de lençol está para uma criança. Está se falando do prazer de produzir, construir; fala-se da dedicação de fazer algo.

Não se quer dizer que dedicar-se a uma tarefa tenha que ser sempre algo prazeroso, pelo contrário, está se defendendo a ideia de que é possível pelear pela realização de algo e ter prazer no final. A partir dessa ideia, se pensa que a educação tanto escolar quanto familiar deve resgatar esse sentido do trabalho: a educação deve se preocupar com a competência humana de EMPENHAR-SE. Na situação, por exemplo, em que uma mãe prepara um bolo junto com seu filho e o coloca a empenhar-se nessa ajuda, o faz degustar no final de um bolo que lhe pertence, que é resultado do seu empenho, da paciência de esperar assar e esfriar, de haver realizado

ações pelo propósito de preparar. A vida está cheia de “bolos” para preparar. Referente ao vazio existencial,

Não existe nenhuma situação em que a vida deixe de nos oferecer uma possibilidade de sentido, e também não existe nenhuma pessoa para que a vida não tenha disposta uma tarefa. A possibilidade de cumprir um sentido é única em cada caso e a personalidade que pode realizar é também, em cada caso, singular (FRANKL, 2010, p.28).

Segundo Frankl, o sentido que se atribui à realização de uma tarefa é particular porque se relaciona com o que há de humano em nós, a emoção e os sentimentos empregados no cumprimento do que nos dedicamos a fazer.

Sobre os sentimentos empregados na realização dos “que fazeres”, é oportuno falar do terceiro Conteúdo Estratégico de Superação, a **Ética**. Deve-se tratar da ética e da moral porque fala-se antes do sentido e da satisfação de produzir algo ou realizar alguma tarefa. Pois, é possível que haja tanto sentido para o traficante em sua tarefa de traficar, quanto para um médico sem fronteira em sua tarefa de ajuda humanitária. A questão é que dentro das possibilidades de cumprimento das tarefas que faz sentido, o conteúdo ético deve estar presente. Por quê? Segundo Morin (2006, p.107), porque “cada qual vive para si e para o outro de forma dialógica, quer dizer de forma complementar e antagonista. Ser sujeito é conjugar o egoísmo e o altruísmo”. Isso significa que além dos próprios desejos deve-se considerar os acordos socioculturais sobre o que é certo e errado, porque somos formados pela tríade indivíduo-sociedade-espécie.

Refere-se aqui aos sentidos das palavras ética e moral dentro da perspectiva moriniana de que ética está relacionada a um ponto de vista supra ou meta individual e moral ao nível de decisão e ação dos indivíduos. Entretanto, a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética e esta, por sua vez se esvazia sem as morais individuais. Portanto, dentro da proposta de superação o interessante é aliar as tarefas que fazem sentido às ações éticas e morais, ou seja, agir sem acarretar prejuízos para si e para os outros. Para que isso ocorra é importante:

O exercício permanente de auto-observação suscita uma nova consciência de si que nos permite descentramos em relação a nós mesmos, portanto reconhecer nosso egoísmo e tomar a medida de nossas carências, nossas lacunas, nossas debilidades (MORIN, 2006, p. 154).

A partir dessa perspectiva, a busca de sentido nas coisas que nos encarregamos de realizar deve estar alicerçada no agir ético, na autocrítica. Uma espécie de higiene existencial que mantém a consciência em vigilância permanente. Morin (2006) menciona algumas virtudes que não seriam base principal da ética e da moral, entretanto não se deve desdenhá-las quando se trata de formular as características do homem complexo, um homem que reuniria virtudes de diferentes idades. São elas: a curiosidade e interrogações infantis, as aspirações juvenis de fraternidade e autorrealização, a carga de responsabilidade e madureza do adulto e a experiência da velhice. Por certo, cultivar tais virtudes pode ser mais fácil para os que estão na idade adulta, pois resgatar qualidades que outrora se possuía demanda uma volta a reviver atitudes experimentadas no passado, que já se conhece, enquanto que para a criança e o jovem, de posse das virtudes próprias de suas idades, para alcançar todas as características virtuosas do homem complexo teria que converter-se em um “precoce” Homem complexo. Todavia, a responsabilidade e aprendizagem a partir das experiências são virtudes que as crianças e jovens devem desenvolver através da educação escolar e familiar.

Segundo Morin (2006), esse homem complexo vive intensamente quando é dotado de um aparato neurocerebral rico e ativo, quer dizer, dotado de sensibilidade, de afetividade e inteligência. Nascer, existir e morrer adquire seu sentido pleno e forte nos altos desenvolvimentos da vida. De modo que o “bom” viver é provar, perceber e sentir a vida em todos os seus aspectos. Aqui entra o quarto conteúdo estratégico de superação: a **Estética**.

De que estética se está falando? Está se falando do prazer e da satisfação de agir em prol do belo; e o que seria o belo? O belo é tudo que provoca sentimentos de admiração, contemplação, é o que faz o coração se encher de uma ou de várias emoções ao mesmo tempo. Fala-se da estética, da sensibilidade, do sentimento provocado no ato de emitir um sorriso a alguém que você nunca viu, de realizar pequenas ações para o mundo se tornar mais harmonioso.

Na proposta de superação se confere importante valor a esse conteúdo, visto que a consciência do domínio de uma arte, seja ela qual for, em sendo ampliada na sua percepção íntima, oferece à pessoa um sentimento de bem-estar e de autoestima. Coloca o foco sobre os efeitos de suas obras, e fazem dessa causa uma alavanca motivacional poderosa. Da mesma forma, quando o ser humano carrega dentro de si

o dom de saber ser capaz, consegue observar no próximo a mesma virtude, e isso amplia sua chance de criar equipes, e relacionamentos, outro fundamento *sine qua non*, para superar.

A estética de que se fala não tem sua origem somente nos centros acadêmicos, ela está onde haja sentimento de beleza, de admiração e contemplação. Assim, não só a arte é seu veículo, como também os espetáculos da natureza, os perfumes, alimentos e bebidas, seu veículo pode ser, inclusive, obras que em sua origem não tinham nenhum destino estético, como os antigos moinhos vento ou as antigas locomotivas a carvão. Por isso, segundo Morin (2008), os objetos mais técnicos, como o automóvel e o avião, podem chegar à cartasse de estética. Qualquer que seja seu veículo, a estética como conteúdo de superação subtrai o estado prosaico, racional-utilitário, para nos colocar em um estado secundário, quer seja de ressonância, empatia, harmonia, quer seja de fervor, comunhão, exaltação. “Nos coloca num estado de graça, em que nosso ser e o mundo se transfiguram mutuamente, e que se pode chamar estado poético” (MORIN, 2008, p.152).

O estado poético a que se refere Morin pode emergir do amor. Um amor nascente inunda o mundo de poesia; um amor que dura irriga de poesia a vida cotidiana:

O amor, unidade incandescente da sabedoria e loucura, nos faz suportar o destino, nos faz amar a vida. O amor é a grande poesia no seio do mundo prosaico moderno, e se alimenta de uma imensa poesia imaginária (novelas, filmes, revista, música) (MORIN, 2008, p.154).

O último conteúdo de superação, a **Estética**, faz voltar ao primeiro conteúdo, o amor. Ambos estão relacionados diretamente porque revelam o que há de mais humano em nós, os sentimentos. O Homem não vive só de labor, não vive só de pão, de mito e razão. O homem vive de poesia, vive de música, de contemplações, de flores, de sorrisos. É isso que se busca e a Pedagogia da Superação se justifica na função de encorajar os indivíduos nessa busca. Como fazer isso? Através do estudo dos casos que serão apresentados e da própria experiência do autor⁸, é possível

⁸ Posteriormente a uma grave queimadura no rosto com quatro anos de idade, ao retornar à casa, já com sete anos, havia a necessidade de superar um grave obstáculo: o enfrentamento da vida na rua, do lado de fora da casa, na sociedade, na escola com todas as demais pessoas da comunidade. Aí surgiu a criatividade do “foco nas batatas”. A mãe adotiva o obrigou ir com ela à feira livre, onde as donas de casa compravam alimentos no bairro, e ao chegar à feira, para que seu filho não prestasse atenção no burburinho, nos olhares e nos comentários das pessoas ao o verem, com a face cheia de cicatrizes, o fez prestar atenção nas batatas.

elencar procedimentos que promovem bem-estar físico e psicológico; procedimentos que permitem ao sujeito acessar suas fontes de satisfação, suas fontes de sentido.

2.7.1.4 Procedimentos Superantes

Pode-se compreender os procedimentos superantes como as ações que se efetivam na prática do plano de felicidade. Portanto, primeiro se começa com o princípio norteador da experiência de superação, depois se projeta e planeja nova forma de atuar no mundo a partir de quatro conteúdos: amor, labor, ética e estética. Após a consciência de tais conteúdos, interessa saber a maneira de acessá-los, por isso se elabora o que se poderia chamar de procedimentos.

A origem da palavra procedimento vem do latim, *PROCEDERE*, “avançar, mover adiante”, de *PRO*, “à frente”, mais *CEDERE*, “ir”. Um processo, em qualquer assunto, implica num conjunto ordenado de passos no tempo para se chegar a um objetivo. Dessa maneira, se toma o sentido etimológico da palavra procedimento porque a intenção é exatamente apresentar possibilidades de passos que fazem seguir em frente, mesmo que em algum momento um desses passos seja voltar atrás.

O primeiro procedimento superante consiste em **Aprender**. O aprendizado gera sabedoria e com a sabedoria se muda. A aprendizagem permite ao ser humano criar meios e condições para se viver melhor. Os quatro conteúdos de superação já citados são passíveis de serem aprendidos, portanto mesmo sendo bom profissional, se pode aprender muito e todos os dias sobre o amor, trabalho, ética e estética. É necessário aprender quem é o outro e, desse modo, também se aprende sobre o “eu”. Aprender sempre.

E se não há motivação para aprender? De fato quando o homem se inteira dessa grande capacidade e do empoderamento que esse processo promove ele não para mais de tentar aprender. Nesse sentido, o pedagogo da superação deve trabalhar na perspectiva da aprendizagem significativa, na forma de aprender em que o aprendiz encontre sentido e ele, o ensinante, também deve aprender. Inspirando-se em Freire (2011) se vê que o ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Desse modo, se pode considerar o ato de aprender como motor que move as pessoas a compreender e interagir com o mundo. Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender.

Acreditar é o segundo procedimento superante. Por se tratar de um verbo transitivo, imediatamente se pergunta: em que ou em quem? Como é de se esperar, em relação à proposta a resposta é acreditar que se pode ser feliz mesmo diante dos problemas e situações difíceis que a vida nos coloca; acreditar que se é capaz de reverter a perspectiva a respeito da vida. Entretanto, não se deve acreditar de maneira ingênua, cega. Se defende aqui a crença fundamentada no mesmo princípio da Esperança defendida por Freire (2011), a esperança crítica, pois ela é necessária, mas não é suficiente. “Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída” (FREIRE, 2011, p.15).

Com isso, se quer dizer que apenas acreditar que é possível superar situações difíceis não é suficiente: a crença necessita ser praticada para tornar-se concretude histórica. Sobre essa maneira de acreditar, de ter esperança, Freire diz que:

Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. Desesperança de desespero, consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo (FREIRE, 2011, p. 15).

A partir dessa ideia, se propõe uma crença construtora, que ao mesmo tempo em que permite sonhar também enche de coragem para se buscar o que se imagina que seja bom para a vida. Desse modo, o acreditar, como procedimento superante, está ancorado num horizonte de esperança que, uma vez alcançado, permite vislumbrar novos horizontes. Ler o mundo e acreditar que se pode reconstruí-lo à sua maneira.

O ato de **Criar** torna-se importante procedimento de superação uma vez que, de maneira construtora, o acreditar move para a reconstrução do mundo. Se chega ao terceiro procedimento, criar. A criatividade representa um poder para os seres humanos que superam. Para enfrentar as forças destruidoras, e entrópicas, a criação representa um forte elemento para lutar, de modo que ao saber e tomar consciência da força criadora ocorre uma transposição do foco da pessoa. Ela deixa de atuar sobre o objeto da dor, da frustração, da perda, e essa energia segue canalizada para o criar.

De acordo com a logoterapia de Frankl:

[...] podemos descobrir esse sentido de vida de três diferentes formas: 1- criando um trabalho ou praticando um ato; 2- experimentado algo ou encontrando alguém; 3- pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável (FRANKL, 2013, p.135).

As três formas de descobrir sentido de vida, apontadas por Frankl estão diretamente ligadas ao ato de criar, pois dependem primeiramente da percepção da realidade e depois da elaboração consciente de uma forma de enfrentar as situações difíceis. Dessa forma, o exame consciente da situação em que vive dependerá do autoconhecimento e do conhecimento de todo entorno do sujeito. De acordo com a Pedagogia da Felicidade de Makiguti, interpretada por Voss (2013), é preciso estar atento para a vida, observar, perceber os ritmos e as mudanças. É na sintonia fina da dinâmica da natureza por meio da experiência que os valores humanos são criados e os mais elevados sentimentos são cultivados.

Nesse sentido, o criar, enquanto procedimento superante deve ser algo operado dentro do sujeito, a partir de suas percepções sobre o meio em que vive. Estamos falando da criação de valores, da elaboração de modos de viver, da construção de filosofias.

Por isso, criar valores significa também **aprender sempre**, interagir com o mundo desde o nascimento até a morte. A própria vida, nesta perspectiva, é conhecimento de primeira mão. A formação do sujeito deve ser mais do que propositiva; deve possibilitar a construção da felicidade calcada no modo como as pessoas vivem (grifo nosso) (VOSS, 2013, p. 69).

Como saber se os valores que o sujeito cria são “bons” valores? Dentro da Pedagogia da Felicidade, o critério da construção de valores deve pautar-se em três elementos para uma vida feliz, os valores do “bem”, do “benefício” e da “beleza”. Isso significa que tais valores devem ser criados em prol do bem-estar da sociedade e do próprio sujeito. Aqui se volta aos dois conteúdos de superação já trabalhados: a ética e a estética.

Se o procedimento superante de criar deve estar fundamentado nos critérios éticos e estéticos, parece oportuno apresentar o último procedimento superante: **Inspirar/admirar**.

Para que se proceda de maneira inspiradora e admirável é extremamente necessário que o sujeito primeiro admire e se inspire no outro. Se não, de nada

adiantará desenvolver os procedimentos de Aprender, Acreditar e Criar. É preciso, pois, sensibilidade e humildade para reconhecer no outro aquilo que parece admirável; é preciso buscar inspiração nos feitos alheios primeiro (aprender), para que depois o sujeito possa criar formas de superação admiráveis e inspiradoras. Nesse prisma, o sujeito passará da condição de admirador para a condição de também admirado e, ao mesmo tempo, será alvo de inspiração.

A partir dessa ideia, inspirar-se e admirar-se, processo anterior ao de ser admirado e inspirador, dependerá da curiosidade, do interesse pelas pessoas e seus feitos. Será necessário, portanto, perguntar e ouvir as histórias das pessoas. É importante atentar-se ao fato de que nem sempre algo inspirador e admirável tenha que ser algo grandioso, pelo contrário, o admirável e inspirador nasce, sobretudo, das ações simples da vida. O amor e dedicação de um jardineiro com seu trabalho, o conhecimento e cuidado com as flores que resultam do seu labor diário, pode ser extremamente admirável, basta que se esteja atento a escutar a história de sua ciência.

Voss cita a Pedagogia da Felicidade de Makiguti dizendo que:

A sabedoria não reside no afastamento físico e mental da vida, mas na sua proximidade, no local onde se nasce e vive com pessoas reais, com defeitos e virtudes que ocupam o mesmo lugar no mundo. Essa contingência do ser conduz a considerar uma ontologia realista ao inserir o homem no mundo, ao fazê-lo emergir de sua materialidade (VOSS, 2013, p.98).

Nessa perspectiva, inspirar e admirar encontram respaldo na imersão do sujeito na experiência da vida, na abertura para ouvir e testemunhar as diversas interpretações sobre o mundo, sobretudo na abertura para conhecer o outro.

Após todo o processo de reconstrução da caminhada do sujeito vitimado pelos problemas e surpresas amargas da vida, ou seja, após a busca dos Princípios de Superação, Plano de Felicidade, Conteúdos de Superação e Procedimentos, o sujeito já possui um repertório de ações autônomas superantes que foram elaboradas a partir do seu novo posicionamento perante à vida. Se fala das Atitudes Superantes.

2.7.1.5 Atitudes Superantes

As Atitudes Superantes são resultado de o todo processo de aprendizagem e adaptação às novas demandas da vida. Pode-se dizer que quando o sujeito alcança

esse fator está, de fato, superando. Aqui é possível notar um nível de empoderamento que o capacita a tomar decisões e agir de maneira autônoma. Se toma o sentido de atitude Superante a partir de Freire (2011, p. 277), quando diz que: “os homens e as mulheres têm várias atitudes diante dessas ‘situações-limite’: ou as percebem como obstáculo... ou como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na superação”. Desse modo, esse fator está ligando forças interiormente construídas que movem o sujeito à superação.

A tarefa dos que lhe acompanharam, dos que participaram do processo de superação do sujeito até chegar nesse fator, é apenas de testemunhar, aplaudir, encorajar. É possível relacionar esse fator a seguinte situação: as crianças sentem necessidade de mostrar aos adultos suas façanhas, suas conquistas, para que eles aplaudam, as encorajem, demonstrem que estão felizes com seus avanços.

Quem nunca presenciou uma criança pedindo à mãe ou ao pai que a olhe enquanto realiza algo que aprendeu recentemente? A necessidade de compartilhar a satisfação da conquista é tão grande que elas perguntam: “você viu o que fiz?”. É próprio do pensar infantil a imensa capacidade de admirar o mundo, no processo de construção de significados e valores. O adulto já tem suas certezas e seus valores e está em meio a tantas preocupações cotidianas, a tantos desencantamentos, que perde a capacidade de admirar-se perante a existência. Assim, as atitudes superantes revelam um novo sujeito/criança, que está construindo interpretações a respeito do mundo, que se encontra numa espécie de estágio de admiração e encantamento pela vida. Portanto, se chama a primeira Atitude Superante de **curiosidade infantil**.

Antes de falar da incorporação de ações que são genuinamente infantis, é importante situar a referência de infância e de criança porque não são a mesma coisa. Portanto, criança neste trabalho seria o ser humano numa etapa da vida em que ainda não é adulto, e infância é tida como o conjunto de características sócio culturais e psicológicas que vivem as crianças. Pois bem, considerando que dependendo do tempo, do lugar, da cultura e da condição econômica, o conceito de infância sofre variações. É necessária uma contextualização sobre a época e quais referências são usadas nesta análise.

Se apresenta aqui uma referência romântica, se refere à infância concebida por Rousseau (1992) como período da vida em que o ser humano é puro, que está à mercê dos modelos sociais de organização das coisas e das ideias, sendo a educação

o balizador da relação da criança com o mundo, primando pelo projeto de “homembom”. Refere-se, portanto, a uma infância em que é possível o encantamento perante o descobrimento do funcionamento da vida.

Dessa maneira, a Atitude Superante de Curiosidade Infantil consiste em encarar determinadas situações como se não soubesse nada, como se tudo que nos propomos a aprender estivesse impregnado de novidade, como se não tivéssemos elaborado pré-conceitos.

Entretanto, se quer deixar claro que essa curiosidade infantil não deve ser tomada como atitude superante independente, de nenhuma forma. Se assim for, estaremos condenados à sorte dos acasos. Aqui chegamos à outra importante atitude superante: **o protagonismo**.

Utiliza-se a ideia de protagonismo de Makiguti (2002) no sentido de que se pode experimentar a liberdade de construir e escolher em certos momentos privilegiados, por exemplo, ao se compreender alguma coisa. Seria o Protagonismo, então, o momento em que sou ativo, que tenho a experiência de ser sujeito daquilo que sou e daquilo que faço. Sobre a autonomia que nos mune de satisfação para decidir Voss, citando Makiguti, diz que:

Essa concepção de felicidade repousa no argumento de que para alguém ser feliz precisa saber avaliar em sua experiência, em seu cotidiano, o que é bom ou não para a vida individual e para o bem coletivo, seja ele material, estético ou espiritual (VOSS, 2013, p. 20).

O Protagonismo que se defende encontra em Freire (2002) as mesmas bases da ideia de autonomia. De forma que, para esse educador e para esta investigação, autonomia é libertar o ser humano das cadeias do determinismo social, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. Essa ideia de Protagonismo também encontra sustento em Morin (2002, p.484), quando afirma que “vivemos a vida vivendo nossa vida”. Assim, autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo da existência e que nos torna cada vez mais superantes.

Torna-se interessante apresentar um panorama dos cinco fatores de superação propostos a partir dos principais teóricos que embasam nossa análise. No quadro 1 se pode relacionar os conceitos até aqui trabalhados e os fatores de superação.

Quadro 1- Conceitos teóricos e os fatores desuperação

FATORES DE SUPERAÇÃO	FREIRE	MORIN	MAKIGUTI	FRANKL
Princípio da superação	Sustenta-se na construção da autoconsciência dos sujeitos.	Considerar os componentes biológicos, culturais, sociais e individuais da complexidade humana.	Baseado na criação de valores humanos e na felicidade.	Viver a vida a partir de sentidos.
Plano de Superação	Os sujeitos têm a capacidade para extrojetar de dentro de si e, por ele mesmo, o opressor, a fim de resgatar seu ser livre.	Baseia-se na possibilidade de reforma do sujeito e da sua condição.	A felicidade é aprendida e, como tal, o projeto de felicidade dependerá da educação.	Parte da consciência da responsabilidade pela realização dos sentidos da vida.
Conteúdos estratégicos de superação	Construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador.	Tudo que nasce da ação inteligente e estratégica para se viver numa perspectiva bio-psico-social.	Refere-se a três instâncias valorativas, “bem, benefício e beleza”.	A vontade do sentido, o sentido do amor, o sentido do sofrimento, a Noodinâmica.
Procedimentos superantes	Construir a própria história e ler o mundo de maneira autônoma.	Aprender a viver como condição humana e perceber-se como parte da teia da vida	Avaliar as experiências, o cotidiano, o que é bom ou não para a vida individual e coletiva dentro da dimensão material, estética ou espiritual.	Criar um trabalho ou ato; experimentar algo ou encontrar alguém; atitude de sentido perante o sofrimento.
Atitudes superantes	Modos de agir construídos de forma dialógica pelo sujeito.	Resultado das ações do sujeito responsável, ético, solidário e, ao mesmo tempo, poético	Agir de acordo com a ética, compaixão pelo planeta e pelos seres que nele vivem.	Amar; Experimentar a natureza e a cultura; Responsabilizar-se pela busca de sentido.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018.

3 MARCO E DESENHO METODOLÓGICO

Este capítulo traz a metodologia adotada e o procedimento de trabalho de campo. A figura 1 apresenta o percurso metodológico desta investigação, detalhando as etapas do mesmo.

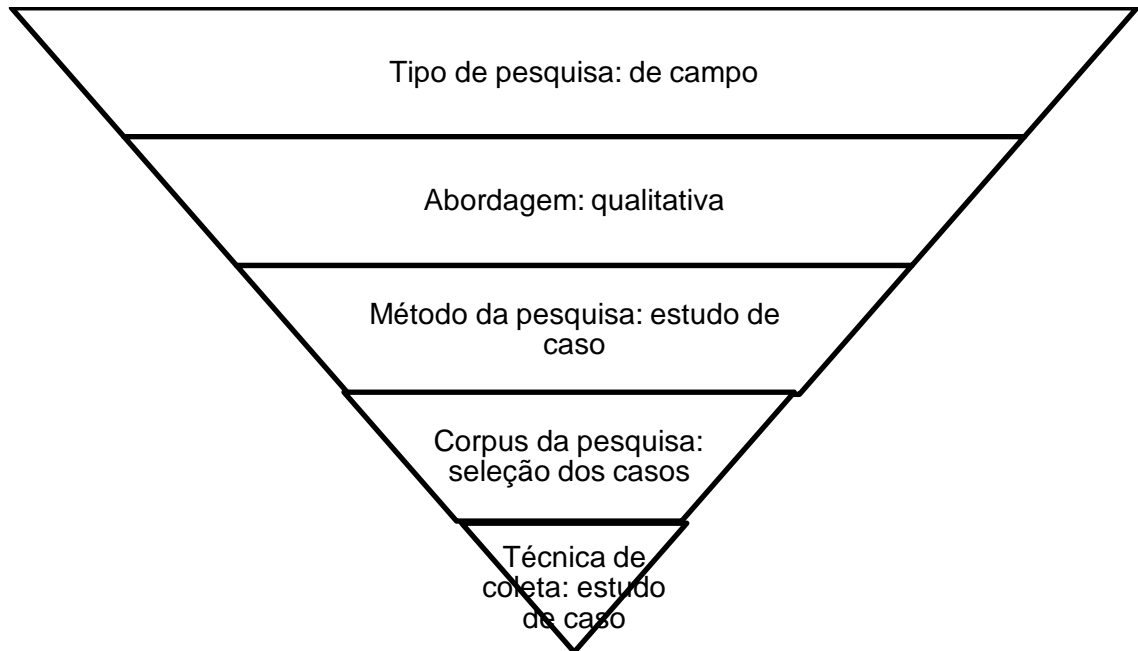


Figura 1 - Percurso metodológico

Fonte: Adaptado de LIMA (2011)

O estudo contempla o tipo de pesquisa de campo e a abordagem escolhida para atender aos objetivos da pesquisa é de natureza qualitativa, pois é originada da preocupação de entender o outro, sendo, por si só, um campo de investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Para esta investigação, o modelo sócio crítico é adotado. Pensa mais no qualitativo, e o quantitativo complementa.

A título de esclarecimento, se recorda que o objetivo central desta investigação é:

Estudar os fatores essenciais que levam as pessoas à superação através da educação. Oferecer à sociedade uma possibilidade exequível de compreender e superar desafios permanentes e presentes de superação.

Posto o referido objetivo, tem-se que o ato da pesquisa qualitativa é um processo multicultural e tem um foco multi paradigmático. Seu conjunto de práticas

interpretativas dá visibilidade ao mundo e o transforma em representações, como as entrevistas, fotografias e notas de campo (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Do mesmo modo, para Flick (2009), a pesquisa qualitativa analisa as experiências relacionadas a histórias biográficas ou práticas cotidianas ou profissionais de indivíduos ou grupos, através de relatos; examina as interações destes através da observação e registro; e investiga documentos, que podem ser textos, imagens, filmes ou músicas. É exatamente a isso que se propõe nesta investigação, a partir do viés metodológico.

O pesquisador qualitativo busca entender como as pessoas interpretam suas experiências (MERRIAM, 2009). A importância do pesquisador está na capacidade de reflexão e na sua experiência no campo (FLICK, 2009) Ele interpreta fenômenos através dos significados que as pessoas a eles conferem. Assim, o pesquisador é visto como um *bricoleur*, ou seja, um indivíduo que reúne imagens diferentes de forma a criar montagens que, sobrepostas, formam um quadro. O *bricoleur* pode ser interpretativo, narrativo, teórico e político e utiliza ferramentas e materiais do seu ofício (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Neste sentido, o trabalho investigativo que se apresenta é guiado pelo paradigma Fenomenológico Hermenêutico, pois o interesse é a experiência vivida do outro para alcançar o fenômeno. Na perspectiva de Husserl (1992, p. 37), as vivências são chamadas também de fenômenos, “sua característica essencial mais geral é ser como ‘consciência de’, ‘aparição de’ – das respectivas coisas, pensamentos (juízos, razões, consequências) dos planos, decisões esperanças, etc.”

Assim, busca-se nos casos estudados elucidar as relações de sentido, descrevendo como se chegou aos mesmos, como se pensa tais relações e como se analisa suas estruturas. Portanto, tem-se como base:

Habitamos um mundo comum a todos como horizonte maior e habitamos nossos mundos particulares que se inserem no horizonte universal de mundo. A fenomenologia se transforma em hermenêutica nessa relação com o mundo e com a vida. A fenomenologia abre a possibilidade de uma compreensão dialética entre um mundo onde cabem muitos mundos (JOSGRILBERG, 2015, p. 8).

Visto que o mundo particular do pesquisador se insere no horizonte universal, mas que em si guarda suas subjetividades, a fenomenologia se adequa aos objetivos deste estudo porque se configura principalmente a partir da consciência. A fenomenologia se orienta para os objetos enquanto intencionados pela consciência, procurando neles discernir a sua essência ou estrutura fundamental. Diante disso, pretende-se exercer aqui a consciência como conteúdo primordial da fenomenologia,

ou seja, como ato que está sempre voltado para algo: para o mundo exterior, para as coisas, para os outros homens, para si mesmo, para o seu ego, para a ação que o homem executa, para os seus sentimentos, para a sua imaginação e lembrança.

Ao situar os principais elementos desta pesquisa no campo científico, tem-se a educação como lastro de caracterização. Consequentemente, a fenomenologia hermenêutica de Van Manen confere importante contribuição a este trabalho, considerando tanto a natureza empírica quanto reflexiva, pois segundo Carabajo:

[...] Alguns dos métodos empíricos propostos por Van Manen são: a descrição de experiências pessoais, as experiências de outros ou obtenção de descrições em fontes literais, a entrevista conversacional e a observação de perto. [...] A sua vez, os métodos reflexivos pretendem analisar e determinar as estruturas essenciais da experiência coletada. Os principais métodos reflexivos são as análises temáticas, a reflexão temática, a reflexão linguística (estudo da etimologia e expressões linguísticas cotidianas) e a reflexão mediante conversação (Tradução nossa) (CARABAJO, 2008, p. 412).

A título de demonstração, o quadro a seguir expõe as consonâncias das fases do método fenomenológico hermenêutico de Van Manen, proposto por Carabajo (2008), adaptado aos propósitos da presente pesquisa:

Quadro 2 - Fases da pesquisa a partir do paradigma fenomenológico hermenêutico

FASE	CONTEÚDO	ATIVIDADES/PESQUISA
I (+ descrição)	Coletar a experiência vivida (diretamente) Coletar a experiência vivida (indiretamente)	- Entrevistas diretas e coleta de informações <i>in loco</i> - Busca dos casos de superação através de fontes biográficas digitais e impressas
II (+interpretação)	Refletir sobre a experiência vivida	- Análise Temática de Conteúdo. Classificação e categorização dos cinco fatores de superação
III (descrição + interpretação)	Escrever – Refletir sobre a experiência vivida	- Elaboração do texto fenomenológico. - Defesa e compartilhamento das reflexões resultantes

Fonte: Adaptado/traduzido de Carabajo, 2008.

Conforme a proposta do quadro acima, o enfoque fenomenológico tem como aspiração entender os significados que têm os eventos para as pessoas que serão estudadas. Os sujeitos e sua maneira de ver o mundo e os significados que estes atribuem aos fenômenos estudados. Portanto, a partir da fenomenologia se tenta ver as coisas desde o ponto de vista de outras pessoas, descrevendo, compreendendo e interpretando. Dessa forma, a investigação fenomenológica é vislumbrada como principal enfoque na interpretação dos casos que compõem este estudo.

3.1 Método utilizado

Como o objetivo do trabalho é investigar os fatores essenciais que levam as pessoas à superação através da educação, foi escolhido o método de estudo de caso, pois buscou-se verificar a aplicabilidade dos conceitos destacados em uma situação já existente no ambiente.

O estudo de caso deve permitir um confronto entre o conhecimento teórico acumulado sobre o tema e os aspectos da realidade que explora. O trabalho do investigador tornará evidente o conhecimento que se pode obter a partir da análise de um caso. Também pode ser entendido como paradigma, modelo, esquema ou referência sobre como atuar, aplicar teorias, conceitos, processos, ideias (CHAROUX, 2007, p.40).

O estudo de caso é um método utilizado quando o pesquisador deseja responder “como?” ou “por quê?” quando ele não tem controle sobre os eventos e quando o foco é estudar profundamente um fenômeno real contemporâneo (YIN, 2009). Acrescenta-se que, além deste estudo aprofundado, as maiores vantagens do estudo de caso são que ele possibilita apoiar o desenvolvimento de perspectivas históricas e garante alta validade interna.

A aproximação do estudo de caso com a vida real é importante tanto para o desenvolvimento de uma visão da realidade como para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades para os pesquisadores, pois experiências concretas podem ser adquiridas com a proximidade contínua com o estudo da realidade (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Os estudos de caso representam a estratégia preferida, quando se colocam questões do tipo como e por que, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2005, p. 19).

O estudo de caso contempla diferentes métodos de coleta e análise de dados (WILLIG, 2013). No presente estudo, foram selecionados cinco casos públicos de estudos através do método qualitativo de observação em profundidade.

Para poder desenvolver o projeto com maior riqueza de detalhes e com mais precisão, foram utilizados dados secundários, buscados em diversas fontes, como internet, livros, jornais e revistas que discorriam sobre o tema.

Os dados secundários são dados já existentes, prontos para consulta, mas frequentemente dispersos, necessitando que seja desenvolvida uma ação para que sejam localizados. Além disso, como não foram obtidos especificamente para atender nossas necessidades muito provavelmente não estão dispostos do modo que preferiríamos e, portanto, temos que nos adaptar a eles. São informações obtidas em revistas, jornais, manuais, anuários, arquivos, busca na Internet (ARATANGY, 2007, p. 3).

Estes dados serão referentes às bibliografias utilizadas, que serão úteis para embasamento às soluções apresentadas.

3.2 O pesquisador como objeto de estudo

Como já dito no início deste trabalho, uma das motivações desta investigação reside também na tentativa de autoestudo, na subjetividade do investigador que aqui se apresenta como raiz de todo o processo. Mesmo correndo riscos de ser questionado, o pesquisador se coloca aqui como pesquisador e pesquisado ao mesmo tempo. Refere-se à utilização da experiência de superação vivida pelo autor desta tese como ponto de partida para o estudo dos casos apresentados mais adiante. Entretanto, para guardar os princípios de confiabilidade e certo grau de distanciamento necessário, preferiu-se não realizar análise do próprio caso com os mesmos parâmetros dos demais, de forma que tal caso se apresenta neste trabalho como antecedente e contexto motivador da pesquisa.

Acredita-se que não se estarão longe do fazer científico, pois hoje é amplamente aceito que nenhuma área do conhecimento pode escapar das dificuldades produzidas pela subjetividade do investigador. De modo que este, ao escolher o objeto de sua investigação, já traz consigo a influência do seu contexto de inserção, de seus grupos de referência, de suas preferências intelectuais do momento e de suas idiosincrasias. Isso acentua a importância de se compreender a implicação

do pesquisador no processo de investigação nas ciências humanas, conforme ressaltam Devereux (1977), Barbier (1985) e Machado (2002).

Ao refletir sobre a pesquisa conjugada com as questões subjetivas e sociais, esses autores apontam que, em sentido amplo, a implicação remete a elementos conscientes e inconscientes que perpassam as atitudes adotadas pelo investigador diante de seu campo de investigação, dos temas escolhidos, das relações que estabelece com os sujeitos sob os quais recai seu interesse, e assim por diante. Portanto, não se negam as experiências de superação do autor desta pesquisa e, sim, as utilizam como ponto de partida para a análise de outras superações.

Nesse sentido, a partir do princípio da Complexidade de (MORIN, 2011, p. 30), este trabalho procura “estabelecer a comunicação entre aquilo que é distinguido: o objeto e o ambiente, a coisa observada e o seu observador”. Sendo assim, compreende-se que é possível, dentro de uma lógica inclusiva e integradora, operar e ampliar a maneira de pensar sobre o objeto em estudo, considerando as relações e inter-relações existentes entre sujeito e objeto nos processos de conhecimento e de pesquisa.

3.3 Percurso metodológico

Se fosse representada por um processo animado, poderia se configurar este trabalho como uma grande tecelagem artesanal em que a experiência de superação do pesquisador, alicerçada pelas teorias já discutidas até aqui e os casos estudados, formam os fios de trama e teia que se entrelaçam e possibilitam este estudo. Tratam-se de vários alinhavos de concepções teóricas, de práticas de superação do “eu” e do “outro” que no processo de idas e vindas foi sendo construído e reconstruído.

Nessa perspectiva, o desenho metodológico pertinente às especificidades deste estudo encontra lastro substantivo no que Sampieri, Collado e Lucio (2013) chamam de Desenho Narrativo, pois neste tipo de procedimento o investigador:

[...] analisa diversas questões: a história de vida, passagem ou acontecimento em si; o ambiente (tempo e lugar) no qual viveu a pessoa ou grupo, ou sucederam os fatos; as interações, a sequências de eventos e os resultados. Neste processo, o investigador reconstrói a história do indivíduo ou a cadeia de sucessos (quase sempre de maneira cronológica: dos primeiros fatos aos últimos), posteriormente a narra sob sua ótica e descreve (sobre a base da evidência disponível) e identifica categorias e temas emergentes nos dados narrativos (que provêm das histórias contadas pelos participantes, os documentos, materiais e a própria narração do investigador) (tradução nossa) (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 506).

Os próximos passos desta investigação irão, a partir do diálogo com os autores que a fundamentam e o estudo dos casos exemplificadores, confirmara síntese dos fatores de superação. Dessa forma, o percurso que se apresenta prima por descrever e analisar a construção de uma pedagogia voltada à superação em circunstâncias de resiliência e à preparação de educadores, para ensinar e ampliar a possibilidade e a velocidade de saltos e ganhos superantes na vida.

Apresentam-se aqui os critérios e instrumentos que foram selecionados, assim como as justificativas cabíveis para a utilização de determinados instrumentos e da realização do estudo, tendo em vista os objetivos específicos:

1) identificar como os indivíduos, sujeitos investigados, encararam a superação em suas histórias de vida.

2) encontrar fatores comuns nos casos estudados que configurem um padrão de superação.

3) avaliar aspectos determinantes no papel de líderes, educadores, da comunidade e sociedade na superação.

4) oferecer uma proposta para a superação tanto em circunstâncias individuais, empresariais e organizacionais, quanto educativas e pedagógicas.

Nos ângulos e propostas desta investigação, direcionamos o olhar para uma resiliência permanente, e as exemplificamos com nove casos acompanhados, estudados e avaliados.

As experiências estudadas irão, em seguida, dialogar entre elas, e sob a ênfase maior de cada um dos pensadores centrais, escolhidos para esta investigação, humanista, qualitativa e transformacionalmente pedagógica dialógica.

3.3.1 Escolha dos casos

Para realizar este estudo, se parte do critério de conhecimento e de aproximação do autor da tese com os casos escolhidos de pessoas públicas. De forma que se buscaram histórias de pessoas que passaram por dificuldades e elaboraram estratégias específicas de superá-las. Fala-se de uma trajetória de mais de dez anos de experiência e contato com tais casos.

Durante referida trajetória o autor desta pesquisa, movido pelo ímpeto de entender e ressignificar sua própria existência, encontrou no “outro” explicações e também questionamentos sobre a ação extraordinária de superar. Os casos escolhidos são exemplos improváveis, mas que aqui se busca provar que apontam

para a possibilidade superante, nas mais distintas situações adversas. O que está por trás do pensamento, das ações, das forças que permitiram o progredir, o crescer e o transformar, o inédito inviável no inédito viável, representará a oferta desta investigação para educadores e para a sociedade: o que se aprende com os superantes e como se pode ensinar e criar superação em seres humanos que não conseguiriam encontrar por suas próprias forças esses caminhos.

Mesmo conhecendo de perto as pessoas estudadas, um critério importante na escolha dos casos foi o de eger pessoas públicas para facilitar o acesso às informações sobre suas histórias. Por isso, não só seus testemunhos fazem parte dos dados obtidos, como também as informações encontradas em diversas fontes públicas.

Os casos estudados nesta investigação também envolvem trauma comunitário de toda uma sociedade, como na cidade de Santa Maria. Nesse caso, primeiro se fez um estudo geral, depois se buscou exemplos pessoais de superação do referido trauma.

Portanto, os casos aqui estudados foram: os fundadores de grandes empresas com legados que extrapolam os aspectos materiais e financeiros, Alexandre Costa e Nishimura; a fundadora da APAE – Associação de Pais e Amigos de Excepcionais, no Brasil, Dona Jô Clemente; o autor desta investigação que aparece como antecedente da investigação, mas que não figura uma análise, além do caso comunitário de Santa Maria e cinco subcasos do mesmo.

3.3.2 Instrumentos e coleta de dados

O primeiro momento da coleta de dados correspondeu à busca e eleição de teorias que pudessem respaldar as análises dos fatores comuns de superação nos casos estudados, e se deu a partir de fontes bibliográficas e digitais. Portanto, foi desenvolvida também pesquisa documental que, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), designa-se à coleta de informações de documentos necessários à elaboração de uma pesquisa.

O segundo momento correspondeu à busca de histórias de pessoas que de alguma maneira superaram situações difíceis e obtiveram êxito em seus fazeres da vida. Essa busca partiu do repertório de contatos e experiência com tais pessoas. Dessa maneira, escolheu-se quatro caso sem que se poderiam encontrar fatores de superação em comum. Então, para relacionar os fatores em comum com as teorias já estudadas, nessa etapa se procedeu a análise exaustiva das histórias através de biografias e fontes digitais, como o caso do Pelé e dos empresários famosos, além de fontes de periódicos, a aproximação e o conhecimento *in loco* das experiências escolhidas.

Para o caso comunitário de Santa Maria se utilizou a coleta de informações *in loco* e fontes digitais sobre a história geral e sobre casos específicos dentro da mesma história. Apesar de serem pessoas comuns, suas histórias se tornaram públicas devido ao alto grau da tragédia em que foram vitimados.

Após escolher as histórias, as fontes/textos contendo as informações dos casos escolhidos foram separadas e organizadas para posteriormente se procederem as análises correspondentes.

Para efeitos de convalidação do processo de análise dos fatores de superação, pareceu importante expor os resultados obtidos da pesquisa à apreciação e experimentação de pessoas que participaram de uma experiência pedagógica com base nos fatores de superação encontrados. Dessa forma, foi elaborado um terceiro momento de coleta de dados, referente aos dados que serviram para confirmar e validar a proposta de superação através dos casos estudados. Assim, através de entrevistas com questionários abertos, se coletou os dados de validação da proposta em duas experiências, uma conferência no Colégio Seriös, em Brasília, e um trabalho de motivação realizado por duas psicólogas no Hospital Cruzeiro do Sul, em São Paulo. Tais profissionais foram capacitadas pelo autor desta tese.

O quadro abaixo apresenta o resumo das etapas de coleta de dados juntamente com os cenários e fontes de investigação:

Quadro 3- Etapas de coleta de dados

1 ETAPA Abril/2013 a outubro 2015	Bibliográfica	Recorreu-se a fontes bibliográficas e digitais de teorias que pudessem subsidiar os fatores de superação.
2 ETAPA Junho /2015 a julho 2017	Estudo dos casos	Recorreu-se ao contato direto, fontes digitais e bibliográficas de casos exitosos de superação de pessoas públicas.
3 ETAPA Março/2015 (colégio) Setembro/2016 (hospital)	Confirmação e validação	Recorreu-se a entrevista com pessoas que participaram de um trabalho de motivação realizado por duas psicólogas no hospital Cruzeiro Sul e uma Conferência realizada em Brasília

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

3.3.3 Instrumento de análise dos dados

Deseja-se esclarecer que, no caso das pessoas públicas, o conteúdo das histórias estudadas se refere às informações públicas encontradas nas fontes mencionadas anteriormente. Portanto, as análises contêm certo limite e alcance que não englobam todas as questões privadas dessas pessoas.

O conteúdo obtido através das informações contidas nas histórias das pessoas que fazem parte dos casos estudados foi categorizado e analisado mediante o apoio teórico oferecido pela Análise Temática de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), visto que tal análise fornece suporte necessário ao rigor metodológico. Para Oliveira et al. (2003), essa análise consiste na leitura de todo o material, com posterior identificação de palavras e conjuntos de palavras que apresentam significado para a pesquisa, bem como na classificação e categorização dos temas levando em consideração a semelhança existente no que concerne ao critério semântico ou sintático.

A Análise de Conteúdo (AC), enquanto método de organização e análise dos dados possui algumas características. Primeiramente, aceita-se que o seu foco seja qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (BARDIN, 2011).

Desse modo, ao longo do estudo o trabalho de análise foi delineando-se à medida que a investigação avançava e, como num movimento de ida e vinda, em que se analisavam as histórias e as relacionavam com os conceitos teóricos estudados, emergiram cinco categorias de análises: **Princípio de Superação, Plano de Superação, Conteúdos Estratégicos de Superação, Procedimentos Superantes e Atitudes Superantes.**

O estabelecimento dos critérios de avaliação das categorias acima baseou-se numa sistematização e interpretação dos níveis de ocorrência dos fatores de superação que eram confirmados nos casos estudados. Assim, conforme ocorrência, os fatores poderiam se apresentar de forma total, parcial suficiente, parcial em construção e ausente. A partir do Quadro 4 se explicita seus conceitos e relações:

Quadro 4- Ocorrência dos fatores de superação

OCORRÊNCIA DOS FATORES DE SUPERACÃO	
TOTAL	Quando figuram no caso estudado os cinco fatores de superação e seus desdobramentos.
PARCIAL SUFICIENTE	Quando figuram no caso estudado parte dos fatores de superação, mas que são suficientes para promover o bem-estar do sujeito.
PARCIAL EM CONSTRUÇÃO	Quando figura no caso estudado algum fator de superação que com o tempo pode possibilitar à construção dos demais fatores.
AUSENTE	Quando não figura no caso estudado nenhum fator de superação.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

4 CASOS ESTUDADOS

4.1 A modo de antecedente: O caso José Luiz Tejon

Numa manhã de uma quinta-feira, no final dos anos 1950, com o Brasil sendo pela primeira vez campeão do mundo em futebol, minha mãe me arrastava pela primeira vez, da nossa casa até uma feira de alimentos numa pracinha no bairro da Vila Belmiro, na cidade de Santos, no Brasil. Alguns anos antes eu havia sofrido uma queimadura com destruição total dos tecidos da face, numa mistura de cera com gasolina.⁹

A partir dos sete anos, eu precisava sair do hospital e iniciar a vida como outra criança qualquer. Continuei realizando pequenas cirurgias corretivas até completar 16 anos, mas aí com internações de tempos em tempos, enquanto estudava e me desenvolvia, até um dia em que, tomando consciência de mim mesmo, eu decidi que não mais faria cirurgias plásticas, encerrando por minha decisão e conta todo esse processo da infância e juventude¹⁰.

Minha mãe, pessoa semi-analfabeta, sem leituras, sem pedagogias ou epistemologias conscientes, atuava naquele instante como Freire escreveria na sua *Pedagogia do Oprimido*:

Perante as situações-limite, os primeiros veem os temas problemas encobertos pelos mesmos, daí os considerar como determinantes históricos e que nada há a fazer. Os segundos, quando percebem claramente que os temas desafiadores da sociedade não estão encobertos pelas “situações-limite”, quando passam a ser um “percebido-destacado”, se sentem mobilizados a agir e a descobrirem o “inédito-viável” (FREIRE, 2011. p. 95).

Mas não basta saber o que tem que ser feito, precisa fazer. E, para fazer, é fundamental encontrar sentidos e significados, e essa construção, criação de valor, não exige encontrar algo que está do outro lado do mundo, ou alguma coisa de impressionante descoberta, como a eletricidade ou a relatividade. A construção do agir representa saber brincar criativamente com as peças e as ferramentas dadas e jogadas

⁹ As mulheres derretiam os restos de cera, para não perder o que se acumulava no fundo das latas, e passavam nos assoalhos e pisos das casas, no ato de encerar o chão.

¹⁰ Após o acidente, que por muito pouco não me tirou a vida precocemente, passei um bom tempo internado no hospital, na Santa Casa de Santos. Lá havia uma escolinha para o ensino fundamental, onde iniciei meus estudos no pré-primário e primeiro ano, enquanto fazia uma série interminável de cirurgias corretivas, com enxertos, curativos e processos médicos e cirúrgicos ainda daqueles velhos tempos, onde as dificuldades e o avanço da ciência e da tecnologia não se assemelhavam em nada aos dias contemporâneos. Tudo era muito lento e muito doloroso.

pelo caminho. Criar significados a cada momento, passo a passo. Para mim a ida à feira livre e o “prestar atenção nas batatas” representava, pelo menos como um registro permanente na minha memória, o primeiro “ato limite” efetivado e importante.

Por muito tempo tive medo de ver pessoas, sair na rua, ver e ser visto. Eu tinha medo da minha aparência e do impacto que causava nas outras pessoas. Até que naquela manhã, minha mãe havia determinado ser o “*point of no return*”, um ponto sem volta na minha vida e na dela. Paramos na barraca das batatas e uma multidão de pessoas foi rodeando, um burburinho grande de gente curiosa, e no meio dele eu, minha mãe e a barraca das batatas. Assim que paramos minha mãe me deu uma ordem:

“Filho, pega as melhores batatas do saco. Essas aqui, grandes, para fazer para seu pai, cozidas. Essas aqui, redondinhas e pequenas, para fazer no forno. Mas, presta atenção, olha uma a uma, e pega as lisinhas, sem machucado, sem manchas, presta atenção nas batatas”.

Enquanto isso, o volume de gente ao redor da barraca ia aumentando e os comentários crescendo. Uma mulher ao me ver, chora, correm lágrimas dos olhos, abraça minha mãe e diz bem alto: “meu Deus do céu, como seu filho ficou!”. Quando eu ia desviar a atenção das batatas para prestar atenção naquela mulher chorando pelo estado do meu rosto, minha mãe imediatamente manda que eu retome a atenção nas batatas. Pega uma que eu havia selecionado e diz assim: “veja filho, esta tem manchas, você precisa escolher todas as batatas limpinhas, e as melhores do saco, com as suas próprias mãos”. E retornei imediatamente minha atenção para o trabalho de escolher as melhores batatas. Toda vez que se aproximava um curioso minha me mandava prestar atenção nas batatas, e esse ensinamento venho levando durante os anos da minha vida.

Na superação, no início da própria superação vivida e aprendida, o primeiro passo foi vencer a realidade da rua, do quarteirão onde morava, do bairro, da feira do bairro, do minúsculo local, dos vizinhos; era ali que iniciava a construção da iniciação da minha Pedagogia da Superação. A experiência concreta também demonstrava não ser possível superar sozinho. Meus pais foram grandes educadores. Precisamos de educadores, de líderes, de mentores que nos façam ver, fazer e acreditar na possibilidade do criar esse “inérito-viável” ao qual Paulo Freire (2011) se refere.

Derrubar as situações-limites, não permitindo a si mesmos “ser menos” e concretizar o “inédito-viável” no que ele tinha de inviável é a essência da luta da pedagogia do oprimido. Registra Freire:

Portanto, na realidade são essas barreiras, essas “situações-limite” que mesmo não impedindo, depois de “percebidos-destacados” a alguns e algumas de sonhar o sonho, vêm proibindo à maioria a realização da humanização e a concretização do ser mais (FREIRE, 2011, p. 57).

4.1.1 Tejon e o “*bullying*”

Como vencer o “*bullying*”, numa situação de um menino com o rosto deformado, no enfrentamento da escola, da rua, da sociedade? Quem faz “*bullying*”? Quem o protege do “*bullying*”? Como se afastar do “*bullying*”? Como obter resistências estruturais emocionais para enfrentar o fato de ser diferente e potencial alvo de “*bullying*”? O “*bullying*” é iniciado e estimulado pela personalidade mais perversa e desassistida de amor, dentro do grupo.

O “*bullying*” é utilizado de maneira inconsciente pelo indivíduo que guarda dentro de si uma significativa fraqueza no ponto exato daquilo que ataca e violenta. No caso estudado, a queimadura no rosto. Quem efetivou “*bullying*”, ao longo de todo o tempo dessa auto-observação, foram sempre pessoas que de forma alguma tinham beleza estética física nos padrões considerados “belos”. Costumeiramente eram pessoas que poderíamos considerar como “feias” do ponto de vista dos critérios de uma pessoa bela.

O iniciador de “*bullying*” procura ser admirado pelo grupo como um líder, utiliza uma aparente fraqueza de um membro da comunidade para demonstrar sua superioridade.

A proteção contra o “*bullying*” se dá pelo indivíduo mais forte e com integridade de caráter, quer dizer, uma criação com valores e amor. Esse membro do grupo se sente incomodado, e dá suporte na defesa do membro enfraquecido. Essa força pode ser ampliada dependendo da coragem da pessoa que é alvo dos ataques. Essa dignidade encoraja o mais forte digno, e atrai aliados, da média do grupo.

Afastamo-nos do “*bullying*” quando o fator que atrai o foco dessa atenção não significa mais dentro dessa pessoa uma fraqueza. Ao não sentir dentro de si aquele aspecto como um ponto fraco, e não ser mais o centro de seu próprio sentimento na

forma de um “*autobullying*” ocorre um fenômeno de não mais “incomodar” a pessoa. Ao não mais incomodar, o efeito esperado do “*bullying*” pelo agressor se desvanece, diminuindo ou perdendo interesse, por inexistência de efeitos esperados.

Como obter fortalecimentos estruturais íntimos? Através do fortalecimento de visões de mentores, pais e educadores. Pela colocação do foco nas forças importantes da pessoa. Pela diminuição de foco no ponto alvo potencial de “*bullying*”. Pela aceitação e relativização do que se entende como um “defeito”, e concentração nas fortalezas da pessoa, da criança, do jovem.

Com esse processo educacional, oferecido por pessoas líderes, no entorno, o próprio olhar do alvo de “*bullying*” não consegue mais ver, ouvir e sentir possíveis provocações. Esse sentimento íntimo de si mesmo gera uma transformação, e o que seria uma fraqueza se consolida como uma alavanca para acessar e acionar outros ângulos de dom e vocação. A eliminação do preconceito que uma pessoa sente de si mesma é o maior poder para mudar e superar processos de “*bullyings*” sociais. O maior preconceito do mundo é o que sentimos de nós mesmos. A maior contribuição que um educador pode dar para um ser humano com sentimentos de percepção de deficiências, de diferenças, está no fortalecimento de suas forças. O olhar do educador altera o olhar do educando.

4.2 Caso 1: A atividade laboral como sentido de vida: O senhor Shunji Nishimura

No fim dos anos 1920, o Japão enfrentava sérias dificuldades econômicas. Milhares de japoneses saíram do país, principalmente entre 1924 e 1934, em busca de novas oportunidades em países como o Brasil. Em 1932, o jovem mecânico Shunji Nishimura, então com 22 anos, estava entre eles. O começo de sua vida brasileira foi em uma fazenda de café no interior de São Paulo.

Na cidade de Pompeia, Brasil, um homem com seus seis filhos, imigrante japonês, se instala trabalhando com suas próprias mãos em uma minúscula oficina onde uma tabuleta à porta informava: “conserta-se tudo”.

Aquela cidade, no estado de São Paulo, foi a escolhida por ser simplesmente a última estação do trem, àquela época no pós-guerra, em 1948. O Brasil recebia imigrantes do mundo todo, e aquele mecânico, técnico agrícola, descia no porto de Santos e tomava o trem, que subia a serra para a cidade de São Paulo. Ali, Nishimura decidiu ir para a

última parada daqueles trilhos. Sua comunidade, a sua geografia humana, já havia sido deixada para trás, na cidade de Kyoto (Quioto), Japão. Para Shunji Nishimura o que havia a partir daquele trem que chegava à sua última parada, e de retorno para a cidade grande partia, era sim a construção de uma nova geografia humana.

Franzino e pouco acostumado ao ritmo de trabalho com a enxada, grande demais para ele, Nishimura percebia que as coisas não seriam fáceis, mas estava determinado a vencer. Sua criatividade e seu conhecimento técnico o ajudaram a amenizar os dias difíceis na roça: fez uma enxada mais adaptada à sua estatura.

O cotidiano não era fácil e a remuneração pouco estimulava. Deixou a fazenda e foi tentar a vida no Rio de Janeiro, onde trabalhou como garçom. Conseguiu amear algumas economias e, voltando a São Paulo, resolveu estudar português. Trabalhou um tempo na própria escola, depois em uma fábrica como ajudante de torneador e soldador, ganhando o suficiente para se alimentar de pão com banana.

A vida se iluminou quando Nishimura conheceu Chieko, se casou e teve a primeira filha, Mitiko. Depois vieram seis meninos (Takashi, Jiro, Chikao, Shiro, Lincoln e Jorge). Decidido a melhorar de vida e com ideias de inventor na cabeça, tomou um trem com o objetivo de desembarcar apenas no fim da linha: lá seria o local do recomeço. Foi assim que se estabeleceu em Pompeia, cidade de 18 mil habitantes no interior de São Paulo.

Alugou uma casa, buscou a esposa e a filha e colocou a placa na porta: “Conserta-se tudo”. A oficina foi, aos poucos, conquistando a freguesia. E Nishimura seguia inventando coisas. Colocou alças em latas, criando canecas. Adaptava motores. Desenvolveu um alambique para destilar mentol, que era um item importante da economia local. Daí para criar, em 1948, a primeira polvilhadeira nacional, na época feita de metal, foi só questão de tempo. Nascia a Indústria de Máquinas Jacto. No ano seguinte Nishimura já estava vendendo 30 pulverizadores por mês. Ele não parou mais de inventar e o negócio, de crescer. Já foi homenageado dezenas de vezes por associações empresariais e autoridades, incluindo o governo japonês.

Nishimura é um caso significativo de superação sob circunstâncias de resiliência, desde situações dramáticas de um imigrante desprovido de bens materiais, sua chegada num país estranho trazendo exclusivamente a força do seu trabalho e de suas mãos, à sua decisão de ir para a última parada do trem, à criação e construção de uma grande companhia, à continuidade da sua obra numa fundação, a sucessão, e a morte, na mesma comunidade onde ele decidiu se estabelecer criando e erigindo

a “sua geografia humana”. Curiosamente Nishimura, ao contrário de outros, nunca abandonou Pompeia, e mesmo com recursos suficientes para viver seus últimos momentos em centros e hospitais extraordinariamente mais avançados em suporte tecnológico e estrutural, optou por passar seus últimos instantes exatamente no local da sua “geografia humana”.

Makiguti escrevia no início do século XX, quando Shunji Nishimura nascia no Japão:

Se por um lado, a inter-relação meio-homem é necessária para manter a vida humana no sentido imperioso de criar valores materiais e espirituais, por outro, ela é inconsciente, naturalizada. Ninguém pensa na alteração que o trabalho humano provoca na natureza ao criar condições artificiais que nenhum outro animal cria; essa transformação acontece por que é preciso viver como humano; significa criar cultura (MAKIGUTI, 2004, p. 105).

Shunji Nishimura tinha sua micro-oficina de “conserta-se tudo”, uma portinha na pequena cidade de Pompeia. Consertava canecas, panelas, machados, armas, bicicletas, tudo. No entorno de Pompeia havia agricultura. Plantação de café, de algodão. O Brasil é um país tropical, e nos trópicos a incidência de pragas e doenças sempre foi constante na sua realidade agrícola. Os agricultores precisavam aplicar inseticida nas lavouras, mas não havia máquinas no Brasil. Um engenheiro agrônomo, que vendia defensivos, trouxe consigo uma vez uma polvilhadeira manual importada da Alemanha, para fazer uma demonstração. A prática do lugar não envolvia equipamentos. Os produtores colocavam o pó inseticida em panos com furos, e saíam batendo nas árvores. Além do desperdício, da péssima aplicação, isso fazia ainda com que respirassem do próprio veneno que tinha como objetivo controlar as pragas das lavouras.

Esse técnico soube das habilidades manuais de Nishimura, que consertava e fazia de tudo. E deixou com ele essa polvilhadeira importada, com um desafio de que ele tentasse fazer um equipamento similar. Nishimura pegou a máquina, olhou, admirou, desmontou, montou, remontou, passou dias e noites com a peça na mão e na cabeça. Reuniu latas de querosene, catracas de bicicleta, porcas e parafusos, hastes de ferro, e ao som do seu martelo construiu a primeira polvilhadeira brasileira, em 1948. Quando o agrônomo passou para ver o resultado ainda perguntou: “mas Nishimura, essa sua polvilhadeira funciona tão bem como a que eu trouxe?”, e Nishimura respondeu: “muito melhor, a sua só polvilha o inseticida quando a alavanca desce, a minha polvilha quando a alavanca desce e sobe!”. Nishimura sempre, na sua

inconsciência, criava vida, superação e felicidade, na realidade da sua nova comunidade, e no poder do trabalho criador.

Makiguti ensina:

A formação humana é tão mais satisfatória para o ser humano quanto mais for ligada aos problemas e questões do entorno. Para essa concepção, os insights, os entendimentos e os princípios podem ser descobertos no entorno ou no que chamo de terra de nascimento, que podemos traduzir por terra de pertencimento, a vida local. Se pensarmos seriamente sobre isso, podemos ver que todo aspecto desse universo pode ser observado na pequena área da nossa terra natal. Porque a nossa terra natal é o lugar onde vivemos, onde andamos, onde vemos e ouvimos, formamos impressões, é possível para nós observarmos todos os fenômenos diretamente. Assim, é possível para nós explicar a natureza geral dos fenômenos complexos em qualquer lugar do mundo por meio do uso de exemplos os quais podemos achar em abundância nas mais remotas vilas e aldeias (MAKIGUTI, 2004, p. 117).

Shunji Nishimura constituiu na comunidade de Pompeia, e no seu entorno, o fazer que o levou ao caminho mais amplo. Na medida em que seus olhares se expandiam, e novas fronteiras observava, o aprender com as realidades de cada local permitiam um movimento de progresso e de superação, transformando o mundo num genuíno educador, e em uma vontade de aprendizagem à sua pedagogia fundamental. E assim como aprendia, ensinava funcionários, fornecedores, clientes e a própria comunidade da cidade de Pompeia a prestar atenção e a aprender também.

Criar valor é o que de mais importante pode um ser humano efetivar. Esse valor significa criar relações que envolvam uma pessoa com aquilo que ela vê com o que sente. Suas percepções, pensamentos e intuição são como a bigorna, o fogo e o martelo do ferreiro da alma.

Em Nishimura registramos um limiar de dor expandido, com forte resiliência. Capacidade de amar profundamente o que faz, com o desenvolvimento de uma forte habilidade específica, com a qual ao lado da criatividade consegue dar saltos alavancados na vida. Um talento de ser amável e conseqüentemente procurado e ajudado. Foco inabalável em valores atemporais, como o trabalho, a dignidade, a evolução. Mantinha dentro de si uma esperança firme, como a de uma criança permanentemente viva, e ainda a estabilidade para concretizar os ganhos de cada dia e seu reinvestimento. Da mesma forma transformou-se num grande líder educador.

Deixava a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia, formadora de jovens, ações na educação fundamental da comunidade, uma sucessão exemplarmente bem

feita e conduzida com filhos e netos, e uma pergunta decisiva e definitiva que fez com que todos os seus filhos ainda se surpreendessem nos últimos instantes de vida do “velho Nishimura”: instantes antes de sua partida desta vida ele pergunta: “filhos, por que tudo deu certo?”.

4.2.1 A Superação do senhor Shunji Nishimura

A história do senhor Nishimura é bastante ilustrativa dos fatores de superação plantados na investigação. Com facilidade, pode-se confirmar o primeiro Fator de Superação quando analisamos a trajetória de sua mudança do Japão para o Brasil. Nessa decisão de sair do seu país, em que se termina uma forma de vida e começa-se outra, o senhor Nishimura revela o motor que gera tudo isso, a capacidade de refazer-se, de buscar outras formas de si. Assim, confirma-se o Princípio de Superação.

Quando decide viver no Brasil e elabora sua existência, cria ações motivadoras para impulsionar a convivência equilibrada e relativamente feliz com a nova condição de vida. Seguramente o senhor Nishimura tinha planos para ser feliz. Não se pode esquecer que ser feliz é algo particular e que para este homem a felicidade poderia ser representada pela simples possibilidade de poder trabalhar e se sustentar, portanto o que poderia ser considerado um Plano de Superação simples, na verdade se converte em um grande plano quando recordamos tudo que ele foi capaz de criar a partir desse novo começo.

Sobre os Conteúdos Estratégicos de Superação, a história do senhor Nishimura conta que ele se casou e teve sete filhos – vemos bem figurado aí o amor. Além disso, o labor foi o principal marco de sua história, pois através disso pode construir um império e contribuir depois com formação de vários jovens a partir Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia. Dessa maneira, a ética e a estética se veem presente até hoje no seu legado e na continuidade do trabalho conduzido pelos seus filhos.

Sem dúvidas que o senhor Nishimura foi um homem que tanto aprendeu quanto ensinou muito na vida. Aprender, acreditar, criar e inspirar são Procedimentos Superantes que formaram a base de seu trabalho. Para criar sua primeira máquina pulverizadora teve que aprender e acreditar que todos seus esforços e empenho valeriam a pena, e assim aconteceu. Hoje sua história inspira muitos jovens que estão começando uma carreira e também inspira àqueles que estão terminando.

Acreditamos que essa inspiração se deve principalmente ao espírito desbravador do senhor Nishimura, à Curiosidade Infantil e ao Protagonismo que fizeram parte de suas Atitudes Superantes.

De acordo com os parâmetros de avaliação dos fatores de superação, se considera que o caso Nishimura apresenta ocorrência TOTAL dos mesmos. É notório o êxito na vida desse homem. Não se pode deixar de mencionar que o nível de publicidade dessa história permitiu chegar a essa análise, pois as inúmeras fontes revelaram detalhes e informações que facilitaram essa conclusão.

4.3 Caso 2: Ser negro não pode ser um obstáculo: Edson Arantes do Nascimento, o PELÉ

Segundo fontes consultadas, Edson Arantes do Nascimento nasceu no dia 23 de outubro de 1940, na cidade de Três Corações (MG). Filho de Celeste Arantes e do ex-jogador de futebol amador, João Ramos do Nascimento, conhecido como Dondinho, Edson ganhou o apelido de Pelé aos três anos de idade por causa de um goleiro do time do pai.

Em 1943, o pai de Pelé jogava no time mineiro do São Lourenço. Pelé, com apenas três anos, ficou impressionado com as defesas do goleiro da equipe e gritava: "Defende, Bilé". As pessoas próximas começaram a chamá-lo de "Bilé", mas as crianças entenderam o apelido como "Pelé".

Em 1945, aos cinco anos, Pelé se mudou com a família para Bauru (São Paulo). Foi na cidade que ele começou a jogar em clubes de divisões inferiores. Com dez anos Pelé já jogava em times infanto-juvenis como o Canto do Rio, Ameriquinha e Baquinhos. O pai então o estimulou a montar o seu próprio time: chamou-o Sete de Setembro. Para adquirir material, como bolas e uniformes, os garotos do time chegaram a vender produtos em entrada de cinema e nas praças. "Pelé" trabalhava como engraxate.

Descoberto aos 11 anos pelo jogador Waldemar de Brito, foi convidado a jogar no Bauru Atlético Clube. O mesmo Waldemar o apresentou à Vila Belmiro no dia 08 de agosto de 1956 dizendo: "esse menino vai ser o melhor jogador de futebol do mundo". Assim começou a carreira de "Pelé" no Santos F.C., estreando em uma partida amistosa cujo resultado foi Santos 7 x 1 Corinthians de Santo André (com um gol de Pelé).

Assim que chegou ao Santos, ainda adolescente, Edson Arantes do Nascimento passou a ser chamado de "Gasolina" pelos outros jogadores do time. O apelido se referia à cor da substância que dá origem a esse combustível, o petróleo, negro como a pele do recém-chegado.

Mas na Copa de 1958, seus companheiros começaram a chamá-lo de outra coisa: Alemão. Era uma ironia que marcava a clara oposição entre o seu tipo físico – e a cor de sua pele – e o dos atletas europeus. O "Alemão" foi abandonado ainda na Suécia, mas Pelé continuaria a ser chamado, ao longo da carreira, por outras palavras que remetiam à cor de sua pele, como se essa característica física fosse definidora de sua personalidade. "Crioulo" é o termo que mais aparece nos jornais dos anos 60 em referência a ele. Em geral, a palavra foi usada de maneira intencionalmente afetuosa, embora seu uso exponha um discurso racista que define socialmente uma pessoa negra a partir da cor de sua pele.

No time do Santos teve as maiores conquistas, ganhou mais de 40 taças e foi artilheiro do campeonato paulista em 11 oportunidades, sendo nove consecutivas. Foi ainda artilheiro da Libertadores (em 1965, com seis gols), da Taça Brasil por três vezes (1961, 1963 e 1964) e do Torneio Rio-São Paulo, em 1963. Apesar de ter feito mais de 1200 gols, nunca conseguiu o feito de ser artilheiro numa Copa do Mundo.

Na Seleção Brasileira, Pelé estreou em 07 de julho de 1957, contra a Argentina, no Maracanã, na vitória do Brasil por 2 a 1. Pelé tinha 16 anos, oito meses e 14 dias de vida, tornando-se o jogador mais jovem a vestir a camisa do Brasil. Nesse dia, marcou também seu primeiro gol pela seleção.

Pelé, um dia, decidiu que não queria mais ser jogador de futebol. Ainda no início da sua carreira, no time de base do Santos Futebol Clube, perdeu um pênalti, aos 45 minutos do segundo tempo, e o time não ganhou o campeonato. A torcida o vaiou, ele foi xingado, humilhado e alvo de "*bullyings* sonoros" da pior espécie. Ele decidiu que iria fugir do campo onde morava, logo cedo, no dia seguinte. Fez sua mala, e foi saindo às seis horas da manhã. Nesse exato momento entrava o filho da cozinheira, de apelido Sabuzinho. Esse rapaz viu o Pelé fugindo de mala, interferiu, não permitiu e Pelé retornou para seu quarto, e esqueceu que havia decidido que não seria mais jogador de futebol. O que aconteceu?

De fato o destino, o acaso, ou Deus, colocou naquele exato momento, na frente de Pelé, o maior jogador de futebol de todos os tempos, um humilde servidor, o

Sabuzinho, o filho da cozinheira que evitou sua fuga. E Pelé diz: “se não fosse o ‘Sabuzinho’ eu não teria sido Pelé”. Mas, de verdade, o que ocorreu, por que o Pelé prestou atenção e obedeceu ao Sabuzinho? Por uma questão de valores. Ele foi ensinado pelos pais a obedecer ao que era certo. Ao ser repreendido pelo Sabuzinho, acatou e voltou. Se tivesse outra formação de valores, provavelmente não teria sido Pelé, e nem teria conhecido uma história tão rica de sucesso. Isso significa que ensinar e construir valores (benefício, o bem, e o belo), como interpreta Makiguti (2009), determinam as decisões, e essas escolhas participam ativamente de um contexto de felicidade, sucesso e superação de um ser humano.

O ambiente dado era o de um estado da arte em futebol, àquela altura da vida do jovem Pelé, mas o código de valores de sua aprendizagem foi de uma influência determinante na superação de sua decisão de não ser mais jogador de futebol, pelo infortúnio de ter perdido um pênalti numa final de um campeonato local de futebol, ainda distante da dimensão que esse atleta iria conquistar na sua vida futura, poucos anos depois.

4.3.1 A superação de Pelé

O êxito e a fama não são imaginados e fáceis de conseguir por um menino pobre e negro no Brasil. Entretanto, a história de Pelé contraria essa ideia. Nesta análise, se atribui essa façanha ao grande incentivo e apoio do pai. Figura nessa história o Princípio de Superação a partir da perseverança, da crença de que ele era capaz e da não aceitação do determinismo social.

Como era bastante jovem quando começou o sucesso, talvez seu Plano de Superação tenha sido, primeiro, um plano do seu pai. O que, sim, a história conta é que ser um jogador de futebol era um sonho e um almejo de felicidade e satisfação e para tornar esse sonho realidade foi necessário trabalhar e elaborar uma estratégia em prol desse plano. Apesar do elemento sorte, por haver conhecido Waldemar de Brito, Pelé e seu pai trabalharam duro para que ele conseguisse ser um jogador de futebol.

Dos Conteúdos Estratégicos de Superação, o amor ao futebol, sem dúvida, foi o motor de sua vida e, além disso, o amor do seu pai e da família. O labor se afirma em Pelé não só nos trabalhos que teve que realizar, como também o trabalho de preparação do corpo. Sobre a ética e a estética, em sua história pública não há relatos de escândalos por ser um homem famoso, pelo contrário, a humildade sempre esteve

presente em seus discursos. Além disso, no que se refere à estética, Pelé teve bastante inclinação para a arte, participou de obras cinematográficas, músicas, cantou com Elis Regina e até já inspirou Andy Warhol, etc.

Com os conteúdos estratégicos de superação em sua caminhada, conseqüentemente os Procedimentos e Atitudes Superantes figuram na trajetória desse atleta de sucesso. Não é difícil imaginar, em termos de procedimentos, as criações de passes e dribles únicos, a capacidade de aprender e aperfeiçoar-se, acreditar desde criança que era possível vencer, e por todas essas conquistas, ser inspirador para muitas crianças, adultos e até mesmo os artistas. Portanto, os procedimentos de criar, aprender, acreditar e inspirar fizeram parte de sua história, além das atitudes de curiosidade infantil, em sua infância mesmo, e do protagonismo, ou seja, da autonomia presente em sua trajetória. De maneira que avaliamos ocorrência TOTAL dos fatores de superação.

Da sua geografia humana infantil aprendeu os valores da sua conduta. No jogo de bola de meia nas ruas sem asfalto aprendeu as lições do mundo concreto. Trouxe consigo esses valores e se fixou em outra geografia humana, a cidade de Santos e seus companheiros de clube onde jogou de 1956 até 1974. Em um único lugar, na mesma geografia local, de onde partiu para virar uma marca global, Pelé adquiriu o seu túmulo, em um cemitério vertical, de frente para o estádio do Santos Futebol Clube, na Vila Belmiro.

Da complexidade humana defendida por Morin (2011), a história de Pelé contempla um dos elementos mais interessantes: a condição humana de viver todo o possível de amor e poesia num mundo prosaico. Figuras abaixo duas imagens, Pelé conversando com Andy Warol e a obra produzida desse encontro.



Figura 2 - Pelé e Andy Warol

Fonte: Futebol IG

4.4 Caso 3: Uma trufa e... 1000 lojas depois: Alexandre Costa

Alexandre Costa é dono da maior franquia de chocolates do mundo, a Cacau Show. Da comunidade, do olhar do entorno, da criatividade do mundo, ao lado dos valores apreendidos com pai e mãe: benefício, o bem, o belo. A superação criando valores a partir da sua própria vida, sob quaisquer circunstâncias.

Foi em um fusca branco 1978 que o empresário Alexandre Tadeu da Costacomeçou sua trajetória de sucesso. Em 1988, então com 18 anos, ele colocava trufas e bombons de chocolate no banco de trás do carro e os vendia em padarias e supermercados da Zona Oeste de São Paulo (SP).

Em um bairro de classe média da cidade de São Paulo, a Casa Verde, nascia o que hoje é a maior franquia de chocolates do mundo, a Cacau Show. Esse jovem, aos 18 anos e com apenas R\$ 1.000,00 de capital, iniciou a venda de chocolates artesanais de porta em porta. O que o inspirava era a realidade dos bairros pobres, da vida das vendedoras porta a porta, e do observar de sua mãe, a Dona Vilma, que havia criado esse típico negócio de empreendedorismo em países emergentes. Alexandre Costa tinha à sua mão as realidades da comunidade. O negócio da mãe era com produtos de limpeza, perfumes, utilidades do lar. Venda de Tupperware, por exemplo. Acompanhava sua mãe nas vendas, abrindo e fechando vasilhames, evidenciando que ficavam totalmente vedados. Enquanto criança, seus pais formavam sua criação para os valores e para a felicidade do que realizavam.

Alexandre Costa foi alvo de uma autêntica exposição como a proposição de Makiguti (2009). A sua professora do curso fundamental é agora a Presidente da Fundação que criou para apoiar a educação de crianças de baixa renda na comunidade onde sua fábrica está instalada, na cidade de Barueri, próximo de São Paulo.

Se o inferno é estar totalmente submetido ao ambiente, onde é dali, ao mesmo tempo, que extraímos o conhecimento primário, é também o paraíso para a criação de valor, é o que altera o “status” e promove os saltos da superação. Criação de valor é o que tiramos dos estudos e das experiências vividas tanto por Shunji Nishimura quanto por Alexandre Costa e Pelé, dois empreendedores, empresários de enorme sucesso, um atleta do século, e oriundos, todos, de situações adversas na vida, claras circunstâncias para a resiliência.

Para Makiguti:

Criação significa descobrir e avaliar a relação da existência singular com a vida humana. O ato de criar algo responde a necessidades humanas que fazem emergir potenciais latentes. Estes, por sua vez, podem ser ampliados e aprimorados como qualidades inerentes a cada ser humano. Em outras palavras, criação é mudar a ordem ordinária da natureza em uma especial por meio das mãos humanas, adicionando a sua utilidade para a vida humana. Essa é a razão de chamar método “criação”. No estrito senso da palavra, criação é aplicável apenas para valor, não para verdade. A verdade deve ser descoberta, apenas o valor pode ser procurado ou criado (MAKIGUTI, 2004,p. 141).

A criação de uma empresa que nasceu praticamente do nada, para ser a maior rede franqueadora de chocolates do mundo, em apenas 20 anos, sem investidores, fundos, ou fusões, exemplifica as formulações de Makiguti (2009). Um jovem com 18 anos, tendo em seus pais os educadores de valores e nas realidades do seu bairro, da sua região, da sua cidade, o aprendizado criador. O tornar-se uma franquia a partir da observação e atenção do entorno foi um dos saltos diferenciadores na criação de valor da nova empresa.

O benefício, o bem e o belo eram insumos presentes nas suas propostas e realidades desde a fundação. Não seria possível ter crescido sem a integração de mais de mil famílias franqueadas. E não seria possível o crescimento sem qualidade, ética e a estética da forma.

A geografia humana do bairro da Casa Verde continuou. No Carnaval de 2011 a escola de samba vencedora do carnaval paulistano foi a do bairro de Alexandre, que desfilou patrocinada pela empresa. E, agora, na cidade próxima onde a fábrica foi instalada, Barueri, novamente a integração com a sociedade, as pessoas e a formação da cultura estão presentes.

Nesse prisma, cabe ao educador, na Pedagogia da Superação, ensinar a felicidade e isso deve ser iniciado e acessado a partir de promover nos alunos, ou nos superantes, o estímulo para realizarem escolhas e tomadas de decisões com autonomia, e fundamentados no espírito do sistema de valores de Makiguti (2002). Para o educador a atribuição de valor representa dar sentido, dar significado à experiência de uma vida vivenciada. Por isso superação, segundo o autor, é construir valores, e esses valores são o bem, o benefício e a beleza. Deve-se sempre ensinar a valorar sobre esses três aspectos, de coisas positivas ou não para a vida. Da mesma forma, outro filósofo e psiquiatra, Victor Frankl (2012), iria apresentar em sua

“logoterapia” a formulação de sentidos para a compreensão do “por que viver”, na única forma de podermos enfrentar quase todo o “como viver”.

Alexandre Costa tinha essa ambientação, e tomava posse da cultura, pois valor e experiência estão contidos na comunidade.

Na superação precisa-se operar uma pragmática “transformação da natureza psíquica a partir da qual vemos o mundo” (ALMEIDA, 2000, p.32). Há uma reforma da pessoa que exige uma reforma educacional do sujeito. É necessário que o educador “pinte imagens do mundo a fim de projetar valores positivos”. O apaixonar-se pelo local, mergulhar nas suas realidades e emergir transformado, ressignificado, é o que Makiguti (1995) aborda. Quando se toma o menor círculo local possível, esgaravamos nos problemas próximos e assim podemos ter uma mudança legítima, pois temos efetividade e análises concretas de situações concretas.

Somos a qualidade dos relacionamentos que cultivamos e nos transformamos no foco de nossas atenções. O olhar que educa é o quanto aprendemos a valorar o viver, a existência e o aprendizado da vida vivida no local e na hora em que vivemos.

4.4.1A superação de Alexandre Costa

A superação de Alexandre Costa é uma história como a de muitos homens e mulheres que enfrentaram as dificuldades de uma vida de muita pobreza. Seu Princípio de Superação se confirma quando resolve trabalhar aproveitando os conhecimentos da mãe e a disposição do seu entorno para criar possibilidades de sustento.

O plano de felicidade ou Plano de Superação nasce quando Alexandre percebe que o mercado de chocolates artesanais era pouco explorado e decide investir nessa ideia. O que poderia parecer acaso ou sorte na verdade foi resultado de um plano contando com poucos recursos financeiros, mas com muita estratégia e herança da lida comercial dos pais. Nesse caso, superar e alcançar a satisfação era poder seguir trabalhando e ampliando as ofertas de produtos.

Dos Conteúdos Estratégicos de Superação, o labor é o que se nota com mais clareza em sua história. Para chegar onde chegou, Alexandre trabalhou muito, e acima de tudo empenhou muita dedicação ao seu trabalho. Seu crescimento não dependeu de nenhuma ação ilícita ou fora de ética; entre os valores dessa grande empresa, estão ética, respeito e honestidade. Em seu relatório de sustentabilidade relata que:

Ética, respeito e honestidade são premissas para promover a cultura da diversidade e do respeito com os colaboradores, clientes e a comunidade. Há um conceito de extrema importância no mundo dos negócios que é a sustentabilidade empresarial. Para que estas práticas se efetivem, devemos atender diversos critérios simultaneamente, como a relevância social, a responsabilidade ambiental e a eficiência econômica. Todas estas ações devem pautar as estratégias da empresa (COSTA, 2015, p.5).

A história do empresário Alexandre Costa é repleta de situações de aprendizagem, criação, crença e muita inspiração. Os quatro Procedimentos Superantes fazem parte de sua trajetória, assim como as atitudes superantes de curiosidade infantil e protagonismo.

Das Atitudes Superantes que fundamentam seu trabalho, destaca-se aqui o Instituto Cacau Show com projetos criados para incentivar a ampliação do conhecimento e propiciar aos jovens a busca de um caminho feliz. O Instituto conta com verba advinda de palestras do presidente da Cacau Show, Alexandre Costa, além do dinheiro arrecadado com a venda de seu livro “Uma trufa e... 1000 lojas depois!”, lançado no final de 2010.

4.5 Caso 4: Uma causa pessoal que se torna social: Dona Jolinda Clemente

Ela figura como um dos principais nomes na história da inclusão do deficiente intelectual no Brasil. Há 50 anos, Jolinda Garcia dos Santos Clemente, a Dona Jô, motivada por uma experiência pessoal fundou a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de São Paulo. Dona Jô é mãe de quatro filhos, entre eles Zequinha, portador da síndrome de Down, que morreu em 2001, aos 52 anos. Zequinha, imortalizado nas histórias do escritor e cartunista Ziraldo, era independente em uma época em que as pessoas com síndrome de Down ficavam à margem da sociedade. Morou sozinho e tinha vida social ativa.

Dona Jolinda Clemente relata que quando era menina, perto da casa de uma tia havia um rapaz que era “bobo” (era assim que se referiam a uma criança com Síndrome de Down). E faziam troça, brincadeiras com ele... e ela nunca podia imaginar que teria um filho como aquele rapaz, e que esse fato mudaria sua vida e a de tanta gente que ainda não conhecia. Quando recebeu a notícia da deficiência do filho, não fez disso um problema. Sua reação foi perguntar: “ele não vai estudar?”.

Dona Jô acreditava que estudo era o máximo que alguém podia ter na vida. Somente depois, quando viu algumas portas se fecharem para o filho, começou sua peregrinação por São Paulo e o que via era uma situação desagradável e uma maneira equivocada de lidar com crianças como Zequinha.

Era preciso romper este ciclo de desconhecimento e de falta de perspectivas. Era preciso que o mundo ajustasse os ponteiros com a evolução e atinasse com a verdade de que toda vida merece respeito. E foi assim que tudo começou: com o anseio de pais que se uniram preocupados em oferecer uma vivência digna para seus filhos, procurando soluções para os problemas que enfrentavam. Essas pessoas com quem Dona Jô teve a oportunidade de conviver e realizar sonhos acabaram por transformar positivamente a sociedade.

Dona Jô diz que foi graças ao seu filho que ela aprendeu a ser o que jamais imaginara um dia poder ter sido. “O Zequinha me deu todo o sentido de vida.” A partir do “percebido-destacado”, a evidência do próprio filho nascido excepcional, numa época onde não havia assistência, e o mundo era pleno de preconceitos e rejeições a essas crianças e suas famílias, Dona Jô toma para si o “ato limite”. Reúne famílias, cientistas, médicos, movimenta a sociedade, pede apoio, corre de organização em organização, vai para a mídia e cria a APAE, que veio a ser reconhecida como uma das mais bem estruturadas organizações sem fins lucrativos na condução, tratamento e integração social das crianças excepcionais. Ao ser questionada sobre sua profissão Dona Jô diz: “eu sou marqueteira. Se não fizesse marketing, se não vendesse a APAE o tempo todo, eu não a teria criado”.

4.5.1 A superação da senhora Jolinda Clemente

A história da senhora Jô Clemente é a história de muitas mães que passam ou passaram pela experiência de ter um filho com necessidades especiais. A diferença dessa história reside na não aceitação da discriminação e do isolamento social do filho, e vemos aí o Princípio de Superação. Ao saber que tinha um filho excepcional, dona Jô buscou adaptar todo seu entorno social para, em consequência, também se adaptar às condições do filho. Desse modo, quando nasceu Zequinha nasceu também a fortaleza de sua mãe, e essa fortaleza foi se aprimorando à medida que testemunhava as conquistas do filho.

Na trajetória dessa mulher houve bastante trabalho e amor, e muita luta para proporcionar melhores condições de vida ao filho e também a outras crianças com necessidades especiais. Sua labuta não era solitária: junto a Dona Jô havia outros pais com os mesmos propósitos. De maneira que com muito amor, labor, ética e estética ela reconstrói sua maneira de viver. Para essa mulher, o “bom viver”, o benefício, deveria ser algo possível não só ao seu filho, mas também a outras crianças. Imaginar um mundo mais belo para o filho e para outros é incorporar em sua nova perspectiva os princípios da ética e da estética. Portanto, Dona Jô apresenta os quatro Conteúdos Estratégicos de Superação nesse princípio de superação.

Após a constatação das condições do filho e a não aceitação dos limites impostos pela sociedade, Dona Jô elabora um plano de felicidade – e não apenas um. Considerando toda sua história, acredita-se que ela elaborou vários planos. Entretanto, se refere aqui ao Plano de Superação mais marcante de sua trajetória, a criação da APAE.

Ao criar a entidade Dona Jô aprendeu muito sobre seu filho, sobre ela mesma e percebeu que também poderia ensinar. Ela sempre acreditou que poderia ser possível realizar um trabalho em benefício das crianças excepcionais e fez com que outras pessoas também acreditassem em algo que, em algum momento foi sonhado, mas que com seu empenho, dedicação e ajuda se tornou realidade. Esses Procedimentos Superantes hoje inspiram muitas pessoas. Segundo Dona Jô:

“Tudo o que eu fiz talvez fosse uma forma de sublimar, superar e dividir a dor e os desafios com outros e fazer disso uma bandeira. Hoje, sinto-me feliz e é uma aleluia perceber que isso tudo serviu para alguma coisa, vejo que valeu a pena a luta, o quanto caminhamos e conquistamos com a APAE de São Paulo, sempre com a esperança de que o futuro será ainda melhor” Hoje, olho para trás e vejo que construímos uma história muito bonita, feita com trabalho, com luta e também muito amor” (Revista APAE/Brasil, Nov.2014).

Não é difícil concluir que a superação de Jô esteve calcada na superação de seu filho e das demais crianças. De maneira que suas Atitudes Superantes, principalmente de protagonismo, são elementos presentes não só em suas ações, mas acima de tudo nas ações de seu filho. Portanto, dentro da perspectiva Freiriana que enxerga a autonomia como ato delibertar o ser humano das cadeias do determinismo social, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades, dona Jô constrói sua autonomia e a de seu filho ao mesmo tempo.

4.6 Ocorrência dos fatores de superação nos casos Shunji Nishimura, Alexandre Costa, Pelé e Jô Clemente

Os estudos dos casos Shunji Nishimura, Alexandre Costa, Pelé e dona Jô Clemente revelaram uma grande sinergia com a teoria dos autores que fundamentam esta pesquisa. Nas quatro situações, foram encontrados, com fortes evidências, os cinco fatores de superação em ocorrência total. Apresentaremos no Quadro 5 a ocorrência dos cinco fatores de superação nos casos relatados até aqui.

Quadro 5- Ocorrência dos fatores de superação nos casos estudados

	SHUNJI Seriös Seriös Seriös Seriös	ALEXANDRE COSTA	PELÉ	JÔ CLEMENTE
Princípio de superação	Mudança do Japão para o Brasil e construção de uma nova geografia humana	Seguir os ensinamentos dos pais, construindo valores para o trabalho e para vida	Não permitir que sua raça negra fosse um obstáculo para jogar futebol	Não aceitar os limites das condições sociais prestadas ao seu filho excepcional
Plano de superação	Encontrar na atividade laboral o sustento e o sentido de vida	Aproveitar a experiência e o conhecimento da realidade local para desenvolver seu labor	Compartilhar o sonho do pai para se tornar um jogador de futebol	Criar uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
Conteúdos Estratégicos de superação	Em sua história se confirmam o amor, labor, ética e estética.	Em sua história se confirmam o amor, labor, ética e estética.	Em sua história se confirmam o amor, labor, ética e estética.	Em sua história se confirmam o amor, labor, ética e estética.
Procedimentos Superantes	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender, acreditar, criar e inspirar	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender, acreditar, criar e inspirar	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender, acreditar, criar e inspirar	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender, acreditar, criar e inspirar
Atitudes superantes	Em sua história se confirmam as atitudes de curiosidade infantil e protagonismo	Em sua história se confirmam as atitudes de curiosidade infantil e protagonismo	Em sua história se confirmam as atitudes de curiosidade infantil e protagonismo	Em sua história se confirmam as atitudes de curiosidade infantil e protagonismo

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

4.7 Caso 5: Situação coletiva - As vítimas da Boate Kiss em Santa Maria, aplicações concretas da criação de sentidos

“Quem tem por que viver, pode suportar quase todo como viver”. (FRANKL, 2012. p. 35)

A cidade de Santa Maria permite ver exatamente a luta humana, dentre as forças da entropia, o vir a ser menos, versus a criação, o vir a ser mais. A catástrofe embalada pela tragédia de uma boate com superlotação, queimou e exalou fumaça tóxica numa noite de janeiro de 2013. Foi notícia no mundo todo. A mistura de uma espuma de isolamento acústico, que no incêndio soltava fumaça tóxica, com um sinalizador pirotécnico quente, utilizado no show por uma banda musical, e tudo isso amplificado por mais de mil pessoas em um lugar para no máximo 50% dos presentes, mais a falta de *sprinklers*, de rotas de fuga claras, saídas de emergência, gestão e fiscalização fizeram com que essa cidade central do estado do Rio Grande do Sul, onde uma das principais universidades brasileiras está instalada, uma região jovem, pujante, progressista, vivesse um trauma que mudaria para sempre o lugar.

O resultado direto foram 242 mortes, mais cerca de 300 feridos sobreviventes, e mais centenas de pessoas que aspiraram o veneno da fumaça, inclusive na tentativa do salvamento de amigos no interior da boate, contaminados e precisando ser submetidos a exames periódicos pelos próximos anos. Mas o trauma atingiu também seus parentes, os amigos dos parentes, os conhecidos e a sociedade toda.

O trauma atingiu a psicologia da cidade. Ao passar por Santa Maria sentimos que não seria bem visto rir, a alegria. As baladas eram escondidas. E, mesmo um ano após, parte das pessoas entendia que não deveria haver decoração de Natal, festejos de Ano Novo, ou Carnaval, e que a cidade deveria permanecer em uma condição de luto e tristeza perenes. Uma associação de amigos e parentes das vítimas e sobreviventes foi instituída, a AVTSM (Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria). O presidente da entidade teve seu filho também morto na tragédia. Admitiu para si que fazia daquele cargo algo público que jamais havia realizado no passado, uma missão para lutar para punir culpados e

promover uma legislação e fiscalização que evitasse a repetição daquelas mortes nas situações de espetáculos públicos.

Outros grupos politizaram a tragédia, em ataques entre e dentre partidos políticos e suas facções. O prefeito teve uma postura extremamente reservada não assumindo a liderança na tragédia, por receios das consequências políticas envolvidas. Grupos religiosos passaram a atuar no conforto espiritual.

A Cruz Vermelha e entidades de psicólogos contribuíram com os processos de superação, prestando os serviços necessários e possíveis. Podemos observar as mais distintas reações na sociedade. Desde sobreviventes que ficaram traumatizados e tendem ao suicídio, pais que entraram em luto permanente e choram a morte da filha ou do filho mergulhados no isolamento ou em conversa com outros pais na mesma atitude, a outros resignados e outros que fizeram do trauma uma nova razão de ser, um novo sentido para suas próprias vidas e dizem: “a morte do meu filho não foi em vão, vou pegar e realizar aquilo que era um sonho dele e sobre o que conversávamos muito”, e isso se transforma em uma obra, um negócio, uma ONG, uma manifestação artística. Outros ainda seguem motivados exclusivamente pela punição de culpados e pela busca de indenizações. E um grupo procura recolocar Santa Maria em pé, transformando o local da catástrofe em um memorial (hoje o lugar virou o principal ponto de visitação na cidade, por turistas e viajantes). Criando e mantendo estudos sobre a resiliência, leis, fiscalização, redes sociais, vínculos com locais no exterior submetidos ao mesmo sofrimento, as pessoas objetivam transformar essa dor em um sentido transformador que impulse e recrie sentidos novos e adicionais à Santa Maria.

Para segmentar e investigar as principais razões pelas quais uma parcela da população da cidade de Santa Maria, afetada direta e indiretamente pelo trauma do incêndio na Boate Kiss conseguia superar e renascer para uma vida nova realizamos um estudo *in loco* a partir uma palestra realizada pelo autor desta investigação, um mês após o desastre.

Centenas de pessoas no auditório de uma escola. Todos com camisetas e as fotos de seus filhos perdidos. O momento era de conforto, de passar e transmitir afetividade, amor, e na empatia com este autor, por vivências fortes da própria superação. Na palestra se tratava com ênfase da renovação dos sentidos do por que viver.

No caso dos pais, ao perder um filho, um irmão, ou uma irmã continuavam vivos, e não poderia se matar o outro parente pelo infortúnio da morte do outro. Para os que perderam os dois filhos sobrava o amor do casal, a adoção, a renovação dos amores, e que, por pior que pudesse ser e este era o sentimento reinante, em determinada hora o luto precisaria cessar, e uma restauração da vida começar. E esse comprometimento se por ninguém fosse, por si mesmo precisaria ocorrer.

Desse encontro com cerca de 300 membros dos parentes das vítimas, foi possível observar o poder do abraço e do olhar pleno de empatia, da lágrima chorada em conjunto como um dos ingredientes pedagógicos fundamentais na educação para a superação. Não fazemos sozinhos. Precisamos de exemplos resilientes e precisamos de muito afeto. Um abraço vira sim, um santo remédio. A palavra transformadora, se ouvida, altera sentidos, e pode operar milagres fazendo do que por um lado foi desgraça em uma monumental motivação para a vontade de criar sentidos que passem a valer e a justificar a vida. Muitos estiveram na palestra. Mas muitos também não quiseram ir. Diziam os organizadores que os que não foram acreditavam que nada iria trazer seus filhos de volta, e que eles iriam sofrer mais ainda ao lado dos outros.

Um dos casos emocionantes observado dentre os parentes das vítimas foi o de um casal que se aproximou e disse: “nosso filho não estava na boate, ele foi até lá, salvou três pessoas, e não conseguiu sair na última vez em que entrou para salvar mais pessoas, ele é um herói!” (Ogier de Vargas Rosado).

Ele expressou o que sentia de diferente, pois não era como os outros, ele era pai de um herói da Boate Kiss! Com lágrima nos olhos, disse:

“Nosso filho fez o que ensinamos a vida toda para ele fazer. Jamais se omitir, ter coragem e ser valoroso. Ao ir buscar a irmã em frente à boate, irrompeu o incêndio. Ele salvou a irmã, e ao invés de ir embora não conseguiu ignorar o drama. Voltou para salvar mais pessoas, e terminou morto pela fumaça tóxica. Para nós ele significará sempre um motivo a mais de vida, pela nossa filha, pelas pessoas que salvou. Viveremos doravante de cabeça mais erguida, e faremos tudo muito melhor, em honra aos atos e à coragem dele. Não gostamos e ficamos arrasados, mas não poderíamos esperar outra coisa do nosso querido e amado filho. É um herói e vive cada vez mais ainda, dentro de todos nós e dos netos que ainda teremos” (Ogier de Vargas Rosado, pai de Vinícius Montardo Rosado).

Frankl acrescenta na sua teoria sobre a descoberta do sentido o seguinte:

Mas, como podemos enfrentar terapêuticamente com o corpo, para não dizer com a alma, o sentimento de ausência de sentido? Ora, se analisarmos o modo como o homem da rua compreende o próprio ser humano, então evidencia-se o fato de que há por assim dizer três vias principais, nas quais é possível encontrar sentido: de início, minha vida pode se tornar plenamente dotada de sentido por meio do fato de eu realizar uma ação, de eu criar uma obra, mas também por meio do fato de vivenciar algo – vivenciar algo ou alguém; e vivenciar alguém em toda a sua unicidade e singularidade, o que significa amá-lo (FRANKL, 2013, p. 31).

Ao lidar diretamente com pessoas, parentes de vítimas, e vítimas sobreviventes, as que se apresentavam mais céticas, tristes e desprovidas de motivação à utilização da intenção paradoxal, no diálogo com essas pessoas, apresentaram reações positivas nas reações dos envolvidos. A Intenção Paradoxal, criada por Frankl (2012), se resume a uma amplificação considerável e dramática sobre o fato, o qual a pessoa está debruçada, considerando aquilo o seu fim de mundo. “Por que você não se suicida?” costuma ser uma boa pergunta para colocar a própria pessoa buscando e dando motivos para perseguir um sentido de vida.

Da mesma forma é muito comum as pessoas colocarem o seu sentido de vida na existência de filhos. Num diálogo de Viktor Frankl (2012) com uma paciente, ele registra que ao perguntar a uma senhora se ela tinha filhos, ela disse não. E continua perguntando se ela acharia se o fato de que se tivesse filhos este fosse um sentido de vida para sua vida. Ela disse sim. E o autor pondera que Kant, um dos maiores filósofos da história, não teve filhos e questiona se seria possível imaginarmos se ele não teve um sentido de vida. E continua:

Se os filhos constituíssem um único sentido para a vida, a vida mesma se tornaria sem sentido, porque levar adiante a procriação de algo que, em si mesmo, não tem sentido, certamente seria a mais sem-sentido das ocupações. O que importa na vida é muito mais, a realização, a conquista de algo, e costuma ser exatamente isso o que nós todos realizamos na vida, e terminamos por não nos dar conta (FRANKL, 2012, p. 78).

Em Santa Maria, assim como em toda e qualquer situação extrema e difícil, sempre existem os seres mais brutais. Encontra-se, no caso, habitantes insensíveis que não querem falar do assunto e que chegam até a considerar que as mortes foram merecidas, pois não tinham nada que entrar e estar naquela boate fazendo balada, com excesso de público. Esses insensíveis são mencionados por Frankl (2012) nos

campos de concentração, onde os chamados “capos” eram prisioneiros feitos chefes, ou supervisores, ou encarregados de outros prisioneiros. Havia ali uma seleção negativa, e os mais brutais eram selecionados. Como uma fórmula de sobrevivência, esses prisioneiros, transferidos de campo para campo, só conseguiam manter-se vivos a partir de ausência total de escrúpulos e que não hesitavam em usar métodos violentos e roubo de outros prisioneiros.

Esse aspecto nos ambientes da superação precisará ser compreendido e enfrentado, o faceamento com os mais brutais. Da mesma forma, Frankl (2010) observava que cigarros valiam sopas. E sopas poderiam significar a sobrevivência. Quando ele observava um companheiro fumando todos os seus cigarros, e não mais preocupado na preservação de uma moeda que valeria vida, já detectava que a pessoa havia perdido a esperança e que “de fato não aguentava mais”, iria para o suicídio.

No campo de concentração, Frankl (2010) registrou que, inicialmente, havia uma ilusão, uma falsa noção de realidade do que seria encontrado. A disputa pela vida era extremamente mais difícil do que imaginada e a vida nua e crua criava um choque de realidade, onde todos eram tomados por estratégias de como sobreviver, como não ser escolhido, como transferir o seu número de embarque para outro, etc. O humor negro tomava conta, e piadas, e mesmo o terror das fumaças dos crematórios viravam comentários dos prisioneiros sobre a única forma de sair de Auschwitz. Em seguida, ocorria a apatia. E junto à insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença. Essa indiferença ao mais tenebroso e pérfido ambiente termina por funcionar como uma couraça. Assim como alguns se revelam indiferentes à tragédia de Santa Maria servem para diminuir a percepção da realidade. Essa pessoa estaria, no fundo de si mesma, guardando toda a sua energia emocional somente para tentar sobreviver dentro de um processo traumático e forte. Não vê outras dores, não se incomoda com os maus tratos, não ativa e não se movimentara por nada a não ser a tentativa da autopreservação. Mergulha em um sonho privado e cria uma couraça, um isolamento da realidade afligente do entorno.

Os casos estudados dos parentes das vítimas da Boate Kiss que a partir do trauma apresentaram mudanças ascensionais em atitudes e realizações, que deram saltos evolutivos a partir do trauma, registram forte identidade com as concepções teóricas de Vitor Frankl e sua logoterapia.

4.7.1 Histórias de cinco jovens que se conectam em meio à tragédia na Kiss

Além dos casos citados anteriormente apresentamos também a história de cinco jovens vitimados pelo incêndio, que desenvolveram maneiras de superação e se tornaram amigos. Tais casos foram retirados da matéria escrita pelos jornalistas Felipe Truda e Luiza Carneirona no Portal de Notícias G1, que é mantido pela Globo.com e sob a orientação da Central Globo de Jornalismo.

Diferentes destinos se cruzaram em meio à história da maior tragédia do Rio Grande do Sul. Além das 242 mortes, o incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, afetou para sempre as vidas de sobreviventes, de amigos e familiares de vítimas. Seja pela dor da perda ou pelas cicatrizes na pele, a madrugada de 27 de janeiro de 2013 marcou as vidas de jovens que já tinham ou passaram a formar uma conexão.

Um ano após a tragédia, o G1 realizou uma matéria sobre ligação de cinco pessoas afetadas pelo incêndio na casa noturna. As histórias são distintas e passam pela própria noite da tragédia, em um entre tantos atos de heroísmo sob a cortina de fumaça preta. E chegam até o Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), onde guerreiros sobreviventes se recuperam das marcas de queimadura.

4.7.1.1 DELVANI ROSSO

Antes do acidente, Delvani Rosso, de 21 anos, morava na cidade Manuel Viana que fica a cerca de 170 km de Santa Maria. Para facilitar o tratamento das queimaduras, ele teve que se mudar para a cidade, onde conheceu outros jovens com histórias parecidas.

Delvani teve a vida completamente modificada depois de 27 de janeiro. Antes ele trabalhava na lavoura do pai ao lado do irmão mais velho, Jiovani, de 27 anos, que também estava na festa. O cultivo da soja e do arroz sob sol e chuva motivavam a dupla. Um ano depois do acidente, com parte das costas e os dois braços marcados pelas cicatrizes das queimaduras, Delvani tem a saúde afetada. Realiza diariamente sessões de fisioterapia no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). A atividade no campo virou uma lembrança que ele não poderá mais praticar.

Além da mudança na rotina, os antigos amigos também se transformaram. Em entrevista para o G1 diz que: "Todo mundo ficou diferente. Cada um teve um jeito de superar. A amizade ainda é a mesma, mas não é como antes. Não é mais tão próxima

assim", Delvani relata sobre os relacionamentos do último ano. Sem perceber, acabou se aproximando de pessoas que, como ele, carregam no corpo as marcas do incêndio. Um grupo de 42 pacientes se trata semanalmente no Centro Integrado de Atendimento a Vítimas de Acidentes (Ciava) e acaba trocando experiências.

"A gente se entende. Todo mundo sabe o que é passar por isso. Fizemos um laço muito forte. Vamos ao shopping, saímos para comer, vamos à festa" (Delvani Rosso. G1, 2014).

A mudança repentina fez com que novas ideias surgissem na vida do jovem. Pela lida com a agricultura, a faculdade de agronomia sempre foi um sonho. "Tentei vestibular, mas só comecei a estudar um mês antes. Vou fazer cursinho a partir de março. Mas vendo o trabalho da fisioterapia do hospital, já não sei...", (Delvani Rosso. G1, 2014).

Com 20 quilos a menos, resultado dos dois meses internado entre Santa Maria e Porto Alegre, Delvani vai retomando pequenos movimentos da vida antes da tragédia. Por conta das queimaduras nas mãos, ainda não pode voltar a praticar kung fu, mas comemora a permissão para frequentar a academia.

"Hoje sou uma pessoa mais fechada, antes era tudo alegria e festa. Eu mudei e tudo mudou. Não sou mais aquela pessoa alegre. Não tenho mais vontade de sair, mas acho que com o tempo vou voltar a ser como antes" (Delvani Rosso. G1, 2014).

Enquanto ele conta com a paciência para se recuperar, preserva no quarto a imagem feliz do grupo de amigos que se divertia na boate Kiss em um porta-retrato. Ao lado da cama, a guitarra aguarda a volta completa dos movimentos dos dedos. "Só superei tudo por ter fé e vontade de ir para frente e melhorar" (Delvani Rosso. G1, 2014).

4.7.1.1.1 Fatores de Superação de Delvani:

A história de Delvani apresenta OCORRÊNCIA PARCIAL SUFICIENTE dos fatores de superação. É possível perceber o Princípio de Superação quando ele conta sobre as mudanças na sua vida e as adaptações que teve que fazer a partir dessas mudanças. Entretanto, a característica principal dessa superação reside na crença e esperança de que, com o tempo, as coisas serão melhores.

Além desse Princípio de Superação Delvani demonstra que tem um plano de felicidade, um Plano Estratégico. Ele relatou que sempre sonhou em estudar

agronomia e fará isso quando tiver condições. Dentro desse plano é possível verificar a importância de compartilhar suas experiências com os novos amigos, aí podemos entender que Delvani está disposto a aprender a viver de outra maneira e acredita que obterá êxito. Portanto, se observa nesse caso dois Procedimentos Superantes: aprender e acreditar.

4.7.1.2 BRUNO GRETHE

Entre os novos amigos que Delvani fez após a tragédia está o estudante Bruno Rupollo Grethe, de 18 anos. O rosto do jovem, atingido por queimaduras de segundo grau, foi completamente restaurado graças a um curativo inovador doado por uma importadora ao Hospital Cristo Redentor, em Porto Alegre. Restaram queimaduras no ombro, no braço esquerdo e nas costas, onde não foi aplicada a membrana.

Com um sorriso no rosto, Bruno é conhecido entre os amigos por estar sempre de bom humor. A conversa com os jornalistas do G1, no apartamento onde mora com um primo no centro de Santa Maria, mostra que a fama não surgiu à toa. Seja falando ou posando para fotos, o jovem mantém o semblante alegre. Somente uma palavra deixa o jovem com a expressão fechada: a saudade.

"Você tem de aprender a conviver com isso. É óbvio que nunca vai esquecer, mas tenta levar sempre para frente, sempre dando risada. Mas é complicado. Não sei explicar" (Bruno Grethe. G1, 2014).

Bruno sente dificuldades em dizer de quem sente mais falta. Estudante de agronomia, um dos cursos que realizava a festa na Kiss na noite do incêndio, ele perdeu 12 amigos ou conhecidos, colegas ou alunos de outra turma. "Para mim amizade é muito importante. Tem família também, mas com os amigos você está todos os dias. A perda foi difícil" (Bruno Grethe. G1, 2014).

Nos primeiros meses depois de voltar à faculdade, Bruno contou com o apoio da mãe, que se mudou temporariamente de Passo Fundo, no norte do estado, para ficar ao lado do filho em Santa Maria. Recuperou os movimentos do braço esquerdo graças às seções de fisioterapia. Além disso, planeja passar por uma cirurgia para atenuar as marcas.

Além de conviver com a queimadura, o estudante ainda sofre com os reflexos da inalação da fumaça tóxica no pulmão. "Se eu for jogar bola com os amigos, consigo

correr 15 minutos, no máximo 20. O fisioterapeuta diz que recupera, mas é um trabalho que demora" (Bruno Grethe. G1, 2014).

4.7.1.2.1 Fatores de Superação de Bruno

Do modo parecido a Delvani, Bruno apresenta OCORRÊNCIA PARCIAL SUFICIENTE dos fatores de superação. Em sua história está claro que, mesmo com todas as consequências do acidente, ele não perdeu a alegria e o encantamento pela vida. Essa característica da personalidade foi, sem dúvida, responsável por seu Princípio de Superação.

Além desse princípio, Bruno conta com um Conteúdo Estratégico de Superação muito importante, o amor. A partir do amor da mãe e dos amigos, ele consegue caminhar para frente, aprendendo a cada dia a nova condição de vida. Está aí um Procedimento Superante crucial, a capacidade de aprender.

4.7.1.3 KELEN GIOVANA FERREIRA

Com marcas que não a deixam esquecer o incêndio, a estudante Kelen Giovana Ferreira, de 20 anos, realiza diariamente terapia ocupacional e fisioterapia no Hospital Universitário de Santa Maria ao lado de outros sobreviventes, como Bruno e Delvani.

Os dois braços da moça são cobertos pelas queimaduras que atingiram 18% do corpo. Além disso, parte da perna direita teve de ser amputada. Uma prótese a substitui e, por enquanto, a jovem precisa de uma muleta para caminhar. Nada disso, no entanto, parece afetá-la, que pensa em se especializar em reabilitação física para queimados.

Estudante de terapia ocupacional, ela aproveita as sessões para aprender mais um pouco sobre a futura profissão. Com previsão de formatura para 2016, pensa em usar as consequências do pior dia de sua vida a favor dos pacientes.

"Quero me especializar em reabilitação física, para trabalhar com queimados. Vou poder entender pelo que o paciente está passando, pois já terei passado por isso" (Kelen Ferreira. G1, 2014).

O caminho para Kelen concretizar seu sonho é mais tortuoso que o da maioria dos estudantes. Depois de passar cerca de 80 dias hospitalizada, a jovem retomou os estudos à distância em Alegrete, na Fronteira Oeste, onde nasceu. Em julho de 2013 foi submetida à colocação de uma prótese provisória para poder assistir presencialmente às aulas na UFSM.

Em setembro, uma nova operação foi realizada para a colocação da prótese definitiva. A calça jeans, mesmo em dias de calor, ajuda a disfarçar. Entre uma sessão e outra de fisioterapia, Kelen conheceu outras pessoas que sofreram queimaduras na Kiss. Após voltar a caminhar, começou a sair com os novos amigos. "A gente troca os mesmos sentimentos. Conversamos sobre o que aconteceu" (Kelen Ferreira. G1, 2014).

Nem sempre Kelen cobre os braços com a malha indicada pelos médicos. Às vezes, sai com amigos mostrando as marcas das queimaduras na boate. Para quem enfrenta tantas dificuldades, os olhares de curiosos na rua são o menor dos problemas.

"Não é aquela olhadinha indiscreta, eles viram a cabeça e ficam olhando. Até param para olhar. Mas serei sobrevivente pelo resto da vida e terei que encarar isso sempre", afirma a jovem, que ainda lida com a perda de três amigas.

Nos momentos difíceis, encontra apoio na Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), tanto na luta para a obtenção dos remédios distribuídos aos sobreviventes quanto nas conversas com pais de jovens que perderam a vida. "Eles são um apoio nosso, e nós somos um apoio para eles" (Kelen Ferreira. G1, 2014).

Nada disso seria possível se não fosse a atitude de Gustavo Riet, um herói até então anônimo que resgatou Kelen da casa noturna. Gustavo não se lembra dos rostos das pessoas que retirou da boate na noite da tragédia. Foi Kelen que o reconheceu e agradeceu por uma rede social.

4.7.1.3.1 Fatores de Superação de Kelen

A história de Kelen também apresenta OCORRÊNCIA PARCIAL SUFICIENTE dos fatores de superação. O fragmento cronológico de sua história aponta seu Princípio de Superação na forma otimista de ver e conduzir a nova vida.

O que está bastante claro nesse caso é o seu Plano Estratégico de Superação, pois Kelen pretende se especializar em reabilitação de vítimas de queimaduras. Ela quer ensinar aos outros tudo que aprendeu para superar. Esse é o seu novo sentido

de vida. Se percebe nesse plano os Conteúdos Estratégicos de Superação de labor, ética e estética, porque pretende ajudar outras pessoas, quer ver o mundo melhor, quer se dedicar a proporcionar felicidade ao outro. É realmente uma construção de sentido, de superação que transcende sua forma de existir, é o que podemos chamar de existência poética dentro da perspectiva de Morin (2002).

4.7.1.4 GUSTAVO RIET

Sobrevivente da Kiss, Gustavo Riet, de 35 anos, viu sua vida mudar após o incêndio da madrugada de 27 de janeiro. Apesar da perda de um dos melhores amigos e das lembranças da ajuda no resgate às vítimas, ele encontrou o amor após a tragédia. Planeja se casar com a professora Juliana Bassan.

Gustavo, proprietário de uma oficina de som automotivo, voltou à casa noturna várias vezes para retirar outras pessoas do local. Depois, usou uma picareta para tentar abrir um buraco na parede na casa noturna. Nada fará Gustavo superar a dor da perda de um dos melhores amigos, Ubirajara Soares Bastos Junior, o "Pexe".

Ele lembra o amigo quando diz que, de toda aquela tragédia, surgiu o namoro com Juliana, que havia conhecido na madrugada anterior à do incêndio. A paixão surgiu nas visitas durante o tratamento para atenuar as consequências da inalação da fumaça tóxica. Um ano depois, o pedido de casamento já foi feito. E aceito.

O incêndio na Kiss ainda prejudica a respiração. Cerca de um ano depois, ele obteve a liberação para voltar a fazer exercícios físicos. Mas o problema na saúde não é nada comparado à saudade de Pexe. Ele lembra que o amigo estava junto quando conheceu Juliana, e o aconselhou a investir no relacionamento que vem dando certo.

Para poder cumprir os planos do casamento, Gustavo precisou trancar a faculdade de engenharia acústica na Universidade Federal de Santa Maria. Não por causa do incêndio, mas para se dedicar à oficina. "Pretendo voltar, mas assim que tiver tempo, por causa da loja" (Gustavo Riet. G1, 2014).

Foi o mesmo caso de Bruno Brauner Jaques, de 24 anos, até então colega de Gustavo e que teve de parar a faculdade para assumir o negócio que tocava com o irmão Danilo, gaiteiro da banda Gurizada Fandangueira, vítima da tragédia.

4.7.1.4.1 Fatores de Superação de Gustavo

Se existem heróis reais, Gustavo é um deles. Na trágica noite ele entrou várias vezes na boate em chamas para salvar as pessoas. Apesar de não termos dados detalhados de sua história, o pouco que foi publicado nos faz acreditar que trata-se de uma OCORRÊNCIA TOTAL dos fatores de superação. O que rege seu Princípio de Superação, sem dúvidas, é o amor.

Com os poucos dados que temos se pode dizer que Gustavo tem um Plano de Superação, pois pretende se casar e tem projetos profissionais. Todos os Conteúdos Estratégicos de Superação são presentes em sua história. O amor, como já mencionado, o labor a partir da dedicação aos projetos de sua oficina, a ética e estética pelo ato heroico e poético de salvar pessoas.

É possível confirmar os Procedimentos e Atitudes Superantes se considerarmos a adaptação e aprendizagem da nova condição de vida. Observa-se um protagonismo impressionante, e seu depoimento demonstra bastante autonomia e consciência das coisas que são fonte de satisfação e alegrias em sua vida. Além disso, sua história é bastante inspiradora.

4.7.1.5 BRUNO JAQUES

O nome da empresa de sonorização e iluminação de eventos DB é a sigla de Danilo e Bruno, dois irmãos que nasceram em Mata, município de cinco mil habitantes, mas foram viver em Santa Maria. Danilo, formado em sistemas de informação, era responsável pela administração do empreendimento. Bruno, estudante de engenharia acústica, comandava a parte técnica do trabalho. Era a parceria perfeita.

"Não entendia nada do que ele fazia, e ele não entendia nada de som. A confiança era total um no outro", lembra Bruno Brauner Jaques, de 24 anos, no apartamento que dividia com Danilo. Um banner com a foto do jovem ocupa a sala do apartamento que também funciona como escritório da DB. Lá vivem Bruno e a irmã Vanessa, de 17 anos.

Além de empresário, Danilo era músico. Tocava gaita na banda Gurizada Fandangueira, que ocupava o palco da Kiss no momento do incêndio. Foi o único integrante do grupo que não conseguiu deixar a casa noturna e morreu, aos 27 anos. Ainda enquanto velava o irmão no galpão lotado do maior Centro de Tradições

Gaúchas de Mata, Bruno disse a um amigo que a DB continuaria funcionando. "O que me fortalece é seguir o sonho dele" (Bruno Jaques. G1, 2014).

A tarefa não é simples. Para conseguir administrar a empresa sem descuidar da parte técnica, Bruno precisou trancar a faculdade, assim como o ex-colega Gustavo. A pausa na vida acadêmica deve seguir por pelo menos mais um semestre. Enquanto isso mantém o aprendizado com a prática diária na empresa. Ainda hoje, um ano depois, Bruno se vê levando a mão ao celular para consultar o irmão quando tem alguma dúvida. "Até hoje isso acontece", diz Bruno, garantindo que, em todos os momentos difíceis que já enfrentou, conseguiu contornar a situação. "No fim dá tudo certo. Tenho certeza que tem o dedo dele. Não estou sozinho. Sinto a presença dele, e por isso não sofro tanto. É o que me conforta" (Bruno Jaques. G1, 2014).

Especialista em sonorização de festas, Bruno levou dois meses até voltar a trabalhar dentro de casas noturnas. Neste período, contratou outras pessoas para instalar os equipamentos. Depois de cerca de um ano, o que conforta é ouvir de pessoas que conviviam com Danilo o quanto ele era prestativo e tinha disposição em ajudar. "Ouvir palavras de amigos ajuda muito. Sempre gostei de ouvir sobre o carinho que as pessoas tinham por ele. Agora, mais ainda" (Bruno Jaques. G1, 2014).

O que mais incomoda o jovem são os boatos que circularam pela cidade após o incêndio, de que o gaitero chegou a escapar, mas voltou para buscar o instrumento. Segundo ele, não era possível, pois a entrada era bloqueada por quem tentava sair. Conhecendo o irmão, tem outra hipótese para explicar porque apenas ele entre os integrantes do grupo perdeu a vida. "De tão paciente que era, deve ter dado lugar para alguém passar na frente" (Bruno Jaques. G1, 2014).

4.7.1.5.1 Fatores de Superação de Bruno

A superação de Bruno é bastante difícil considerando que trata-se da perda do irmão e do clima de acusações devido ao fato de que muitas pessoas culpam a banda e, nesse caso, culpam seu irmão. Portanto, vive a tarefa de superar a perda e ao mesmo tempo proteger a memória do irmão.

Verificamos que a história de Bruno apresenta OCORRÊNCIA PARCIAL SUFICIENTE dos fatores de superação. Seu Princípio de Superação está na escolha de continuar o trabalho que realizava junto com o irmão, e neste princípio elaborou o

plano de seguir o sonho do irmão. Assim, seu Plano de Superação é continuar o trabalho da empresa. Por isso, relata que está aprendendo todos os dias a realizar as tarefas que eram do irmão e que ele não tinha domínio, além de aprender a conviver com sua ausência. Dessa maneira, se confirmam dois Procedimentos Superantes: o aprender e o acreditar.

4.7.2 Ocorrência dos Fatores de Superação nos cinco casos dos jovens

Nos casos dos jovens vitimados pelo incêndio da Boate Kiss não foi possível confirmar todos os fatores de superação nos cinco casos pelos seguintes motivos: os dados coletados na fonte web têm um recorte cronológico, ou seja, se remete às condições dos cinco casos um ano após o incêndio. Hoje provavelmente apresentam outras condições de vidas. O acidente aconteceu em 2013 e a matéria do Portal de Notícias G1 foi publicada em 2014. Quando essa pesquisa foi escrita, fazia três anos que os jovens citados encontravam-se nas situações relatadas anteriormente. Além disso, como nos casos das pessoas públicas, mesmo que se tenha fontes públicas de informações, deve-se considerar as questões subjetivas, o que nunca foi dito, o que foi ocultado, ou não, por essas pessoas e que extrapola o domínio investigativo.

A partir das lições e exemplos dos que conseguiram dar saltos superantes, fica claro uma segmentação daqueles que já transformaram suas dores e sofrimentos em novos sentidos mais elevados. Suas vidas chegaram a ganhar uma nova resplandecência. Apesar de confirmar ocorrência total dos fatores em apenas um dos cinco casos, as histórias dos jovens apresentadas aqui revelam o início de uma trajetória de superação.

De acordo com a perspectiva de Frankl (2010), os cinco casos analisados permitem inferir que os jovens encontram um sentido, dessa maneira estão preparados para enfrentar o sofrimento das sequelas do acidente e criar formas de superação. Abaixo se apresenta um resumo de ocorrência dos Fatores de Superação nos casos dos cinco jovens.

Quadro 6-Ocorrência dos Fatores de Superação nos casos dos cinco jovens

	DelvaniRosso	Bruno Grethe	Kelen Ferreira	Gustavo Riet	Bruno Jaques
Princípio de Superação	Mudanças e adaptações que teve que fazer a partir da crença e esperança de viver melhor.	Alegria e encantamento pela vida	Reside na forma otimista de encarar a nova condição de vida	O amor rege seu princípio de superação	Continuar o trabalho que realizava junto com o irmão
Plano de Superação	Estudar agronomia	–	Se especializar em reabilitação de vítimas de queimaduras. Ensinar o que aprendeu	Se casar e realizar projetos profissionais	Administrar a empresa e seguir o trabalho do irmão
Conteúdos Estratégicos de Superação	–	Em sua história se confirma o Amor	Em sua história se confirmam o labor, ética e estética	Em sua história se confirmam o amor, labor, ética e estética	–
Procedimentos Superantes	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender e acreditar	Em sua história se confirma o procedimento de aprender	–	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender, criar, acreditar e inspirar	Em sua história se confirmam os procedimentos de aprender e acreditar
Atitudes Superantes	–	–	–	Em sua história se confirmam as atitudes de protagonismo e curiosidade infantil	–

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

5 COMPARTILHAMENTO E CONFIRMAÇÃO DA PESQUISA JUNTO À SOCIEDADE

Ao se considerar uma das características da pesquisa que é apresentar estudos de casos de superação e visto que o autor desta tese também é um caso e superação, parece oportuno equilibrar as doses de análise subjetiva neste trabalho a partir da experimentação dos seus conceitos junto à sociedade.

Assim, para conceder maior credibilidade a esta pesquisa, se lança mão de determinadas medidas que se adequam à abordagem qualitativa. Mesmo com a adoção de técnicas, métodos e estratégias durante o processo de estudo dos casos, pareceu importante buscar validação junto à sociedade. Após a conclusão dos estudos submeteu-se, portanto, os resultados à apreciação da comunidade a partir de uma conferência proferida pelo autor desta tese em Brasília no Colégio Seriös e da realização de um trabalho de motivação conduzido por duas psicólogas do Hospital Cruzeiro do Sul e a aplicação de questionários (Apêndice C).

As apreciações colhidas, da mesma forma que os casos estudados, foram analisadas a partir da fenomenologia hermenêutica de Husserl (1992). Para este fenomenólogo a consciência é ato e está sempre voltada para algo: para o mundo exterior, para as coisas, para os outros homens, para si mesma, para o seu ego, para a ação que o homem executa, para os seus sentimentos, para sua imaginação e lembrança. Portanto, avalia-se que os recursos fenomenológicos oferecem importante aporte à validade que se busca a partir das duas experiências mencionadas no colégio e no hospital.

Além de tal recurso, os depoimentos recolhidos das experiências se inserem também na constituição do *corpus* de análise desta pesquisa, pois para Bardin (2011, p. 96) “corpus é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Assim, se processa uma análise temática de conteúdo, considerando que: “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (idem, p. 105). Desse modo, se apresenta unidades de sentido dentro das respostas dos participantes da palestra do Colégio Seriös e dos funcionários do Hospital Cruzeiro do Sul.

O critério para a escolha das unidades de sentido é coletar frases com núcleos de significação em que se possa estabelecer relação com as bases da Pedagogia da Superação: marco teórico e fatores encontrados no estudo dos casos. Neste sentido, apoia-se na ideia de que:

O analista possui à sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver. Pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada (BARDIN, 2011, p.43).

As duas experiências não tiveram intenção de aplicar uma Pedagogia da Superação pelos seguintes motivos: não estamos propondo um método, mesmo que nossa proposta possa ser estruturada sistematicamente, não elaboramos um método pedagógico e sim uma organização de referenciais conceituais para uma proposta de educação voltada ao trabalho de superação. Dessa maneira, a intenção de buscar validação é saber se a sociedade está de acordo com tal proposta, se a sociedade corrobora com as ideias resultantes deste estudo. As respostas e fragmentos dos participantes serão codificadas em Unidades de Significação e grafadas pela letra U e o número de sequência que aparece na tese. Além dessa codificação, os participantes do hospital terão a identificação apenas do cargo que ocupam.

5.1 Conferência de Educadores e Pais do Colégio Seriös

Esta investigação foi apresentada na forma de conferência nas instalações do Colégio Seriös, na cidade de Brasília, no dia 30 de março de 2015. Presentes autoridades da educação do Distrito Federal, pais, alunos, educadores, autoridades públicas¹¹, demais deputados, embaixadores e jornalistas.

Foi aplicado um questionário em uma conferência¹² sobre os principais conceitos da Pedagogia da Superação apresentada no Colégio Seriös, em Brasília, com quatro questões:

- (1) qual a parte mais significativa da conferencia na sua opinião?;
- (2) do que foi apresentado, qual aspecto mais você se apropriou para sua experiência pessoal?;
- (3) considera possível este modelo de Pedagogia da Superação ser aplicável?;
- (4) algum outro fator que você considera importante.

Como resultado de análise das respostas dos questionários obtivemos os seguintes pontos que apoiam a investigação:

¹¹Secretária de Esportes do Distrito Federal: Sra. Leila Barros; Sr. Álvaro Moreira Domingues – Presidente do SINEPE – Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino.

¹² A conferência apresentada no Colégio Seriös em Brasília está disponível no site do autor: <http://www.tejon.com.br>

- a) os respondentes presentes ao seminário consideraram importante o desenvolvimento de uma pedagogia a respeito da superação na formação das crianças.
- b) Também os educadores presentes registraram a busca que deve ser realizada para uma integração de diversos e distintos conhecimentos aplicáveis ao desafio de seres humanos resilientes.
- c) O aspecto surpreendente e inovador foi salientado nas respostas.

Além desses pontos de apoio à investigação, outra corroboração se refere a verificar o modelo apresentado como reforço aos objetivos propostos: na conferência ficou claro que quatro segmentos precisam ser foco de adaptações para a aplicação da Pedagogia da Superação.

Primeiro segmento - crianças e alunos em si: estes têm a abertura mental por inexistência de preconceitos no sentido de se engajarem nos métodos que permitirão desenvolver os cinco fatores considerados fundamentais para um ser humano superante.

“O modelo dessa pedagogia é aplicável principalmente como um preparo para a vida”. (U1)

“É importante aplicar acontecimentos do dia a dia na educação” (U2)

Se extraído primeiro seguimento dois importantes núcleos de sentido:

Quadro 7 - Unidades de significação do primeiro segmento do Colégio Seriös

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	ANÁLISE
Preparo para a vida (U1)	Aqui a unidade de significação pode ser reportada ao paradigma da complexidade de Morin, no sentido de que a proposta da Pedagogia da Superação prima por uma ação educativa que considere o indivíduo em seus aspectos bio-psico-sociais, preparando-o também para as incertezas, já que a vida é composta delas.
Acontecimentos do dia a dia na educação (U2)	Esta unidade de significação pode ser fundamentada na perspectiva de Makiguti sobre a geografia da vida humana. Encontramos nesse fragmento a ideia de que na Pedagogia da Superação a base local de onde se olha o mundo, ou seja, os acontecimentos do dia a dia são importantes conteúdos.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

Segundo segmento - pais e familiares: para crianças saudáveis será necessário envolver os seus pais e familiares, pois o convívio no lar reforçará ou prejudicará as

ações dentro da escola; para crianças e estudantes resilientes e superantes precisaremos contar com pais e familiares resilientes e superantes.

“Temos que preparar as crianças para o mundo” (U3)

“Não tenho dúvidas de que a Pedagogia da Superação pode ser aplicada, há cinco anos luto na superação de um câncer. A palestra deixa comigo um forte incremento para prosseguir”. (U4)

“Entender a superação como um processo a ser galgado passo a passo com paciência é uma verdade, produto difícil na nossa realidade cada vez mais imediatista” (U5)

Quadro 8 - Unidades de significação do segundo segmento do Colégio Sériös

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	ANÁLISE
Preparar as crianças para o mundo (U3)	Do mesmo modo que a unidade de significação encontrada no primeiro segmento, esse fragmento denota as aspirações que os pais têm e que integram uma das bases da Pedagogia da Superação, o desenvolvimento de fortalezas para o enfrentamento das incertezas, através do que Morin chama de “saber viver”
Incremento para prosseguir (U4)	Aqui a unidade de significação se relaciona com o enfoque na busca de sentido de Frankl, que na proposta da Pedagogia da Superação se adere ao Plano Estratégico de Superação ou Plano de Felicidade
Superação como um processo a ser galgado passo a passo (U5)	Esta unidade de significação se ajusta ao principal engendramento da proposta da Pedagogia da Superação: a sistematização de ações educativas voltadas aos processos de superar. O referido “passo a passo” sinaliza para as possibilidades de ensino sistemático dos fatores de superação encontrados nos casos estudados.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

Terceiro segmento - educadores propriamente ditos: necessidade de desenvolvimento nas distintas áreas abordadas nessa investigação, incluindo a autenticidade da liderança e demais saberes pedagógicos na construção e adaptação dessas ferramentas e jogos para cada circunstância real dada. Os educadores presentes acreditam que a Pedagogia da Superação pode ser aplicada, contudo aguardam legitimação da escola.

“A Pedagogia da Superação pode ser aplicada. Parece-me, entretanto, um processo longo. Os educadores precisam aprender primeiro”.(U6)

“Deixar a criança viva dentro de nós”.(U7)

“Tudo que foi falado na palestra considero importante, mas ressalto que sucesso para mim é compreender que o maior bem que podemos deixar para nossos filhos e gerações futuras chama-se conhecimento.”(U8)

Quadro 9 - Unidades de significação do terceiro segmento do Colégio Sériös

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	ANÁLISE
Os educadores precisam aprender primeiro (U6)	Nesta unidade de significação se encontra outra base da proposta da Pedagogia da Superação, a formação de educadores da superação. Esta base parte da constatação de que os casos estudados superaram com a ajuda de outras pessoas. Nesse caso, o educador seria o principal articulador e ajudante nos processos de superar. Por isso, a partir de Freire se pode dizer que na verdade o educador deve aprender primeiro e deve aprender toda vez que ensinar
Deixar a criança viva dentro de nós (U7)	Encontram-se nesta unidade de significação relação direta com um dos fatores de superação encontrados nos casos estudados, as Atitudes Superantes. Esse fator consolida o empoderamento que a superação provoca no indivíduo, a disposição para desbravar as situações inusitadas.
O maior bem chama-se conhecimento (U8)	Esta unidade de significação também está intimamente relacionada a outro fator de superação: os Procedimentos Superantes, especificamente ao ato de aprender e criar.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

Quarto segmento - diretores e autoridades responsáveis pela educação, incluindo equipes administrativas do sistema educacional; inclusão de oficinas, workshops, laboratórios e programas pedagógicos de superação em paralelo ao conteúdo educacional da escola.

“Sim, esse modelo visa principalmente à inteligência emocional, infelizmente isso é algo esquecido; muitas escolas visam apenas o resultado”. (U9)

“Sim, é necessário aos cidadãos em formação. Dentro de uma instituição aliada a uma família presente teremos grandes líderes.” (U10)

“Sim, é o que precisamos para melhor educar, a prática, fazer o indivíduo um ser humano”. (U11)

Quadro 10 - Unidades de significação do quarto segmento do Colégio Sériös

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	ANÁLISE
Inteligência emocional (U9)	Pode-se aproximar esta unidade de significação ao fator: Conteúdos Estratégicos de Superação (amor, labor, ética e estética). Tais conteúdos, dentro da pedagogia apresentada, propõe que sejam trabalhados pelo superante e conquistados gradualmente, através de ações autônomas ou compartilhadas. Dessa forma, é possível ter como resultado a inteligência emocional referida no fragmento de análise.
Família presente (U10)	Esta unidade de significação ilustra um dos princípios da proposta apresentada: para superar é necessária a ajuda do outro, do entorno, da geografia humana local, à maneira de Makiguti. E, nesse caso, a família constitui o primeiro entorno do indivíduo superante.
Fazer o indivíduo um ser humano (U11)	A análise desta unidade de significação está atrelada à ideia de Morin quando propõe a humanização do sujeito. Para isso é necessário aprender a viver como condição humana e perceber-se como parte da teia da vida. Essa ideia compõe principal eixo da proposta de superação, pois se trabalha o projeto de reformas de vidas. Esse fundamento está presente no Princípio de Superação.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

Dentro dos quatro segmentos do Colégio Sériös, fruto do questionário após palestra sobre a proposta da Pedagogia da Superação, as unidades de significação analisadas renderam relevantes insumos que apoiam e validam a referida pedagogia. Desse modo, nos dados coletados se obtém informações de pessoas que, de certa forma, avaliaram o fenômeno que se estudou neste trabalho de pesquisa.

Em conclusão, esta conferência e as respostas ao questionário não significam em si um aval a esta investigação, mas como um instrumento que permitiu gerar maior

confiabilidade na leitura interpretativa dos seus resultados e na convivência pessoal que existiu antes, durante e após a conferência dada.

5.2 Experiência no Hospital Cruzeiro do Sul

O Hospital Cruzeiro do Sul conta com 800 colaboradores e 152 leitos, está localizado em Osasco, São Paulo. A experiência foi realizada por duas psicólogas que trabalham com treinamento e desenvolvimento de pessoas há 17 anos no referido hospital, desenvolvendo trabalhos de liderança, atendimento, trabalho em equipe, relacionamento interpessoal, estresse, qualidade de vida e emocional, etc. As psicólogas Ana Maria Saade e Angela Maria Ferreira conheceram o autor desta tese num congresso, se interessaram pelas ideias da Pedagogia da Superação e se dispuseram a colaborar nas experimentações do trabalho investigativo. Para isso, realizaram estudos da proposta junto ao investigador. A partir de reuniões de estudos, elaboraram um conjunto de dinâmicas pautadas na referida pedagogia.

A partir do último trimestre de 2016 passaram a introduzir alguns conceitos da Pedagogia da Superação nos trabalhos do hospital. Os participantes envolvidos, em princípio, foram os gestores e líderes em áreas de trabalhos semanais/quinzenais segmentados. Mensalmente passaram a envolver auxiliares e técnicos de enfermagem, equipes operacionais e de atendimento ao cliente em palestras motivacionais. Tal tarefa foi coordenada pelo investigador, através de encontros periódicos com as psicólogas e a participação *in loco*, onde culminou os trabalhos proferindo uma palestra no auditório do hospital.

Os conceitos trabalhados junto à população de líderes visam auxiliá-los nas suas superações cotidianas na vivência de seu papel através da busca dos cinco fatores de Superação propostos nesta investigação.

Nas palestras motivacionais o conceito de superação tem sido abordado através da conscientização da importância de foco e determinação, do trabalhar em equipe e se cultivar a confiança mútua, do enfrentamento dos medos e da superação dos desafios pessoais e profissionais.

O objetivo da atividade foi sensibilizar as equipes para os conceitos da proposta de superação, visando a melhoria dos participantes na sua vivência do papel de liderança e na postura dos demais colaboradores frente ao trabalho e à própria vida, com vistas ao bom atendimento ao paciente.

Contribuições da Pedagogia da Superação segundo relatos dos participantes do trabalho realizado no hospital:

“A dinâmica motivacional traz, sem dúvida alguma, um avivamento pessoal e profissional. Entretanto, não me trouxe uma mudança pessoal de postura, uma vez que por força da carreira e das adversidades enfrentadas, a busca da superação sempre pautou minha própria carreira”. (Cirurgião Geral e Diretor Clínico) (U12)

“Através dos conceitos apresentados foi possível analisar atitudes e resultados do passado e com esta experiência aplicá-los em meu dia a dia”. (Gestor de T.I)(U13)

“O que mais me chamou atenção é o fato de que para se superar algo você se sentirá mais confiante se tiver alguém o apoiando naquilo, e muitas vezes os líderes falham nesta parte, deixando a equipe insegura nas suas ações”. (Estagiária do Almoxarifado) (U14)

“Me incentivou a batalhar ainda mais pelos meus objetivos, a agarrar com unhas e dentes as possibilidades que a vida nos oferece, a ter mais fé em mim e acreditar que eu sou capaz” (Laboratorista I)(U15)

“O que contribui para meu trabalho foi a palavra foco ser objetivo, ter clareza do que estou fazendo aquele trabalho com amor”. (Auxiliar de Almoxarifado) (U16)

“Sempre acreditei e pratiquei muitas destas características, mas com a oportunidade de aprofundar o conhecimento nestes conceitos reforçou a minha crença de que estou realizando meu trabalho da melhor forma”. (Gestora de área)(U17)

“Cada dia temos um obstáculo diferente em nossa vida, seja pessoal ou profissional, mas não devemos jamais recuar, é preciso enfrentar de frente e seguir adiante, pois amanhã haverá outro obstáculo”. (Supervisora) (U18)

A experiência realizada no Hospital Cruzeiro do Sul apresenta confirmação das possibilidades de utilização de uma pedagogia pautada na superação e, em consequência, no crescimento global do ser humano. Os depoimentos apontaram para a importância do *outro*, que aqui representa o educador. Em quase todos os questionários observa-se a disposição e ânimo para a elaboração de Princípios e Planos Estratégicos de Superação. Além das mudanças de perspectivas dos participantes em relação às ações diárias de superação, a experiência figurou um trabalho importante no sentido de que esses participantes também serão agentes de mudanças em outras pessoas.

Quadro 11- Unidades de significação do Hospital Cruzeiro do Sul

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	ANÁLISE
Avivamento pessoal e profissional (U12)	Esta unidade de significação contém a palavra avivamento que significa no dicionário Aurélio: ação ou efeito de se avivar, avivar-se (tornar mais vivo). Este significado oferece notável relação com os componentes que sustentam a proposta de superação, no sentido em que o ato de superar engloba processos de conscientização das situações vividas e reconstrução de outros modelos de vida. No caso do fragmento da entrevista, reorganização de projetos pessoais e profissionais.
Analisar atitudes e resultados do passado (U13)	É possível unir a perspectiva de Freire, sobre o sujeito histórico, que se percebe inconcluso e busca transformar-se, com esta unidade de significação. Se percebe no sentido das palavras o desejo de superação permanente.
Você se sentirá mais confiante se tiver alguém (U14)	Uma das bases mais importantes da proposta da Pedagogia da Superação é assinalada pela participação do outro como agente impulsionador de mudanças e coadjuvante nos processos de superação.
As possibilidades que a vida nos oferece (U15)	Nesta unidade de sentido reside a máxima de Frankl sobre a busca de sentido. A vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido. Essa ideia é a grande fomentadora do Plano Estratégico de Superação.
Ter clareza de que estou fazendo aquele trabalho com amor (U16)	Dois Conteúdos Estratégicos de Superação estão demonstrados nesta unidade de sentido: o amor e o labor.
Aprofundar o conhecimento nestes conceitos reforçou a minha crença (U17)	Dentro dos Procedimentos Superantes, acreditar se alinha à esperança preconizada por Freire, não àquela esperança ingênua. Sonhar e ter esperança sempre, contudo armados da atenção e da criticidade. No caso da unidade de sentido destacada, havia uma crença anterior que a partir dos conceitos da Pedagogia da Superação foi consolidada.
Cada dia temos um obstáculo diferente em nossa vida (U18)	Educar para incertezas é um dos marcos da perspectiva de Morinque propõe uma educação no contexto da condição humana planetária, onde, ao meio das incertezas, impõe-se a ética e a antropológica e que dentro da Pedagogia da Superação caracteriza os incômodos que permitem ao indivíduo evoluir.

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

O esboço traçado no quadro acima, referente às entrevistas realizadas no Hospital Cruzeiro do Sul e dos quadros anteriores, referentes ao questionário aplicado após palestra no Colégio Seriös arrolam unidades de significação que elucidam os objetivos e hipóteses deste trabalho. Dessa maneira, atribuímos essa elucidação às funções da análise de conteúdo.

Atualmente podemos destacar duas funções na aplicação da técnica. Uma se refere a verificação das hipóteses ou perguntas. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as perguntas formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses) (MINAYO, 2007, p 58).

Nesse sentido, encontrou-se nos segmentos do Colégio Seriös e nas respostas dos participantes do Hospital Cruzeiro do Sul a confirmação das hipóteses de que:

1 – É impossível superar os desafios e o ambiente competitivo isoladamente. A capacidade de atrair ajuda, através da cooperação e o papel das comunidades tem impacto fundamental no processo de superação.

As Unidades de Significação U10 e U14 confirmaram a hipótese 2.

2 – A partir da superação de aspectos médicos, traumáticos ou físicos, a superação mental vai exigir o desenvolvimento de foco e concentração em trabalho, obra e criação a partir de talentos e habilidades desenvolvidos;

As Unidades de Significação U4, U5, U12, U13, U15 e U16 confirmaram a hipótese 3

3 – A superação será dependente da existência de líderes, educadores, ou pessoas que estejam nesse papel, e para isso será exigida uma formação exclusiva perante a circunstância dada.

As Unidades de Significação U2, U5, U6, U10, U15 e U18 confirmaram a hipótese 4.

Com base na análise realizada, acredita-se que os eventos de validação da proposta desta tese cumpriram mais que a confirmação das hipóteses apresentadas, pois outras Unidades de Significação que não se incorporaram, U1, U3, U7, U9, U11 e U17, confirmam os fundamentos teóricos trabalhados e os elementos dos cinco fatores de superação encontrados nos casos estudados.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Se objetiva neste capítulo discutir os resultados das análises realizadas a fim de elucidar a relevância deste estudo, utilizando o crivo científico metodológico. Para isso, retoma-se os objetivos e hipóteses de pesquisa como meio de verificação dos alcances e achados.

Cumpra dizer que os resultados estão ancorados nos tipos de fontes utilizadas e acessos possíveis, de forma que acredita-se que a elucidação dos fatores de superação estão mais expostos nos casos Pelé, Alexandre Costa, Nishimura e dona Jô porque as fontes foram mais variadas, pois são casos famosos, de longas trajetórias que durante um tempo significativo foram publicadas.

De outro modo, os subcasos do caso comunitário da Boate Kiss guardam seus limites de informações, por se tratar de pessoas comuns. Mesmo assim, também foram encontrados os fatores de superação em comum.

É possível que tais resultados provoquem a ideia de que talvez qualquer pessoa, para superar, devasimplesmente desenvolver alguns componentes que tornamos sofrimentos menos sofríveis e que esses componentes seguramente estão ligados à construção de novos sentidos. Contudo, o motor desta investigação é saber justamente que componentes são esses e de que maneira a educação pode promovê-los. Nesta intenção reside o maior achado. A partir da confirmação de fatores em comum nos diferentes casos de superação, é possível propor práticas educativas sistematizadas para a aprendizagem desses fatores.

Esse achado permitiu a análise de três cenários imbricados e comprovados: *As condições de superação, o ser superante e o papel do educador da superação.*

Portanto, tem-se que as condições de superação estão ligadas aos contextos afetivos e de relações sociais de cada superante; o ser superante é aquele que decide e modifica seus contextos afetivos; e o educador da superação facilitará essa decisão e modificação de perspectiva perante a vida.

6.1 Alcances da pesquisa a partir das hipóteses e objetivos

A partir dos casos estudados e de todo trajeto teórico realizado neste estudo, além das experiências de confirmação e validação junto à sociedade, julga-se

conveniente interpretar os resultados e explicá-los por meio dos supostos e objetivos específicos desta pesquisa, com fim de argumentar e discutir os seus alcances:

1) Identificar como os indivíduos, sujeitos investigados, encararam a superação em suas histórias de vida.

Foram estudados quatro casos de pessoas públicas, um caso social e seus cinco subcasos que também são públicos. Os casos estudados demonstraram, cada um à sua maneira, que a superação é possível, mas que necessitam de meios/condições para acontecer. Esses meios/condições fazem parte dos cinco fatores de superação encontrados nas análises dos casos.

Observou-se que cada caso de superação tem seu tempo próprio e dependem, além dos fatores estudados, das idiossincrasias, das questões internas do sujeito, da subjetividade e do nível de resiliência de cada um. Entretanto, os casos estudados ofereceram subsídios pedagógicos que podem ser propostos no desenvolvimento de um trabalho de superação em espaços de educação. Isso pode ser confirmado a partir da experiência no Hospital Santa Cruz e no Colégio Seriös.

A partir do alcance do objetivo 1 se cogita a ideia de que a proposta não só pode ajudar às pessoas em seus processos de superação de problemas e dificuldades da vida, como também é possível plantar essa pedagogia na formação de indivíduos que não têm problemas. Seria, desse modo, um trabalho educativo voltado para o enfrentamento das dificuldades futuras, uma educação para as incertezas, uma pedagogia preventiva.

a) É impossível superar os desafios e o ambiente competitivo isoladamente, a capacidade de atrair ajuda, através da cooperação e o papel das comunidades tem impacto fundamental no processo de superação.

Como exemplo ilustrativo desse suposto, a história de Dona Jô Clemente permitiu verificar essa ideia. Para fundar a APAE a ajuda de outros pais e da sociedade em geral foi importante para o desenvolvimento de sua superação e os desdobramentos figurados em suas obras.

Nos casos das vítimas do incêndio da Boate Kiss, o apoio da Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria foi e é, até hoje, agente importante nos processos de superação.

Em todas as histórias dos casos estudados esse suposto foi confirmado. A partir do trabalho, acredita-se que por mais que uma superação pareça ser independente ou individual, ela sempre dependerá de um motor que gera força e ânimo, que impulsionam as “super ações”. Isso está posto no primeiro fator de superação: o princípio de Superação. Descobriu-se que neste fator o indivíduo recolhe da vida e das outras pessoas motivações para seguir em frente.

b) A percepção de dor, de sofrimento, é relativa de pessoa a pessoa, com a comparação de situações enfrentadas, e as histórias contadas se estabelecem forças motivacionais para a superação.

Como já exposto, não se elaborou nenhum instrumento que pudesse informar os níveis e intensidade do sofrimento e da capacidade de superação de cada pessoa. Nesse aspecto reside o limite investigativo. Mas, ao mesmo, tempo revela um achado importante: cada ser humano constrói formas próprias de superação, dentro de um tempo, contexto social e história própria. Entretanto, como um processo em cadeia, cada história de superação torna-se motivação para outras. A comemoração de haver encontrado sentido de viver não é comemoração individual, é uma comemoração também daqueles se importam com os outros.

c) A partir da superação de aspectos médicos, traumáticos ou físicos, a superação mental vai exigir o desenvolvimento de foco e concentração em trabalho, obra e criação a partir de talentos e habilidades desenvolvidos.

A superação de que trata esta investigação está pautada no estudo das ações e comportamentos das pessoas após o sofrimento, não se refere aos aspectos físicos. Dentro dessa perspectiva, os cinco fatores encontrados apontam para os conteúdos, procedimentos e atitudes que caracterizam um indivíduo superante em seus projetos, na construção diária de formas de atuar, de encarar a vida, de existir.

Tem-se, dessa maneira, a corroboração de quatro supostos dentro do alcance do objetivo 1. Passemos ao objetivo 2:

2) Encontrar fatores comuns nos casos estudados que configurem um padrão de superação.

Mesmo em tempos e situações completamente diferentes, se localiza nos casos cinco fatores comuns de superação. Considerando os limites deste estudo, acredita-se que talvez seja possível investigar no futuro, através de outras variedades

de casos, níveis mais detalhados de ocorrência desses fatores de superação. É importante mencionar que o padrão de superação encontrado nos casos está amplamente amparado pelos conceitos teóricos que respaldam esta pesquisa, portanto se convence de que são passíveis de se aplicar pedagogicamente.

Na introdução desta tese se fez referência a dois trabalhos sobre superação dentro da mesma perspectiva desta abordagem. Os referidos trabalhos desvelam a música e a ética nos processos de superação, e aqui se apresentam cinco fatores que se subdividem em conteúdos, englobando mais que a música e a ética. Trata-se dos Conteúdos Estratégicos de Superação: o amor, o labor, a ética e estética, dentro dos Procedimentos: aprender, criar, acreditar, inspirar, e das Atitudes Superantes: curiosidade infantil e protagonismo. Dessa forma, não apenas se confirmamos trabalhos mencionados, como também os complementamos a partir de uma análise mais abrangente com o fim de propor ações educativas de superação. Esta intenção está expressa nos objetivos 3 e 4:

3) Avaliar aspectos determinantes no papel de líderes, educadores, da comunidade e sociedade na superação.

Como não é possível superar sozinho, percebe-se então que a figura do educador é extremamente importante. Ele mediará, conduzirá e facilitará as “Super ações” dos sujeitos superantes. Dentro dos fundamentos teóricos desta investigação se constrói a compreensão de que o condutor ou pessoa que poderá mediar os processos de superação deverá, em primeiro lugar, haver provado e praticado os quatro Conteúdos Estratégicos de Superação: o amor, o labor, a ética e a estética. Pois, de outra maneira não será possível incentivar e contaminar o ser superante do outro sem tais bases. Os discursos devem ser dotados de sentido do vivido e esses quatro conteúdos determinam o que encontraria em Freire (2002) o equivalente à leitura de mundo, as experiências que constituem as histórias de cada um e que, ao mesmo, se entrelaçam. Portanto, o trabalho deve permitir construções mútuas daquele que ensina e também aprende.

Recopila-se também o papel desse educador a partir das ideias de Morin (2000), considerando a plataforma de entendimento do homem nas dimensões biológicas, psicológicas e sociais, explorando o arquétipo de complexidade existente no ser humano. Isso significa encarar o outro numa perspectiva integradora e

acolhedora. Nesse prisma, é possível uma aproximação do suposto de que esse educador, líder ou mediador pode ser formado para realizar esse trabalho.

d) A superação será dependente da existência de líderes, educadores ou pessoas que estejam nesse papel, e para isso será exigida uma formação exclusiva perante a circunstância dada.

Ao encontrar nos casos estudados fatores comuns de superação e verificar que as ações superantes não se dão de forma isolada, conjetura-se a necessidade de um educador e de uma proposta pedagógica de superação adotando os fundamentos teóricos que até aqui nos serviu de balizador do estudo dos casos. Nessa perspectiva, parte-se dos cinco fatores de superação encontrados nos casos e elaboram-se princípios e passos de uma Pedagogia da Superação de maneira que se alcança no objetivo 4:

4) Oferecer uma proposta para a superação tanto em circunstâncias individuais, empresariais e organizacionais, quanto educativas e pedagógicas.

Faz-se necessário sobressaltar que quando submeteu-se a proposta pedagógica de superação à comunidade, esta ainda não estava completamente definida, mesmo assim se obteve resultados animadores. Acredita-se que futuramente a proposta poderá ser efetivamente realizada e fornecerá elementos ricos para próximas análises.

Quando se fala das condições e cenários de superação, se refere aos contextos já estudados e as previsões de outros contextos. Essa previsão encontra lugar nas ideias de Morin (2000) quando fala das incertezas e da consciência delas. Toma-se desse autor as perspectivas do “bom viver” considerando que o educador da superação pode ser um mediador das reformas do sujeito. Do mesmo modo, quando se refere ao ser superante, refere-se a todas pessoas que podem encontrar nessa proposta meios para construir novos projetos de vida e redimensionar sua história. Esse esboço do ser superante foi pensado a partir de Makiguti (1995), quando propõe que a felicidade é aprendida e, como tal, o projeto de felicidade dependerá da educação. Neste sentido se apresentam os princípios e fundamentos que norteiam a proposta a seguir, assim como os passos e condições para sua realização.

6.2 Princípios Norteadores para uma Pedagogia da Superação

Os casos estudados revelaram a significância de educadores, ou de agentes que atuaram como educadores na vida daquelas pessoas. Está evidente que ninguém supera sozinho. Os autores arrolados nesta investigação de forma unânime consideram vital a educação e o educador. A pedagogia por Freire, Morin, Makiguti e Frankl apresentados nos capítulos anteriores operam numa via humanista, dialógica e emancipatória do estudante, ou no caso desta investigação, do superante. Isso só se dá pela tomada de consciência, e pelo desenvolvimento e progresso sobre os cinco fatores identificados nesta pesquisa. Em assim sendo, a pedagogia, como a estratégia de conteúdo e forma, dentro de uma escala prioritizável, objetivando ensinar, através de um redespertar humano para o Princípio de Superação, Plano de Superação, Conteúdos Estratégicos de Superação, Procedimentos e Atitudes Superantes, exigirá de educadores a questão levantada por Morin (2002), nos seus sete saberes da Educação e Complexidade.

Educar os educadores é parte fundamental desta investigação. Significa o poder de construção de papéis. Para tal, a proposta representa tomar para o papel desse educador como agente de mudanças e construções de sentidos. A triangulação obtida entre os casos estudados com a teoria trabalhada significa uma possibilidade concreta de preparar e trazer para a sala de aula ou para os ambientes onde as circunstâncias da resiliência estão presentes, educadores conscientes e preparados.

Maria José Garcia San Pedro (2007), em seu livro *Realidad y perspectiva de La formación por competencia em La Universidad* oferece aportes desde a filosofia, como pode ser observado na Figura 2. Ao final, a questão colocada sob o ponto de vista filosófico, pedagógico e didático é: qual é o perfil do profissional que queremos formar? Todas as questões e colocações levantadas nos marcos teóricos, textos dos autores, na teoria arrolada, terminam por dizer “o que” devemos ter, esperar, por que, mas raramente obtemos o “como fazer?”.

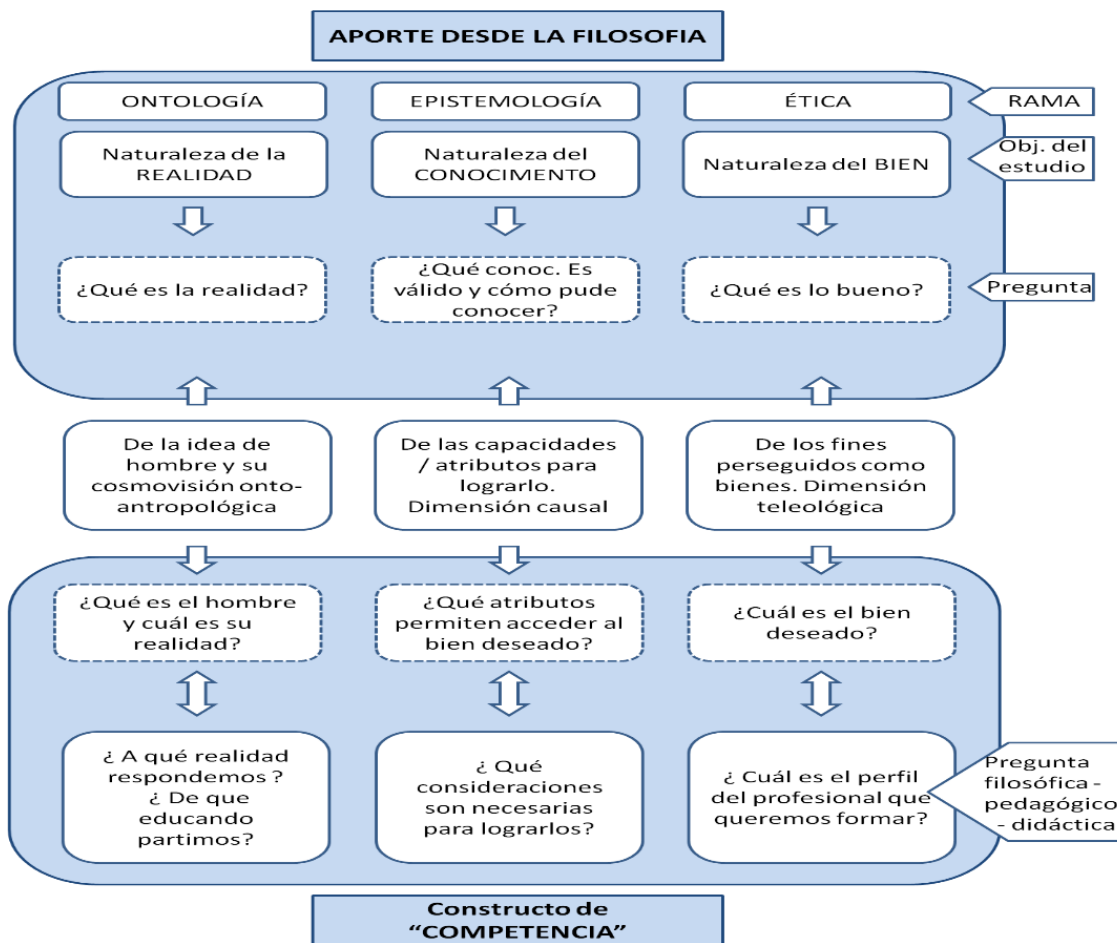


Figura 9 - Elementos de reflexión filosófica en la construcción de la competencia
 Fuente: PEDRO (2007, p.49)

Para a ação pedagógica nos casos de superação, e em se entendendo ser o pedagogo, o líder pedagogo, o educador, o inspirador das forças íntimas, exteriores, e relacionais dialógicas das pessoas, ou do grupo de pessoas, elemento-chave na ampliação do êxito superante, precisará se desenvolver, e querer se desenvolver no estudo do papel, da mesma forma como Marlon Brando o fazia para interpretar “o poderoso chefão”, por exemplo. Significar dentro das circunstâncias dadas.

Maria Jose Garcia San Pedro aporta: qual é a realidade? Trazendo a ontologia e reflexões sobre a natureza dessa realidade, e a cosmovisão do homem ontoantropológico. Questiona sobre qual conhecimento é válido e como pode ser conhecido. Busca a epistemologia, a natureza do conhecimento, e a capacidade e atributos para que sejam realizados. Pergunta: o que é bom? Trata da ética, da natureza do bem, e os desafios definidos como sendo “bens”, o teológico. Dessa forma faz refletir sobre três níveis de naturezas: a realidade, a do conhecimento e a do bem. Suas reflexões nos levam a mergulhos mais interiores ainda, questionando: o que é o

homem, e o que é sua realidade? Relembra Makiguti, com sua geografia humana. E indaga: a qual realidade respondemos? No pragmatismo do encaminhamento da tarefa a ser efetivada, da obra a ser interpretada adiciona: que atributos permitem acessar esse bem desejado? E quais considerações são necessárias para os atingir? E, afinal, qual é esse bem desejado, indo conseqüentemente a: qual é o perfil do profissional que queremos formar?

Na investigação, se pode responder que o “bem” desejado é dotar seres humanos com maior poder para superação dentro das circunstâncias de resiliência. E quais considerações são necessárias para os atingir? Representam a reunião deste arsenal de teorias, adicionados às pesquisas qualitativas, investigatórias e de profundidade, passando pela formação do educador. E, neste caso, como cada circunstância dada será distinta uma da outra, prefere-se seguir pelos caminhos da interpretação, com a arte, e apresentar uma proposta para a formação de educadores, e suas competências para construir papéis de líderes educadores para a superação.

Empatia, como apresentou Goleman (2013), traz um talento vital para o desenvolvimento deste profissional da pedagogia superante.

Empatia pode ser decodificada como a qualidade humana de se colocar no lugar da outra pessoa (BUSSAB; PEDROSA; CARVALHO, 2007). “Se você fosse eu o que você faria”? A capacidade de sentir como a outra pessoa sente, de ter a visão de mundo do outro. Sentir verdadeiramente as dores alheias gera uma conexão legítima de “*rapport*”. Através desse íntimo e verdadeiro sentimento a afinidade é obtida e o contato profundo e de confiança, estabelecido.

Os estudos sobre a capacidade de liderar e de transformação do outro não param apenas na empatia. Outro ingrediente do talento humano é necessário: o tônus vital (BUSSAB; PEDROSA; CARVALHO, 2007). A empatia é essencial pela conexão e confiança criados, mas será através da forte determinação do que precisa ser feito, do projeto a ser seguido que o educador encontrará forças íntimas, persistência e férrea vontade para conduzir o educando na jornada para sua transformação, na sua busca de sentidos e significados. Trata-se de uma força íntima do próprio ego que associa a superação do educando com uma vitória própria e sua. A não aceitação da derrota, profunda e intimamente, uma questão de sua alma o faz superar os próprios obstáculos da condução do educando. A satisfação obtida é uma recompensa da alma, não envolve bens materiais ou aspectos financeiros. O tônus que se fala está relacionado à negação do que Freire (2011) chama de “cansaço existencial”. Este não se refere ao físico, mas sim ao espiritual, que deixa a pessoa vazia de ânimo, de

esperança e tomada, sobretudo, do medo da aventura e do risco. Portanto, o tónus vital é imprescindível na prática pedagógica do Educador da Superação.

Como condição básica, em resposta às questões da educadora Dra. Maria José Garcia San Pedro, com certeza precisaremos de seres humanos que carregam e já trazem consigo doses elevadas de empatia e tónus.

Nesta proposta, para a formação do Pedagogo e sua competência para construir papéis voltados a atuar nas circunstâncias dadas de resiliência para objetivos de superação, o método Stanislavski permite um caminho técnico e metodológico para este fim.

De que modo posso compartilhar com as novas gerações dos resultados da minha experiência e preveni-las dos erros gerados pela inexperiência? Quando hoje lanço um olhar sobre o caminho percorrido, sobre toda a minha vida na arte, dá-me vontade de comparar-me a um garimpeiro de ouro, que antes tem de errar por brenhas intransponíveis a fim de descobrir o lugar em que se encontra o ouro bruto e só depois lavar centenas de arrobas de areias e pedras para separar algumas pepitas do metal nobre. Como garimpeiro de ouro, posso transmitir à posteridade não o meu trabalho, as minhas perquirições e privações, alegrias e frustrações, mas apenas o mineral precioso que extraí. Esse mineral precioso do meu campo artístico, esse resultado das perquirições de toda a minha vida é chamado meu “sistema”, o método de trabalho do ator que sondei e permite ao ator criar a imagem do papel, revelar neste a vida do espírito humano e personificá-la com naturalidade no palco numa forma artística e bela. O fundamento para esse método foram as leis da natureza orgânica do artista por mim estudadas na prática. Seu mérito consiste em que nele não há nada que eu tenha inventado ou deixado de verificar na prática, em mim mesmo ou em meus alunos. Ele emanou de si mesmo, decorreu naturalmente de minha longa experiência. O meu sistema se divide em duas partes principais: 1) O trabalho interno e externo do artista sobre si mesmo; 2) o trabalho interno e externo do papel. O mais terrível inimigo do progresso é o preconceito: ele cria obstáculo, bloqueia o caminho para o desenvolvimento. Na nossa arte, esse preconceito é representado pela opinião que defende a relação diletante do ator com seu papel. É contra esse preconceito que quero lutar. Mas para tanto posso fazer apenas uma coisa expor o que acumulei como conhecimento da minha prática, algo assim como uma gramática dramática com exercícios. Os procedimentos técnicos da representação me empurram para a verdade e a sensação de verdade é o melhor excitante do sentimento, da emoção, da imaginação e da criação (STANISLAVSKI, 1989, p. 538).

Robert Lewis, estudioso e educador do *Actor Studio* de Nova Iorque, sintetizou o Método Stanislavski no organograma representado na Figura 10. Na dissertação de mestrado do autor desta investigação, “A interpretação do papel do educador através da arte” foi oferecida objetivando apresentar um caminho para a preparação de

melhores educadores, compreendendo ser o educador um ator em palco, interpretando um papel sob certa circunstância dada (MEGIDO, 2003).

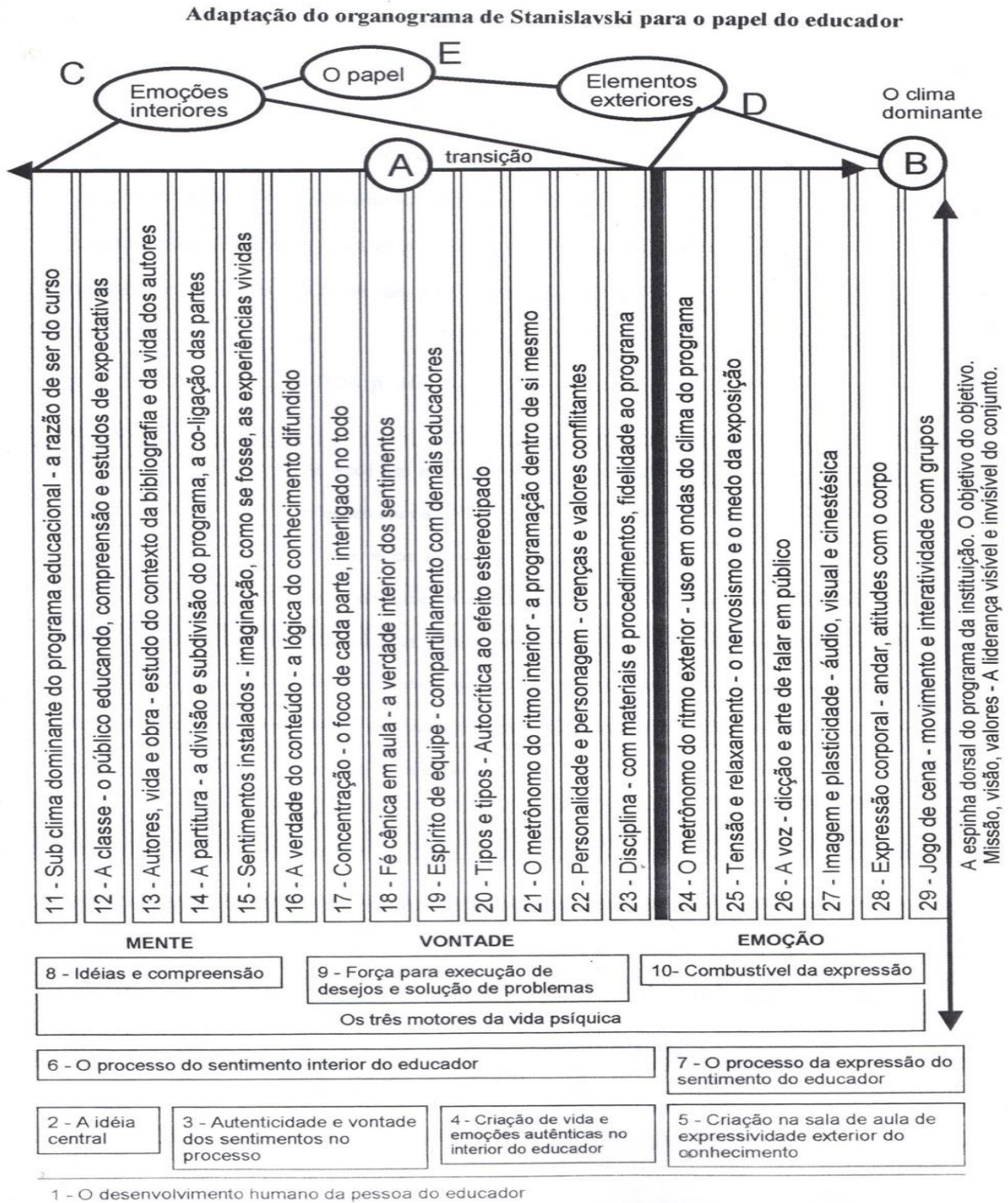


Figura 3 - Uma proposta para a arte na interpretação do educador
 Fonte: STANISLAVSKI (1989), adaptado de LEWIS (1960).

O organograma de Stanislavski (Figura 10) adaptado para a formação e interpretação do papel do Educador da Superação, tem como base o número 1, aquilo que sustenta toda a estrutura – o desenvolvimento humano do ator-educador. Stanislavski (1989) registra:

Se você vai expressar-se por intermédio de um personagem, suas próprias relações com a vida, todas as ideias e emoções que sua experiência acumulou, transparecem de algum modo. Por isso o indivíduo deve procurar ampliar o seu conhecimento do mundo, da gente que vive nele, do seu próprio caráter e inter-relações. Deve procurar, além disso, tornar mais penetrante sua observação das emoções da vida real, desenvolver imaginação e sensibilidade, porque são esses os elementos que são acumulados para alimentá-lo em seu trabalho, seja qual for (STANISLAVSKI, 1989. p. 70).

Os itens de 2 a 5 são considerados por Stanislavski (1989) os fundamentos básicos, e são detalhados nos canais de 11 a 29. Isso significa interpretar fielmente a ideia central do projeto de educação da superação, uma busca da autenticidade e verdade dos sentimentos por parte do ator-educador. O canal número 6 suporta o lado esquerdo do organograma, e é orientado aos problemas íntimos da interpretação; são as partes psicológicas e emocionais. O canal número 7 envolve o lado da emoção expressa. Normalmente, quando não especialistas discutem sobre o aumento da capacidade de interpretação dos educadores em sala de aula, olham mais para a postura corporal, como falar em público, etc. Os canais de número 8, 9 e 10 são vistos por Stanislavski (1989) como os motores da nossa vida psíquica. A mente nos dá ideias e a compreensão para a intelectualização do papel. A vontade nos dá força para executarmos nossos desejos. São as motivações interiores. O sentimento, a emoção supre o combustível da expressão. Esses três aspectos são detalhados nos canais 11 a 29.

Frente a um auditório com centenas de pessoas, e todas elas parentes e amigos das vítimas do incêndio na Boate Kiss em Santa Maria, ali estava um ator, o autor desta investigação, e um personagem: o escritor e inspirador em superação. A arte da interpretação, os fundamentos do “pai do teatro realista” de Constantin Stanislavski (1989) tomam conta da razão e emoção do autor. Sabe-se que superação não se obtém antes de se reconfigurar o sentido dado de tal sofrimento para uma perspectiva nova, é praticamente um nascer de novo. Porém, entre o início do ciclo da superação e sua conclusão ocorre um longo processo muito interessante: o que

começamos a fazer em paralelo ao que entendíamos serem coisas não vinculadas ao trauma em si irão desempenhar a maior parte da nossa felicidade após ultrapassarmos o “vale das dores”, e ainda será o anestésico essencial para nos levar ao longo da jornada superante.

Mas, como foi observado, “ninguém supera sozinho”. É necessário o papel de mentores, mestres, guias, pais, amigos ou como chamar doravante os “educadores da superação”.

Como a superação pode e deve ser vista em todas as circunstâncias da vida cotidiana, e como sabiamente Morin (2000) aponta em seu livro *Educação e Complexidade*:

A reforma do pensamento traz consigo consequências existenciais, éticas e cívicas... A universidade precisa superar-se para encontrar a si própria. Desse modo, inscrever-se-á mais profundamente em sua missão transecular, assumindo o passado cultural e adiantando-se para o novo milênio com o intuito de civilizá-lo (MORIN, 2000, p. 28).

E sobre a profissão do educador, Morin (2000) acrescenta: “é o amor que introduz a profissão pedagógica, a verdadeira missão do educador” (MORIN, 2000, p. 73). Civilizar o mundo representa ensinar e aprender a arte da superação em tudo e em qualquer coisa. Claro que, ao nos debruçarmos sobre exemplos mais dramáticos, temos essas feridas mais expostas e o laboratório facilitado, como são os casos desta investigação, onde inclui o autor desta investigação. Porém, as superações não dramáticas, ou de baixa visibilidade pública, ou praticamente invisíveis, aquelas que ocorrem como se parte fizessem da normalidade, da naturalidade, do jeito como as coisas são; essas, que representam a grande maioria dos desafios humanos a serem superados, desde relações entre vizinhos, familiares, nos empregos, no estudo, na política e no diálogo interno de cada um consigo mesmo, essas vivem a cada instante definindo destinos, histórias, e o que poderíamos chamar de sucesso, felicidade e qualidade de vida. Em outras palavras, cabe a um educador, cada vez mais ensinar a pensar, e “a aprender a aprender”, o que significa um talento aberto para a experiência da vida, uma abertura ao novo evolutivo, ao que não se sabe ainda, à incerteza e ao vir a ser que só pode ser definido conforme abrimos e entramos no seu caminho.

Por isso, trazer os fundamentos e o mesmo método do teatro realista para o palco de todos os teatros, a sociedade em si, e o palco dos educadores é uma proposta adicional desta investigação (MEGIDO, 2003).

E, como “educar para superar” irá sempre exigir um diálogo emocional, alterações de estado de espírito, quebra de barreiras racionais e preconceituosas, não apenas nas situações teledramáticas, mas num tecer diário e sutil, onde existe da mesma forma a necessidade de superações, se não cirúrgicas e invasivas, ou alopáticas, mas pelo menos homeopáticas. Esse diálogo emocional está relacionado com o que Frankl (2013) defende sobre o equívoco cometido a respeito do sucesso e da felicidade. Diz que:

[...] O sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido, ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior do que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser. A felicidade deve acontecer naturalmente, e o mesmo ocorre com o sucesso; vocês precisam deixá-lo acontecer não se preocupando com ele. Quero que vocês escutem o que sua consciência diz que devem fazer e coloquem-no em prática da melhor maneira possível (FRANKL, 2013, p.10).

Nesse sentido, para o Educador da Superação, tal diálogo se fundamenta na reflexão das ações do passado, do presente e do futuro. De forma que essa prática reflexiva deve favorecer aquilo que Frankl (2013, p.7) chama de “a última liberdade humana”, a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias.

Nas situações estudadas, para a superação, de forma visível ou invisível está por trás um conceito de missão, visão e valores. No caso da Fundação Nishimura, como resultante de uma superação “post riqueza”, os valores de retribuição e de educação de pessoas era aspectosólido no ato, e na decisão desse empresário. Isso significa que Educar para Superar exige uma elaboração clara de um sentido de missão, visão e valores. No caso do investigador, isso era determinado pelos seus pais adotivos que atuavam para que jamais permitisse um sentir menor, ou inferior, ou que tivesse pena de si mesmo. Adicionavam uma educação preparatória para o trabalho e o estudo, objetivando que, em função do acidente, o superante não tivesse a capacidade de sobrevivência, de independência e de liberdade prejudicada. Aportavam ainda sentimentos de orgulho, de coragem e de valores de caráter e de

jamais sentir vergonha e de fugir dos enfrentamentos que a situação da queimadura na face o obrigaria a enfrentar.

Da mesma forma um sentido forte de missão, visão e valores sempre acompanhou o jovem Alexandre Costa, fundador e empreendedor da Cacau Show. O realizar um sonho, o amor ao chocolate, honrar pai e mãe, resgatar uma ideia anterior mal sucedida e fazê-la vencer, o trabalho, o construir a partir da sua localidade, ali viviam impressos na sua mente e alma.

Portanto, o 1º Passo para o educador estará em compreender inequivocamente a missão, a visão e os valores a serem interpretados na causa, a qual representa, ou melhor, interpreta com fé e emoção interior.

No processo da superação, é possível detectar cinco passos:

1 – Resgatar: o resgate do trauma, fazer o que tem que ser feito na situação dramática da emergência.

2 – Acolher: carinho, afeto, humanismo e amor, cuidar – “o abraço, um santo remédio”.

3 – Reeducar: preparar e ensinar a nova vida, a nova situação, a nova circunstância. Revalorar, redefinir o sentido. Depois de um trauma jamais seremos os mesmos. Neste contexto os educadores da superação são essenciais.

4 – Reinsserir: amalgamar novamente com a sociedade, efetivar a reinserção na economia, trabalho, no mundo que continua.

5 – Libertar: desamarrar as amarras, estimular novas reLigações, transmissão do melhor do aprendizado para gerações futuras, de vítimas para heróis da superação.

No exemplo contemporâneo de Santa Maria, pode-se observar nuances distintas dos movimentos. O resgate não ocorreu de forma profissional. Pessoas nos disseram que somente o exército e a aeronáutica local atuaram determinantemente, ao lado de algumas entidades de socorro. O acolhimento foi considerado extraordinariamente omissos, por parte das lideranças políticas, do principal líder

municipal, seu prefeito, e encaminhamentos nebulosos por parte do legislativo e judiciário.

Na reeducação, movimentos autônomos surgem, bem intencionados, com propostas voltadas a fazer do desastre lições importantes, a de criar marcos emblemáticos ascensionais em Santa Maria; bem como também existem tendências de vitimização entrópica, domínio da tristeza e utilização política do trauma para fins pessoais e de grupos; incluindo a criação de associações de parentes e amigos das vítimas, dissidentes. Iniciativas pessoais e particulares podem também ser constatadas, através de famílias que já transformam o sofrimento e a dor em uma forte razão pela qual criar, trabalhar, construir e progredir.

Porém, a reinserção, não só das pessoas, parentes e vítimas, mas da sociedade, e da nova Santa Maria, pós Kiss, e o seu passo futuro, sua libertação para um voo maior.

O educador, precisará mergulhar e resgatar a missão, a visão e os valores da causa a ser trabalhada, viver esses sentimentos com verdade interior, para poder imantar a todo o grupo, não permitindo distrações e dispersão de foco.

O 2º passo consiste no estudo dos autores das obras científicas, da base bibliográfica. Seria de significativa relevância para a qualidade da arte no desempenho do papel do educador, assim como os personagens de uma obra teatral impactam a decisão sobre sua interpretação: isso representa, se usarmos os ensinamentos de Viktor Frankl (2010), buscar conhecer sua vida, suas motivações para interpretar emocionalmente o que se compreende racionalmente dos seus textos. O educador, o pedagogo da superação, dele será exigido além do conhecimento, uma imersão na vida, e na história de vida dos teóricos, os quais servirão de base epistemológica, filosófica, pedagógica e didática. Interpretar as ideias de Freire, Morin e Makiguti, por exemplo, muito além de trazer seus fundamentos para a sala de aula, ou para o ambiente proposto.

O 3º passo se refere à compreensão das diferenças do público-alvo, de suas expectativas; definiria a necessidade de uma motivação íntima por parte do ator-educador, adequadas a cada situação. Isto estaria para o teatro como a necessidade de pesquisar, sentir, vivenciar em laboratórios emoções particulares, que ampliem a verdade da vida dos personagens no palco, obtendo fé cênica. A verdade com que se atua dentro de uma circunstância oferecida: nas situações de traumas coletivos, é

fundamental segmentar o público por suas atitudes, valores e estilos de vida perante a ocorrência.

Cabe ao Educador da Superação conviver e sentir os motivos de cada segmento, interpretando a insensibilidade, e ao mesmo tempo definindo forma e conteúdo distintos para cada grupo identificado. Este vivenciar o aluno, ou o grupo superante, segmentando-os, representa os laboratórios realizados pelos atores, para permitir o desenvolvimento de emoções legítimas dentro do palco, vivendo a vida dos personagens.

O 4º passo está em manter o controle das suas emoções, olhar-se de fora, perseguir a coerência entre o papel interpretado e a linha de vida da pessoa do educador; representaria conseguir administrar e ter autocrítica para evitar trazer para o palco das salas de aula efeitos indesejáveis da sua própria personalidade: o Educador da Superação pode nunca na vida ter vivenciado uma situação extrema e crítica pessoal, portanto, poderia trazer para a ação, visões pessoais de vida incorretas. Ou o Educador pode também ter tido experiências fortes em superação, e subdimensionar o estado momentâneo da população envolvida. O ator sempre estará no comando do personagem, daquele que vive o papel. Olhar-se de fora permite ver o personagem, aquele que está no papel em ação. Muitos só conseguem interpretar um único e mesmo papel na vida, e sem saber, se transformam em um papel, e não um ator com o talento de viver distintas experiências. Para agir junto aos parentes das vítimas da boate Kiss, por exemplo, este educador foi obrigado a conviver e desenvolver as mesmas emoções dos vários grupos de pais vitimizados. Da mesma forma como os jesuítas atuaram no passado, penetrando totalmente nos valores, na cultura, na língua e na religião dos índios.

5º passo, a partir da consciência obtida sobre a importância de trabalhar o ator – educador no seu aprimoramento interno e externo, como capacidade de comunicação e de sensibilização, e – ao mesmo tempo, estudar os papéis nos seus interiores e no adequado propósito de suas exteriorizações dentro das circunstâncias dadas dos objetivos das instituições (ou no caso de um ambiente superante, na definição da missão, visão e valores, da sociedade de Santa Maria, por exemplo), os resultados tenderiam a melhorar pela maior eficácia emocional com a qual o conteúdo e objeto do ensino poderia ser transmitido e assimilado.

Vale retornar ao aspecto do que Stanislavski (1989) chama de “a espinha dorsal do espetáculo”. Nas instituições é a definição clara da missão, sentido, da visão e dos

valores. A verdadeira Liderança Invisível. É a razão de ser da organização, ou do objetivo da ação superante. A espinha dorsal da Pedagogia da Superação aplicada ao caso. Essa verdade intrínseca determina o enredo-chave, o clima dominante da tragédia, o drama, ou da comédia. O super objetivo do autor influencia todo o organograma e interfere diretamente na pedagogia e na atuação do educador. Por isso, para uma Pedagogia da Superação, em qualquer circunstância dada é fundamental determinar, combinar e acordar as profundas intenções a serem perseguidas e conquistadas. Nesta investigação, os exemplos de superação do senhor Shunji Nishimura, da Dona Jô Clemente, de Alexandre Costa, e o caso em particular deste autor, ainda criança, sob determinação dos pais adotivos, havia transparentes e claras determinações.

Nos exemplos dos casos do incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, não ocorre uma orientação central clara. E isso termina por não viabilizar uma saída saudável para todos, e para a própria sociedade, e por privilegiar um grupo mais consciente e pré-pronto para obter os saltos superantes, muito em função de suas próprias fortes bases pessoais íntimas. Da mesma forma nos exemplos bem sucedidos de Nishimura e Dona Jô Clemente estavam claras as determinações. Os conflitos estruturais na espinha dorsal seriam como se não fosse possível obter a razão de ser de um espetáculo, um filme um texto teatral.

Em Santa Maria, assumir o desastre e a tragédia como um “beijo na realidade”, e a articulação de toda a sociedade para transformar um tenebroso momento em um ponto de ciência, tecnologia, educação, prevenção; com o engajamento da própria universidade e demais órgãos formais; a imediata transformação do local da Boate Kiss, num ponto memorial em respeito aos mortos precisaria ocorrer em altíssima velocidade. O lembrar e o não esquecer jamais dos heróis do incêndio, jovens que deram suas vidas e saúde para salvar pessoas; a transformação da cidade de Santa Maria em um dos locais mais seguros do país, para receber e realizar eventos.

O apoio financeiro para o empreendedorismo a partir de famílias com projetos em função de iniciativas e propostas; a investigação precisa, justa e veloz dos responsáveis e as ações de reviver, recriar, e agir, com a geração de contribuições em todas as áreas – ciência, arte, esporte, sociedade – formariam a base do eixo, da espinha dorsal de um projeto superante para toda a comunidade e a cidade em si. A partir disso, subsegmentos e ações de envolvimento com subgrupos e pessoas, envolvendo redes sociais, dariam continuidade, adicionando-se aí organizações com e sem fins lucrativos (não esquecendo-se do papel fundamental da iniciativa privada), de organizações religiosas, e da transformação emblemática e simbólica de Santa

Maria num ícone nacional e mundial na consciência e tratativa de superação dos estados de dramaticidade pública.

Superar jamais será uma ciência exata, e envolverá sempre uma enorme transdisciplinaridade. Os atores educadores, gestores de uma Pedagogia da Superação, sejam com um indivíduo, uma empresa ou uma cidade, até mesmo uma nação, precisarão desenvolver, dentro de si mesmos, qualidades humanas consideráveis. Segundo Megido (2004, p. 23) cinco passos são essenciais para se criar uma nova vida:

1 – Um choque de realidade.

Enquanto não se assume a realidade não se consegue tomar decisões. Não se faz as escolhas que permitem criar nova vida. Continua-se como vítimas do passado, espectadores do presente, e simplesmente torcedores do futuro. Mas não se entra em campo, não se participa ativamente do jogo. Nega-se a realidade... e continua-se iludido. É necessário um choque de realidade para que a ilusão acabe e possamos viver sonhos possíveis.

2 – Assumir a responsabilidade por sua vida.

O choque de realidade é só o começo. Se você não der o segundo passo – assumir a responsabilidade por sua vida – poderá facilmente recair na ilusão. Uma ilusão diferente, mas ainda assim ilusão. Assumir responsabilidade é entender que qualquer mudança em sua vida depende exclusivamente de você. É não ceder à tentação de culpar pessoas.

3 – Compreender o mundo ao seu redor.

Para criar sonhos possíveis precisamos ser capazes de decifrar a realidade que nos cerca. Observá-la, tocá-la, entendê-la. Perceber suas causas e seus efeitos.

4 – Ter consistência

Ter consistência é ter firmeza, direção, perseverança e constância. É sustentar de maneira resoluta e coerente aquilo que se faz. A consistência faz com que pessoas comuns se tornem extraordinárias. Isaac Newton, Louis Pasteur, Darwin, Copérnico, Dona Dulce Mascarenhas – vendendo seus livros nos aeroportos do Brasil – são apenas alguns exemplos do que significa ter consistência.

5 – Ter prazer de crescer com solidez.

Crescer com solidez é identificar e reconhecer seus guias, sejam eles pessoas, fatos, fenômenos ou situações. Ou uma combinação de tudo isso. O que nos faz crescer, nos fortalece, ampara, nos sacode, o que nos revela verdades que não

queremos ver, isso representa desenvolver o prazer ético de crescer com solidez e com valores íntegros.

Ainda segundo Megido (2012, p. 79) “a superação do trauma inicia por você não aceitar que é um azarado, que isso só acontece com você, e que você foi escolhido para ser o infeliz do mundo”. O passo seguinte vai levar você a buscar novas amizades, novas relações e novos conhecimentos para poder sair do trauma. Seja qual for o tipo de trauma, você só sairá dele com novas relações humanas na sua vida. Não conseguimos sair sozinhos de um trauma como o alcoolismo, por exemplo, e precisamos ter relações humanas.

Se, por um lado, um trauma danifica algo físico, patrimonial ou psicológico e traz dores, por outro permite o fortalecimento e a descoberta de potenciais e de valores humanos que são despertados a partir daquele obstáculo ou grave problema. Não seremos mais os mesmos, seremos diferentes.

Pode-se até piorar, e piora-se quando se termina dominado, sentindo-se pena de si mesmo. Mas melhora-se ao construir uma nova dignidade humana. Começar de novo um negócio, voltar a amar, e se apaixonar sem medo, reaprender a andar, a ver, ouvir, a falar, mesmo sendo deficiente em algum desses sentidos, ou adotando uma criança abandonada para ser com ela o que não se soube ser com os próprios filhos, ou com aqueles filhos que se perde em um infortúnio, é a nova tarefa.

A superação do trauma é sempre possível, e por mais incrível que possa parecer ela nasce na alegria e na felicidade de curtir o novo processo, o método de reconstrução, a vida real da superação. Pode-se alçar o voo dos invencíveis fortalecidos por conseguir ultrapassar uma luta dura, mas não se conseguirá sozinho, e nunca mais se é o mesmo de antes. Será outro criando novos papéis para a honra de uma dignidade evolutiva na vida a partir do local, do entorno. Esse processo de reconstrução se ajusta a uma nova geografia, à capacidade inerente do ser humano de se adaptar e criar cultura. Para Makiguti:

Essa condição de criar cultura por meio da sua faculdade valorativa empurra o homem para o conhecimento, como condição adaptativa ao meio. Ele não pode criar a natureza, só pode usar as capacidades cognitivas que lhe permitem conhecer o mundo, manipulá-lo e recriá-lo. E é escolhendo e decidindo quais instrumentos utilizar em termos valorativos que o faz (MAKIGUTI, 2002, p. 108).

Nas superações sempre se encontram pessoas que são decisivas e definitivas para ajudar a transpor os mais duros momentos. Se não se aceita essas mãos

estendidas, não se consegue. Não é o assistencialismo, não é a ajuda que não educa, não é a ajuda do vício da “esmola”. Trata-se aqui da dignidade de aceitar e de saber pedir ajuda. Boris aborda este fundamento em *Los Patitos Feos*, ao mencionar bebês que se desenvolvem sob a afetividade, criando competências de atrair ajuda versus outros sem essa condição.

Quando um filho seu está perdido, quando uma filha sua se diagnostica com uma doença com risco de vida, quando um ser amado sofre um grave acidente, o que se faz? Corre-sena busca de ajuda. Busca-se tudo e pede-se a todos. A mãe do autor desta investigação fez todas as promessas que poderia ter feito, procurou por todos os lugares, passou por todos os templos, igrejas e centros espíritas, falou e pediu para qualquer um e para todos, para lutar pela vida e recuperação. A fé, o pé na estrada e a eliminação da vergonha de pedir ajuda apoiam a vida e a possibilidade de agradecer pela imensa ajuda recebida. Há muita gente com dramas imensos, grandes lutadores interiores, mas que sofrem sozinhos por se tratar de problemas que estão conectados à sua autoestima, a preconceitos sociais, a situações que poderiam “envergonhar” a moral e a imagem de si mesmos ou da família. Empresários que não pedem ajuda e levam suas empresas à falência. Pessoas que não clamam e nem chamam por amor e terminam por suicidar-se. Pais e mães que escondem realidades dos filhos para poupar uma vergonha social e que, no fim, alimentam mais ainda a dimensão dos seus males.

7 POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO: Componentes Sustentadores

Como apresentado anteriormente, haverá a necessidade da multiplicação de educadores da superação. Seja na escola, seja em diversas situações na sociedade. Esses educadores serão personalidades que carreguem, dentro de si mesmos, alto talento de empatia e tônus vital e que como autodidatas procurem e busquem as reflexões de suas práticas.

O educador, na sua estratégia, precisará cooptar e buscar ao seu lado elementos ricos de possibilidades de superação. Isso será fundamental para apoiar o encorajamento das pessoas dispostas a participar desse tipo de proposta. Quando o educador for tratar com tais participantes precisará levar conforto, ter dentro de si um real sentimento de empatia, candura, inclusão, enquanto estabelece um mapeamento de valores e de potenciais zonas de sentidos ascensionais, talentos e habilidades existentes, personalidades ainda com suas crianças interiores vivas, aquilo que amam acima de si mesmos.

O mais importante será o líder pedagogo não perder a proximidade e o referencial dos Conteúdos Estratégicos de Superação, e de mantê-los ancorados aos demais fatores. Nesse sentido, se organiza o que se pode chamar de componentes para a prática pedagógica de superação. São elas: Segmentação Atitudinal, Levantamento da Hierarquia de Valores, Resgate Geográfico, Acolhimento, Inédito Viável, O Ato Limite, A Descoberta dos Sentidos, A Identificação de Causas, A Identificação de Pessoas que Façam Sentido, O Estudo dos Casos Admiráveis – Inspiradores, A Comparação de Casos Reforçando a Pedagogia, A Construção de Equipes Superantes Ascensionais, O Estabelecimento de Métricas, *Empowerment* e *FeedBack*, *Rapport* e Supremacia do Sentido Digno, A Reinserção pelas Obras, Oficina de Criação, A Libertação e a Liderança Invisível. Em seguida apresentamos cada passo de condições de superação.

7.1 Segmentação Atitudinal

É necessário se identificar no público-alvo da Pedagogia da Superação quais membros têm atitudes e aptidões para superar. O componente de Segmentação

Atitudinal faz parte do primeiro fator de superação, o Princípio de Superação, em que o trabalho deve pautar-se no diagnóstico das debilidades e fortalezas.

Aptidão significa capacidade real de criação de valor a partir da circunstância dada, pode ser avaliado por competência de trabalho, estudo e geração de obras. Seria o que segundo Makiguti (2002) chama de relações complexas que o homem estabelece com a natureza por meio da habilidade de produzir valores, no sentido específico de atribuir significado às coisas, transformando a natureza.

Dessa maneira, atitude com a medida da vontade é o mesmo que demonstração de potencial para o aprendizado. Também se pode dizer força íntima de enfrentamento das incertezas do entorno. Isso nos leva a analisar e segmentar o grupo entre personalidades com alta aptidão e alta atitude. Alta aptidão e baixa atitude. Alta atitude e baixa aptidão, e baixa aptidão e baixa atitude.

		ATITUDE (+)		
		000	0000	
(-)		0	00	APTIDÃO(+)
			(-)	

Figura 4 - Atitude x Aptidão
Fonte: José Luiz Tejon, 2018

A atitude termina por fazer com que a pessoa encontre uma aptidão. Muitos não descobrem suas aptidões. Quando chamados para superar em circunstâncias de resiliência, até obtêm êxito físico, sob um tratamento, por exemplo, mas logo em seguida caem em profunda depressão por não descobrir em si mesmo o talento, a habilidade, o potencial de exprimir a si mesmo acima de uma condição primitiva e animal. Dessa forma, o pedagogo líder, já desenvolvido com sentimentos próprios, em si mesmo, irá auscultar a comunidade ou a pessoa a ser educada para a superação em quais as suas forças de aptidão, e qual sua força atitudinal. Para superar precisa-se do desenvolvimento de habilidades e talentos.

7.2 Levantamento da Hierarquia de Valores

A Hierarquia de Valores, processos automáticos de tomada de decisão, revelam visões de mundo e de si mesmo dentro desse mundo (GRINDER; BANDLER, 1993). Através da hierarquização de valores, combinado com a qualificação de atitudes e aptidões, formamos os cenários de três grupos valorativos conforme Figura 5.



Figura 5 - Hierarquia de Valores
Fonte: José Luiz Tejon, 2018

Este exercício de levantamento de valores permitirá ao pedagogo identificar como os segmentos e as pessoas decidem e escolhem no seu dia a dia. Ao identificar um valor ausente, mas fundamental para o êxito do projeto pedagógico, caberá ao pedagogo procurar incluir a consciência do mesmo, e obter, por parte do superante, a colocação desse valor no topo de sua árvore decisória de valores.

Seria, por hipótese, o pedagogo atuando em um projeto de superação de uma ONG, como a Pró-Queimados, que cuida de acidentados por queimadura. Vamos imaginar que um dos valores existentes seja o da estética, da beleza, do belo. Será difícil obter progresso num superante que não efetue a substituição desse valor se ele está hierarquizado no topo de sua árvore decisória, por outro valor, como o ético, ou a dignidade, ou o trabalho, ou ainda a criatividade. Afinal, a queimadura não estabelece padrões de beleza convencionas, ao contrário.

O que os estudos dos casos levantados demonstram é que as pessoas superantes já carregam por formação e berço, e como história de vida atitudes, aptidões e valores fortes e ascensionais. Foram educados, como salienta Morin (2000), nos sete saberes da educação, para as “incertezas”, a compreensão da finitude da vida, do acaso e da criatividade estratégica como forma de saber viver.

Esses são os que costumam sair sozinhos dos traumas e dificuldades. A identificação veloz desse segmento será de extrema importância para que não apenas possam ser ainda mais apoiados em suas iniciativas empreendedoras, mas para que possam ser convocados para auxiliar no resgate dos demais grupos de superantes.

Dentro ou antes dos processos de superação, como foi possível verificar em alguns casos da Boate Kiss, há o que podemos denominar como “autoabandono”; situações em que os sujeitos entram num estado de “hibernação”. Alienam-se do mundo, mergulham em uma resignação profunda e são dominados por um sentimento completo de impotência e de desilusão com o mundo. Não se veem mais como pessoas possíveis de recomeçar, de voltar a amar, reconstruir. Abandonam a si mesmos. Matam suas crianças interiores. Destroem a esperança. Será preciso cooptar o segmento dos convictos da superação para atuarem como “educadores auxiliares” vitais, para todo o grupo.

7.3 O Resgate Geográfico, Acolhimento ou Eco-evolução

A partir dos estudos dos casos, se observa que todos apresentaram um Princípio de Superação, ou seja, todos os casos demonstraram que havia algo, um motor, um sentido de continuar. Com base em Morin (2002), pode-se chamar esse resgate geográfico de eco-evolução, quando se pensa na grande capacidade humana de superar. Do mesmo modo que os ecossistemas se refazem, renascem, os seres humanos também o fazem.

[...] a eco-evolução está marcada por inúmeras mutações ecológicas, quer dizer, por reestruturações novas sob o efeito das devastações a curto e longo prazo: imersão, surreições, erosões, tropicalizações, glaciações, migrações, surgimento de espécies novas. Deste modo, em sua riqueza, sua diversidade, sua multiplicidade a eco-evolução empurra, pressiona, envolve a evolução das espécies (tradução nossa) (MORIN, 2002, p. 53).

Nesse sentido, defende-se a ideia de que o resgate do superante está no autoentendimento do estado de suas devastações cometidas pelos traumas e problemas, mas com esperança de viver momentos melhores depois. As pessoas investigadas não negaram as possibilidades de se construir novos projetos, são pessoas que não se auto abandonaram. Dessa maneira, precisa ser criada uma geografia para resgate de autoestima, de construção de aptidões, atitudes, re-

hierarquização de valores. O acolhimento ressignifica o amor, o ser querido, ser gostado, o resgate de sua dignidade, o afastamento do medo. A casa, o galpão, o espaço, o símbolo de um lugar pode representar o “novo ninho”. O pedagogo precisará criar e zelar por essa “casa nova”.

7.4 O Inédito Viável

Uma causa, um sentido, uma obra, algum objetivo ampliado, maior e criador de dignidade precisa ser colocado como um símbolo, e uma forte razão para viver. Isso é possível porque a existência humana pode ser encarada como “feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica, ser levadas à concretização. Daqui nasce a esperança histórica, o inédito viável” (FREIRE, 2011, p. 11).

Os casos analisados nesta investigação demonstram e evidenciam que o fator alavancador e, ao mesmo tempo, o ponto de apoio de tudo está no re-dignificar o fato em si, causador da infelicitação. Funciona como uma convocação, uma chamada para irromper uma nova jornada. O incerto aparece e surpreende.

Em Santa Maria o inédito viável motivador foi a construção de um projeto de excelência na gestão e segurança de eventos públicos, com estudos da Universidade Federal de Santa Maria, engajamento do empresariado, autoridades públicas, organizações civis e coordenação da Associação dos Parentes e Amigos das Vítimas de Santa Maria. Dona Jô imaginou uma APAE, o que era impossível quando da busca por tratamento do seu filho, Zequinha. O inédito viável representa expulsar o medo, o pesadelo da circunstância limitante.

Como se saltasse para fora do aquário, um aquário imaginário, muito maior nas percepções do que suas reais paredes. Atuar permanentemente com a perspectiva da esperança, e fazendo agora o que ainda não poderá ser feito agora, mas que se for feito será viável no futuro; elo crucial na Pedagogia da Superação.

7.5 O Ato Limite

A permanente procura do ponto sem retorno mental, quando se decide, definitivamente cortar a âncora com o trauma, o infortúnio, ou a perda – seja ela qual for – e elegemos um novo ponto focal no futuro significa, em si, o momento mais importante dessa jornada pedagógica da superação, o Princípio.

Para o pai, que no meio a um debate, entre membros dos parentes das vítimas da boate Kiss, escuta a filha emocionada e chorando, gritar: “pai eu não morri, sou

sua filha, e você só dedica sua atenção para o irmão que já morreu. Eu estou viva e preciso de você!”. Um ponto, um ato limite que mudou a vida a partir daquele instante, de pai, filha e dos presentes. Da mesma forma o empresário Shunji Nishimura, ao sair da presidência da empresa e assumir o comando da sua Fundação. Identificar o ato limite é algo que requer do superante abertura para acolher as intervenções do novo momento vivido e entender as contribuições das pessoas. Freire (2002, p. 12) diz que “não haveria existência humana sem nossa abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência”. Portanto, se fala também de momento de tomada de decisão, de decidir pela construção de novos sentidos.

Identificar o Ato Limite, de cada membro superante, é acelerar essa prospecção, dar consciência a ela, e pode representar anos de felicidade saudável, trocados por angústias e tristezas, martírios e distribuição inconsciente de infelicidade para demais membros da família, amigos e sociedade.

7.6 A Descoberta dos Sentidos

O sentido, desvendar pelo que vale a pena viver, e então colocar o como viver ao serviço do “pelo que viver”, representa uma, se não a mais, poderosa ação de superação de um ser humano. Se pode observar isso para o bem e para o mal. Pessoas que dão suas vidas, e o melhor de si, por exemplo, na pesquisa para a cura de doenças, para trabalhos voluntários em regiões de miséria absoluta, e até mesmo doando fortunas para fundações de ensino, saúde, cultura etc. Para o mal, outras pessoas que se suicidam explodindo com suas próprias vidas em atentados para matar, aleatoriamente, inocentes, considerados culpados apenas por estarem em uma determinada área geográfica de um território do planeta. A busca pelo sentido passa por uma causa pela qual valha a pena viver, por uma pessoa, por amor. Na concepção de Frankl (2011), a descoberta de sentido está ligada aos projetos criados, às metas estabelecidas, aos objetivos traçados para uma vida melhor. Porém, não se deve ter como sentido a felicidade. Por isso:

Em condições normais, o prazer nunca é a finalidade última da atividade humana, mas sim – e deve continuar sendo – um efeito, mais especificamente, um efeito colateral da consecução de uma meta. Realizar um objetivo constitui uma razão para ser feliz. Em outras palavras, se há uma razão para ser feliz, a felicidade se apresenta automática e espontaneamente (FRANKL, 2011, p.48).

Como encontrar sentidos? Estudando a vida de pessoas que encontraram sentidos e comparar com outras pessoas que não conseguiram o mesmo feito. Neste ponto a Pedagogia da Superação estará em gerar numerosos estudos de casos, depoimentos e exposição constante e permanente dessas pessoas admiráveis.

7.7 A Identificação de Causas

Como identificar causas que tenham sentido suficiente para fazer uma pessoa reorientar o foco de sua alma para esse objetivo, fazendo com que esse novo rumo ultrapasse a dimensão anterior do sofrimento com a perda, a decepção, o trauma, o desemprego, a falência?

As pessoas e as situações de superação convicta estudadas são reveladores do poder de um forte sentido na transformação das vidas. Aqui nos referimos a um ciclo interessante de possibilidades que podem contribuir para o mapeamento de condições de superação.

O ciclo inicia com a) sofrimento; b) transformação; c) afetividade; d) arte; e) riqueza; f) transmissão.

A) Sofrimento: a origem do fato a ser superado incomoda, dói. O luto precisa ser internalizado, vivido e respeitado. Esta é a hora do poder da empatia de uma comunidade, uma família, um grupo de resgate e acolhimento.

B) Transformação: a mesma dor, o mesmo incômodo, a mesma ausência de algo, de alguém, permite ampliar a presença do que é real e existe. No choro e apelo da filha viva, para que o pai olhasse para ela e não só para o irmão que já foi, vivemos um “ato limite” exemplificador. No próprio caso do autor desta investigação ocorreu a transformação de uma queimadura no rosto num desafio de criar, a música e o teatro foram as ferramentas.

C) Afetividade: com a transformação desenvolvemos uma característica de captar aliados. A paixão pelo processo que nos transforma, pela reposição de uma dor, num novo amor, nos configura atração. Voltamos a amar. Nos apaixonamos. Retomamos a felicidade e com isso suavizamos obstáculos, transpomos novas barreiras, ganhamos ajuda e novos amigos e relacionamentos. Surgem novas pessoas e motivações na nossa vida.

D) Arte: é chegada a hora de criar. A criatividade será o poder materializador da superação viva, real e verdadeira. Isso é o encontro da nossa arte. O nosso dom, a vocação. Um saber fazer, produzir, trabalhar, inovar e criar valor. Pode ser como num pipoqueiro famoso da cidade de Araras, que fez do seu carrinho de pipoca a força criadora para superar a falta de emprego como trabalhador rural, na mudança da tecnologia – “A Pipoca do Zé”; ou no caso Alexandre Costa que fez do chocolate artesanal a alavanca criadora e material do seu progresso. A arte representa o pegar para fazer, trabalhar e se aprimorar em um ofício, numa função, numa construção de valor para a sociedade.

e) Riqueza: essa experiência termina por ser geradora de riqueza. Pode advir numa forma efetiva de bens, patrimônio, riqueza material, e/ou na forma de conhecimentos, sabedoria, maestria, expertise. Dos exemplos estudados nesta investigação, todos exemplificam a construção de riquezas. No caso dos empresários, homens já ricos transformaram essas fortunas em um projeto de longo prazo, criando suas fundações de ensino. Os representantes do segmento superação convicta do acidente da boate Kiss passaram a realizar e a fazer muito mais e melhor, do que antes do trauma. A cidade como um todo poderá ganhar um valor novo e ampliado se conseguirem criar o “Polo de Excelência em Gestão e Segurança de Eventos Públicos”. E, com a minha própria experiência vivida, a sabedoria e os estudos reunidos hoje são seguramente muito mais amplos do que eu teria, caso o acidente da queimadura e de todo processo hospitalar não houvesse ocorrido.

f) Transmissão: por fim, após o processamento desse saber é preciso ocorrer a transmissão. O devolver para a sociedade o resultado do aprendizado. A hora em que todos atuamos com o dever do educador, do transmissor. Transmitimos às demais pessoas, às novas gerações, o aprendizado colhido e recolhido ao longo da saga, da jornada. A satisfação fica enorme pelo sabor íntimo do descobrir de um novo sentido, até então, não saboreado: a legítima sabedoria.

7.8 A Identificação de Pessoas que Façam Sentido

“A única forma de aprender sentido é estudando pessoas admiráveis e comparando-as com as que não conseguiram” (FRANKL, 2010. p. 91). Precisamos

levar o grupo superante a buscar por si só, os exemplos dessas pessoas. O Dr. Daniel Siegel (2013), da Universidade da Califórnia, neurocientista, afirma que “nos transformamos na qualidade dos relacionamentos que admiramos e cultivamos, mesmo na fase adulta” (SIEGEL, 2013. p. 37). Cada pessoa precisa identificar, estudar e apresentar esses exemplos. São pessoas reais, legítimas, próximas, do bairro, da rua, da cidade. Não se trata de falar da abstração dos personagens do cinema ou da televisão. Precisam procurar gente como eles para olhar, admirar, estudar e incorporar nos seus valores.

De acordo com Freire (2011, p. 213) “[...] ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhado, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar [...]”. Isso significa que nos processos de superação é preciso aproveitar os momentos de aprendizagens a partir da experiência do outro.

Nesse sentido, o grupo superante precisa não mais olhar apenas as pessoas, mas estudar o resultado de suas obras. Não basta mais ver que a pessoa construiu, inovou, trabalhou, precisa aprender como ele fez. Muitas pessoas superam fisicamente um trauma, mas não conseguem sucesso, por não saberem, simplesmente, como trabalhar, como fazer coisas, como criar valor.

Ao mergulhar na operação das coisas, o superante já estará apaixonado pelo processo, gostando do como as coisas precisam ser feitas e, conseqüentemente, se afastando das ideias tentadoras da angústia e da tristeza como norma.

7.9 O Estabelecimento de Métricas, *Empowerment* e *Feed Back*

As métricas e os índices são importantes no modelo educativo para ajudar na conquista de pequenas vitórias. Um grande vitorioso será o colhedor de pequenas vitórias ao longo de um trajeto. O grande fracassado será, da mesma forma, um coletor de pequenos fracassos, não corrigidos, ao longo de um processo. A partir da proposta de criação de sentidos, Frankl indica que:

[...] a consciência como um fator estimulador que, se necessário, indica a direção em que temos que nos mover em determinada situação da vida. Para levar a cabo tal tarefa, a consciência deve aplicar uma fita métrica à situação enfrentada. A situação deve ser

medida e avaliada à luz de um conjunto de critérios e uma hierarquia de valores (FRANKL, 2013, p.167).

Precisamos desenvolver métricas apropriadas a cada segmento alvo de superantes. Para alguns pode vir a ser o quanto conversou com o irmão sobrevivente sobre ele e não sobre o que morreu, indo até a mensuração do andamento do projeto de colocar em pé um polo de excelência em gestão e segurança de eventos na cidade de Santa Maria.

As métricas usadas com ética oferecem às pessoas a maior de todas as satisfações em um dia vivido: a percepção de progresso. Estimulam a celebração de pequenas vitórias. E, com generosidade, oferecem a chance de corrigir tendências negativas.

7.10 A Libertação e a Liderança Invisível

Um momento precisa chegar, o do fim dessa história, a chegada. Quando um grupo foi chamado para as dificuldades, viajou, aprendeu, enfrentou seus fantasmas e dragões, retorna vitorioso, transmite o conhecimento, e agora segue. O guia, o mestre, o velho líder, se despede. Daí para frente, o que fica é a liderança invisível. Serão os valores apreendidos, incorporados e transformados em decisões instantâneas a cada segundo, as escolhas do instante que moldam e mudam o futuro daquele mesmo instante. Haverá nesse instante a possibilidade do superante confirmar seu protagonismo e autonomia que se construiu durante o processo de superação, se consolidará o que Morin (2002, p. 272) chama de liberdade. “[...] a liberdade se define, pois, a partir da auto-organização, da autodeterminação, da autonomia individual, da ação estratégica de um ator sujeito [...]”. Aí, já sobrarão a obra, a memória da dignidade, a sabedoria do aprendizado, e esse ser humano que superou não será nunca mais o mesmo. Ele teve a oportunidade de acelerar a sua evolução várias vezes, dentro do mesmo tempo de apenas uma vida. Então agradece e retribui.

Para melhor elucidar os componentes sustentadores da proposta de superação, convém apresentar um quadro estabelecendo relações entre o marco teórico, os fatores de superação e os componentes sustentadores dessa pedagogia.

Quadro 12- Relações entre o marco teórico, os fatores de superação e os componentes sustentadores

FATORES DE SUPERAÇÃO	COMPONENTES SUSTENTADORES	MARCO TEÓRICO	CONCEITUAÇÃO
Princípio de Superação	Segmentação Atitudinal (diagnóstico)	<p>MORIN: O ser humano é um metavivente que, a partir de suas aptidões organizadoras e cognitivas, cria novas formas de vidas, psíquicas, mentais e sociais (2008, p.32)</p>	<p>O primeiro momento de superação está regido pelo diagnóstico do superante, pelo descobrimento das possibilidades de organização de novas formas de viver, de novos sentidos. Entretanto, será necessário reconhecer-se como sujeito histórico, considerando o vivido como repertório enriquecedor. De modo que esse momento de decisão, de seguir em frente se desabrocha no alvor de uma nova geografia pessoal e social do superante</p>
	O Ato Limite	<p>FREIRE: Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura (2011, p. 45)</p>	
	O Resgate Geográfico, Acolhimento ou Eco-evolução	<p>MAKIGUTI: É preciso considerar a experiência local como um valor para a vida humana. Tornar-se a pessoa que se é, é constituir-se como humano no lugar de seu enraizamento, tal qual as plantas retiram os seus nutrientes da terra para crescer (VOSS, 2013, p. 94)</p>	
		<p>FRANKL: A vida nunca cessa de ter um sentido. A rigor, ela não pode mostrar-lhe o que é o sentido, mas pode indicar-lhe que há um sentido, e que a vida o conserva: a vida se mantém cheia de sentido, sob quaisquer condições (2013, p. 9)</p>	
		<p>MORIN: A estratégia é uma arte. Toda grande arte comporta uma parte de imaginação, de sutileza, de invenção, dos que deram prova os grandes estrategistas da história (2006, p.62)</p>	<p>O plano consiste na capacidade do superante em</p>

Plano Estratégico de Superação	O Inédito Viável	FREIRE: É a leitura do mundo exatamente o que vai possibilitar a decifração cada vez mais crítica da ou das situações-limite, mas além das quais se acha o inédito viável (2011,p.147)	pensar nos sentidos que sua vida pode elencar. Organizar-se e projetar-se para novas perspectivas de realizações, a partir da leitura do seu mundo
	A Descoberta dos Sentidos	MAKIGUTI: Valorar o que é bom ou não para vida pessoal e coletiva (VOSS, 2013, p. 94)	
		FRANKL: Sem um ponto fixo no futuro, o homem não consegue propriamente existir. (2012, p. 264)	
Conteúdos de Superação	A Identificação de Causas	MORIN: A defesa da vida se alia naturalmente à defesa dos valores da vida. Defender os valores da vida em sociedade é defender a complexidade (2002, p. 498)	O superante deverá pautar-se na criação de valores que subsidiarão seu plano de felicidade. Desse modo, o amor, labor, ética e estética serão os conteúdos que farão parte da sua história de superação
		FREIRE: Sendo uma prática estritamente humana, jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma. Na qual os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos, deveriam ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista (2004, p. 103)	
		MAKIGUTI: O sistema pedagógico makigutiano refere-se a três instâncias valorativas, “bem, benefício e beleza”, sintetizando os fundamentos da vida humana, nos sentidos biológico e cultural (VOSS, 2013, p. 20)	
		FRANKL: 1- Criando um trabalho ou praticar um ato; 2-	

		experimentando algo ou encontrando alguém; 3- pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável (2008, p. 135)	
Procedimentos Superantes	Levantamento da Hierarquia de Valores O Estabelecimento de Métricas, Empowerment e FeedBack A Identificação de Pessoas que Façam Sentido	MORIN: Quanto mais autônomos somos, mais devemos assumir as incertezas e a inquietação, mais necessidade temos de religação. (2006, p. 156)	Proceder situações de aprendizagem permanente e, ao mesmo tempo, consciente das incertezas, por isso mesmo o grande recurso será o ato de aprender. Além disso, criar, acreditar, admirar/inspirar.
		FREIRE: A esperança enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática (2011, p. 15)	
		MAKIGUTI: A aprendizagem permanente e os potenciais criativos condicionam a aprendizagem aos valores, o homem pode construir e criar as bases da felicidade (VOSS, 2013, p. 21)	
		FRANKL: Capacidade de aprender sob o pano de fundo da realidade efetiva e possibilidade de transformar até mesmo essa realidade, ou então mudar a si mesmo (2012, p. 264)	
		MORIN: A arte de viver é uma arte de navegação difícil entre razão e paixão, sabedoria e loucura, prosa e poesia [...] Viver de prosa não é mais que sobreviver, viver é viver poeticamente. (2006, p. 153)	Depois da construção de ações

Atitudes Superantes	A Libertação e a Liderança Invisível	<p>FREIRE: É por estarmos sendo este ser em permanente procura, curioso, tomando distância de si mesmo e da vida que porta; é por estarmos sendo este ser dado à aventura e à paixão de conhecer, para o que se faz indispensável a liberdade que, constituindo-se na luta por ela, só é possível porque, “programados”, não somos, porém, determinados. (2011, p. 136)</p>	procedimentais, é hora de desenvolver atitudes. Estas podem brotar naturalmente dos processos vividos principalmente a partir do viés poético. As atitudes serão tomadas com certo grau de satisfação, será o superante um curioso, um desbravador de situações a serem superadas
		<p>MAKIGUTI: Reforma pragmática baseada no conhecimento local, comunitário, e no autoconhecimento que brota do sujeito imerso na experiência da vida, que se conhece e se reconhece como homem por intermédio do meio onde vive (VOSS, 2013, p.127)</p>	
		<p>FRANKL: Buscar sentido. Alargar o campo visual de modo que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível (2008, p. 135)</p>	

Fonte: José Luiz Tejon, 2018

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os marcos teóricos associados a casos reais reunidos forneceu meios estruturados para o diagnóstico de casos de superação a serem trabalhados no campo da pedagogia, empresas, instituições da área social e de saúde, etc. Se conclui que é possível organizar um trabalho pedagógico que oportunize aos sujeitos situações de superação. De modo que se acredita que esse trabalho poderá ser aderido, principalmente, pela educação informal, pois colheu-se aprovação em dois espaços representativos desse segmento educativo, o hospital Santa Cruz e o Colégio Serióis. Portanto, como resposta ao problema que guiou a pesquisa tem-se que a educação pode contribuir para os processos de superação das dificuldades e problemas da vida através de uma pedagogia que desenvolva uma plataforma de trabalho a partir dos cinco fatores descobertos nos casos estudados. Através de um Princípio de Superação, em que o sujeito superante decide mudar, de um Plano de Superação em que o superante elabora novos sentidos para sua vida, dos Conteúdos que precisa para buscar novos sentidos: amor, labor, ética e estética, de Procedimentos que lhe permitirão praticar ações de aprendizagem, criação, crença e admiração/inspiração de outros processos de superação e, por fim, através de Atitudes de empoderamento que o tornarão capaz de tomar decisões de maneira autônoma.

Desse modo, a hipótese de que “é impossível superar os desafios e o ambiente competitivo isoladamente, a capacidade de atrair ajuda, através da cooperação e o papel das comunidades, tem impacto fundamental no processo de superação” se confirmou, pois as histórias estudadas demonstraram isso, tanto nos casos particulares quanto no caso comunitário os superantes receberam ajuda em suas trajetórias de superação.

Ao se retomar o objetivo geral deste trabalho que foi estudar os fatores essenciais que levam as pessoas à superação, propondo uma pedagogia como meio de acesso a esses fatores, percebe-se relativo êxito, pois como já mencionado foram categorizados cinco fatores e a partir deles se elaborou uma proposta pedagógica de superação. Sendo assim, com base nos resultados obtidos pensa-se a proposta pedagógica de superação a partir:

1 – Cenários de superação

Os casos estudados ofereceram uma diversidade de cenários suficientes para se considerar que a superação, por mais que pareça difícil, é possível de ser

alcançada. Desta forma, tem-se que os fatores encontrados emergiram de cenários de dificuldade econômica, morte, discriminação, etc. A partir desses cenários se confirmou a hipótese de que “a percepção de dor, de sofrimento, é relativa de pessoa a pessoa, com a comparação de situações enfrentadas, e as histórias contadas se estabelecem forças motivacionais para a superação”.

Os cenários de superação são as condições e intervenções externas que fazem parte da trajetória de cada superante. Trata-se de tudo que está fora do superante e que compõe suas relações. Seria nestes cenários onde estão localizados os incômodos que fragilizam o superante, mas que a partir da consciência e domínio dos mesmos é possível modificá-los. Sabe-se, entretanto, que existe uma enormidade de outros cenários que não foram estudados e que talvez ofereça importantes variáveis para estudos futuros. Por exemplo, não se sabe se é possível confirmar os fatores encontrados na pesquisa em casos de superantes crianças ou de pessoas que estão diagnosticadas com alguma enfermidade sem cura e que as colocam em outro posicionamento em relação à vida.

2- O ser superante

Constatou-se que o superante é, ao mesmo tempo, roteirista de sua história e grande protagonista no processo de superação. Ele é quem identifica seus incômodos e busca ajuda para resolvê-los. As trajetórias dos superantes que figuram a pesquisa comprovam que o ser humano (bio-psico-social) tem capacidade de reinventar-se e, assim, reinventar a própria vida. São os superantes aqueles que engendram novas formas de se posicionar perante as situações e depois se tornam exemplos a serem seguidos. Portanto, a principal tarefa do ser superante é interpretar os cenários de superação. O que marca o êxito do superante é a construção da perspectiva positiva de si e o seguimento das ações pautadas no permanente processo de empoderamento.

3- O educador da superação

Entre os cenários de superação e o ser superante se avalia que é possível haver a figura do educador da superação. Neste terceiro espectro está o fundamento desta investigação, pois se os cenários de superação já existem e os superantes também, o educador seria então o agente formado para atuar e facilitar os processos de superação. Em todos os casos estudados se observou que os superantes contaram com diferentes ajudas de pessoas para se tornarem o que se tornaram.

Desse modo, a principal formulação deste trabalho é supor que os processos de superação não devem ser conduzidos conforme o acaso e a natureza. Podem, acima de tudo, ser ensinados de forma sistematizada por alguém preparado para isso. Portanto, acredita-se na hipótese de que “a superação será dependente da existência de líderes, educadores, ou pessoas que estejam nesse papel, e para isso será exigida uma formação exclusiva perante a circunstância dada”, poderá ser determinada a partir da aplicação da proposta pedagógica de superação resultante desta pesquisa.

A partir da constatação da existência de programas sociais de proteção e apoio ao cidadão vítima de problemas de diversas ordens, como CREAS, PETI, ProJovem e etc., mas sem proposta de trabalho de superação específica, além do autoexame do autor desta tese em seus êxitos durante o processo de superação após acidente, se motivou o desenvolvimento desta pesquisa. A espinha dorsal deste trabalho está em transluzir que guerreiros não nascem prontos, que as pessoas podem aprender a serem boas condutoras de suas vidas. Portanto, se tem na proposta de uma Pedagogia da Superação o objetivo de atuar não apenas com adultos, mas com seres humanos de todas as idades, ou seja, crianças também.

O percurso trilhado nesta investigação sublima pelo trabalho educativo de reforma de vidas, propõe privilegiar o sentido ético, estético, o amor e o trabalho na perspectiva da criação. Reside aqui segurança de que existem diversas possibilidades de reformas de vida. Portanto, se confirma a hipótese de que “a partir da superação de aspectos médicos, traumáticos ou físicos, a superação mental vai exigir o desenvolvimento de foco e concentração em trabalho, obra, criação a partir de talentos e habilidades desenvolvidos”. Lembrando que não será tarefa da educação o tratamento das questões médicas e psicológicas, apenas do esforço mental educativo.

A psicologia e a psicanálise são grandes áreas do conhecimento que agregam em seus conteúdos importantes bases para tais reformas. Entretanto, se empreende na educação as vias de acesso para autonomia e empoderamento existencial de que trata a Pedagogia da Superação. Sem, contudo, deixar de ser favorecido teoricamente pelas referidas áreas.

Através deste estudo, se considera que esse projeto de reforma do sujeito pode partir dos cinco fatores já mencionados. Para isso, é preciso contemplar os contextos

singulares de cada indivíduo, os tempos próprios de superação, as histórias que congregam a história do ser superante e, acima de tudo, propiciar a autoafirmação existencial do sujeito, recuperando sua condição de ator que representa o papel de viver para ganhar a vida.

Nesse sentido, assinala-se que os processos de superação não se desenvolvem de forma isolada; será sempre necessária a ajuda de alguém ou de uma legião, como no caso comunitário de Santa Maria. Diante disso, se compreende nessa proposta que a figura de um mediador é importante desencadeador de processos de superação, se fala do educador. Nessa perspectiva, o preparo do educador da superação se dá a partir da apropriação dos cinco fatores encontrados no estudo dos casos.

Esta investigação significa um abrir de um portal para a continuidade de investigações pontuais e específicas, e segmentadas sob diversos ângulos: pedagogos e seu preparo, a Pedagogia da Superação, e os superantes e suas reações.

Dessa forma, retornando ao início da introdução desta investigação, se menciona que este estudo da Pedagogia da Superação tem por objetivo apresentar processos formativos que atuem por meio da comunicação e o intercâmbio de experiências humanas acumuladas, e que gerem aprendizagem (pedagogia) permitindo a educadores, agentes e pacientes de situações superantes sua utilização consciente. Com os objetivos específicos apontados se pode:

1) Identificar como os indivíduos encaram superação. Sob este desafio, a pesquisa demonstrou uma necessidade de identificar e segmentar o grupo a ser trabalhado com vistas a um projeto de superação em cinco categorias. Estas categorias ou fatores devem fazer parte do plano pedagógico destinado à superação e também será necessário o preparo do educador da superação.

2) Encontrar fatores comuns nos casos estudados que configurem um padrão de êxito. Julga-se que este objetivo foi alcançado através da descoberta e elaboração teórica do cinco fatores de superação: Princípio de Superação, ponto inicial de consciência de que é possível de alguma forma seguir em frente; Plano de Superação, fator que concentra a busca, os desejos, o plano de felicidade e satisfação do ser superante; Conteúdos Estratégicos de Superação, figurados no amor, labor, ética e

estética; Procedimentos Superantes, caracterizados pela reorganização da vida através dos atos de criar, aprender, acreditar e inspirar; e por fim Atitudes Superantes, desenvolvidas nos processos finais de superação, quando o ser já construiu autonomia suficiente para se sentir como uma criança desbravadora da vida; seria a etapa de vivência poética dentro da prosa.

Os objetivos 3 e 4 estão de tal forma atrelados que se pensou a figura de um educador da superação e, em consequência se pensou sua formação. Teve como objetivo:

3) Avaliar aspectos determinantes no papel de líderes, educadores, da comunidade e sociedade na superação;

4) Oferecer uma proposta para a superação tanto em circunstâncias individuais, empresariais e organizacionais, quanto educativas e pedagógicas.

Como principal resultado, esta pesquisa oferece uma possibilidade de trabalho pedagógico que demanda construção de cenários e contextos de aplicação. Aliado a isso, pressupõe a formação do mediador, educador. Entretanto, não se dispôs a construir a ideia ilusória de que este trabalho está acabado, que para a concretização dessa pedagogia basta apenas colocar em prática tudo que se viu até aqui, não.

8.1 Alcances e Limites da Pesquisa

Ulterior a todo trabalho de tratamento dos dados coletados, se destaca que as análises realizadas tanto no estudo dos casos quanto nos depoimentos dos participantes do evento realizado no Colégio Seriös e no Hospital Cruzeiro do Sul, forneceram as bases para a proposta de educação dos processos de superação. De modo que se descobriu cinco fatores de superação que podem ser ensinados.

A partir dos resultados mencionados foi possível elaborar um desenho de aplicação da pedagogia que se defende nesta tese. Contudo, para realização desse trabalho é necessário formar educadores e armar equipes de agentes promotores da superação.

Mesmo com o amparo de cuidadosa metodologia que possibilitou trazer significados, informações acumuladas ao longo do processo e as reflexões construídas à luz do paradigma fenomenológico se aclara que variáveis de cenários e condições de superação justificam estudos posteriores.

Como limites identificam-se acercamento de outras realidades de superação como no caso de crianças e de pessoas com diagnóstico de enfermidade sem cura, de culturas nacionais diferentes, pois os casos estudados são todos brasileiros. Além disso, pode-se desenvolver pesquisa de acompanhamento durante o processo de superação, já que nos casos estudados tais processos estavam concluídos. Acredita-se um estudo empírico que busque apontar a correlação estatística dos cinco fatores de fatores de superação seja eficiente.

Futuramente, em adição aos diagnósticos realizados, outras análises sobre grupos de superantes deverá ser o de detectar onde se localizam seus pontos mais notórios e evidentes de aptidões. Os graus e níveis de influência dos contextos de superação poderão ser investigados para que se possa detalhar com mais precisão este estudo.

Segundo o Nobel de Física de 2010, existem forças magnéticas em tudo e em todos. Se existe o magnetismo em tudo e em todos, é possível exercer atrações e repulsões a partir do fundamento energético do pensamento. Na construção dos guerreiros, se deve creditar ao processo energético dos pensamentos possíveis materializações e atrações no involutório da vida. Há um fluxo involuntário no pensamento, mas ao seu lado, em paralelo, um fluxo voluntário é definido pelas escolhas. Dessa forma, nos transformamos em uma somatória de escolhas diárias, a cada hora, a cada minuto, e essas micro escolhas conjugam grandes opções de forças. O próximo passo cria a pré-realidade. Significa ter fé na criação. Acreditar que você pode criar prepara e antecede a realidade concreta.

Baseado nessa crença, se postula que ensinar mais pessoas a superar, e lutar contra os fatídicos baixos percentuais que progridem, versus os elevados percentuais da população que se vitimizam, está no escopo humanista desta investigação. Por isso e desta forma, fica na conclusão definitiva da mesma, ser isso impossível sem a formação, o autodesenvolvimento e a construção de distintos papéis, e da presença de educadores. Líderes educadores. Serão esses pedagogos os que poderão e deverão atuar contra a maior de todas as opressões humanas na terra: o sentimento de impossibilidade, de incapacidade, de impotência e o autoabandono, o pior de todos os sentimentos de um ser vivo em vida.

REFERÊNCIAS

ADIZES, I. **Gerenciando os ciclos de vida das organizações**. Prentice Hall, 2004.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ALGERA, P. M.; LIPS-WIERSMA, M. Radical authentic leadership: Co-creating the conditions under which all members of the organization can be authentic. **The Leadership Quarterly**, v.23, n.1, 2012.

ALMEIDA, M. C. **Complexidade do amor**. In: Comunicação Universitária. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2000.

ARATANGY, G. B. **Protocolo de Quioto: uma aplicação da teoria da ação coletiva**. 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação**. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

_____. NBR 6023: **Informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002b.

_____. NBR 6027: **Informação e documentação: sumário: apresentação**. Rio de Janeiro, 2003b.

_____. NBR 6028: **Informação e documentação: resumo: apresentação**. Rio de Janeiro, 2003c.

_____. NBR 10520: **Informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002a.

ASHFORTH, B. **Role transitions in organizational life: An identity-based perspective**. Routledge, 2000.

BARBIER, R. **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARLING, J.; SLATER, F.; KELLOWAY, E.K. Transformational leadership and emotional intelligence: an exploratory study, **Leadership & Organisational Development Journal**, v. 21, n. 3, 2000.

BARR, R. D.; PARRETT, W. H. **Hope fulfilled for at-risk and violent youth: K-12 programs that work**, 2nd ed. Boston: Allyn and Bacon, 2001.

BARUDY, J.; MARQUEBREUCQ, A. P.. Hijas e hijos de madres resilientes. **Traumas infantiles en situaciones extremas**, 2006.

BEBBINGTON, J. et al. Theorizing engagement: the potential of a critical dialogic approach. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 20, n. 3, 2007.

BECK, J. S. **Terapia cognitiva**. Gedisa, 2001.

BECKETT, K. S. Paulo Freire and the Concept of Education. **Educational Philosophy and Theory**, v. 45, N. 1, 2013.

BENEDICT, X. V. I. **God is love: Deus caritas est**. USCCB Publishing, 2006.

BERKOVICH, I. Between person and person: dialogical pedagogy in authentic leadership development, **Academy of Management Learning & Education**, v. 13, n. 2, 2014.

_____ **El amor que nos cura**. Barcelona – Espanha: Gedisa, 2006.

BOKENO, R. M. GANTT, V. W."Dialogic Mentoring Core Relationships for Organizational Learning. **Management Communication Quarterly**, v.14, n.2, 2000.

BROEKAERT, E. et al. The search for an integrated paradigm of care models for people with handicaps, disabilities, and behavioral disorders. **Education and Training in Developmental Disabilities**, v. 39, 2004.

BROWN, M. E.; TREVIÑO, L. K. Ethical leadership: A review and future directions. **The leadership quarterly**, v.17, 2006.

BUSSAB, V. S. R.; PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. Al. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. **Psicologia USP** [online], vol.18, n.2, 2007.

CAMBRICOLI, F. Mortes por depressão crescem 705%. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2014. Disponível em:<<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,mortes-por-depressao-crescem-705-imp1545121>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

CARABAJO, Raquel Ayala. **La Metodología Fenomenológica Hermenéutica de M. Van Manen en el Campo de la Investigación Educativa. Posibilidades y Primeras Experiencias**. Revista de Investigación Educativa, Murcia, España. vol. 26, núm. 2, 2008, pp. 409-430

CARMELLO, E. **Resiliência - A Transformação Como Ferramenta para Construir Empresas de Valor**. São Paulo: Gente, 2008.

CASSIRER, E. **Language and myth**. Courier Corporation, 2012.

CAZA, A.; JACKSON, B. **Authentic leadership**. The Sage handbook of leadership p. 352-364, 2011.

CHADE, J. No mundo, há 1 suicídio a cada 4 segundos. **A tarde**. 2014. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1620016-no-mundo-ha-1-suicidio-a-cada-40-segundos>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CHAROUX, O. M.G. **Metodologia: Processode produção, registro e relato do conhecimento**. 2.ed. São Paulo: DVS, 2007.

CLAWSON, D. **Bureaucracy and the labor process: The transformation of US industry 1860-1920**. Monthly ReviewPress, 1980.

CONNER, D. R. **Managing at the speed of change: How resilient managers succeed and prosper where others fail**. Random House, 2006.

COSTA, A. T. **Uma trufa e 1000 lojas depois...** São Paulo: Alaúde Editorial, 2010.

CYRULNIK, B. **Los patitos feos: La resiliencia: una infancia infeliz no determina la vida**. Barcelona -Espanha: Gedisa, 2008.

DAUDT, F. **A Natureza Humana Existe**. Rio de Janeiro – RJ: Casa da Palavras, 2013.

DENZIN, N. K. LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Hemus, 1978.

_____. **Strategies of qualitative inquiry**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2006.

DEVEREUX, G. **De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento**. México: Siglo Veintiuno, 1977.

DEWEY, J. **Democracia e educação: capítulos essenciais**. Ática, 2007.

DUBET, F. **La Experiencia Sociológica**. Barcelona – Espanha: Gedisa, 2011.

FELDER, L. **Fitting in is Overrated**. Nova Iorque – EUA: Sterling, 2008.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo, Unesp, 2011.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo - SP: Artmed, 2009.

FONTANIVE, Dolores Henn. **Dignidade e ensino religioso: um olhar a partir da educação para a superação**. Universidade Regional de Blumenau – FURB. Tese doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação. 2008

FRANKL, V. **A Vontade de Sentido**. 2 ed. São Paulo – SP: Paulus, 2013.

_____. **Em busca de Sentidos**. 33 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

_____. **Logoterapia e Análise Existencial**. Rio de Janeiro – RJ: Grupo Editorial Nacional, 2012.

_____. **O que não está escrito nos meus livros**. São Paulo – SP: Realizações, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. 17 ed. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogía del Oprimido**. 2 ed. México: Siglo XXI Editores S.A. 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro – RJ: Imago, 2006.

FREVRE, D. M. Le. **Barriers to implementing pedagogical change : the role of teacher's perceptions of risk**. In: <http://doi.org/10.1016/j.tate.2013.11.007> . Acesso em: 18/05/2016

FUNDAÇÃO NISHIMURA DE TECNOLOGIA. **Sobre o Sr. Nishimura**. Disponível: <<http://www.fsnt.com.br/>> Acesso em: 05/10/2017

G1. **Estudante salvou ao menos 14 pessoas de morrer em incêndio**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/estudante-salvou-ao-menos-14-pessoas-antes-de-morrer-em-incendio.html>>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

G1. **Histórias de cinco jovens se conectam em meio á tragédia na Kiss**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-santa-maria-boate-kiss-um-ano-depois/noticia/2014/01/historias-de-cinco-sobreviventes-se-conectam-em-meio-tragedia-na-kiss.html>>. Acesso em: 11 out. 2016.

GALLOWAY, S. Reconsidering emancipatory education: staging a conversation between Paulo Freire and Jacques Rancière. **Educational Theory**, v. 62, n. 2, 2012.

GARDNER, W. L., et al. Authentic leadership: A review of the literature and research agenda. **The Leader ship Quarterly**, v.22, n. 6, 2011.

GOLEMAN, D. **Focus**. Nova Iorque – EUA: Harper, 2013.

GRINDLER, J.; BANDLER, R. **Resignificando: Programação neurolinguística e transformação do significado**. São Paulo: Grindler, 1986.

GROTBORG, E. H. The International Resilience Project. In: 55th Annual Convention of International Council of Psychologists, p.14-18, 1977.

HAMMEL, Gary; PRAHALAD, C.K. **Competindo Pelo Futuro**, Editora Campos, 1995

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HEGEL, G. F. **Fenomenologia do Espírito**. Alemanha: Jorge Zahar, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Invitación a la Fenomenología**. Barcelona – Espanha: Editorial: Paidós Ibérica, 1992.

IG. **Pelé, 77 anos: 11 momentos que fazem do Rei imortal também fora de campo**. <http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-10-23/pele-75-anos-11-momentos-que-fazem-do-rei-imortal-tambem-fora-de-campo.html>. Acesso em: 20 set. 2016

ILICH, I. **La Convivencialidad**. Barcelona – Espanha: Virus, 2011.

INSTITUTO CACAU SHOW. **Nossas atividades**. Disponível em: <http://www.institutocacaushow.org.br/> > Acesso em: 13/11/2017

JOSGRILBERG, R. **Fenomenologia e educação**. Revista Notandum. São Paulo/Porto, Ano XVIII, n.38, maio-agosto de 2015, p. 05-14.

JASPERS, K. **Philosophy**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

JOHANNESSEN, R. L. **Ethics in human communication**. 4 ed. Prospect Heights, IL: Waveland Press, 1996.

JOHNSON, P. **Os Criadores**. Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 2006.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Trad. Marco A. Zingano. Porto Alegre; São Paulo: L&PM, 1989.

KENT, M. L.; TAYLOR, M. Toward a dialogic theory of public relations. **Public relations review**, v.28, n.1, 2002.

KOFMAN, F. **Consciência nos Negócios**. Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 2007.

KOTTER, J. Change management vs. change leadership: What's the difference? **Forbes**. Retrieved April 15, 2011.

KRAM, K. E. **Mentoring at work: Development relationships in organizational life**. Glenview, IL: Forestman, 1985.

LEVINSON, S. C. Activity types and language. **Linguistics**, v.17, p. 5-6, p. 365-400, 2003.

LIMA, M. C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIPARI, L. Listening for the other: Ethical implications of the Buber-Levinas encounter. **Communication Theory**, v. 14 n. 2, 2004.

MACHADO, M. N. da M. **Entrevista de pesquisa: a interação pesquisador entrevistado**. Belo Horizonte: c/Arte, 2002.

MAKIGUTI, Tsunessaburo. **Por uma era de paz e humanismo**: Um Educador Além do seu Tempo. Revista Terceira Civilização. São Paulo, n. 435, nov./2004.

_____. **Por uma era de paz e humanismo**. A Tradição da Escrita no Budismo. Revista Terceira Civilização. São Paulo, n 409, set/2002.

_____. **Educação para uma vida criativa**: ideias e propostas de Tsunessaburo Makiguti. Tradução de Eliane Carpenter. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão popular, 2010.

MAYO, P. **Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora**. São Paulo: Artmed, 2004.

MCLAREN, A. Ethical and social considerations of stem cell research. *Nature* v. 414, n. 6859, p.129-131, 2001.

MEHRABIAN, Albert; EPSTEIN, Norman. A measure of emotional empathy. **Journal of personality**, v. 40, n. 4, p. 525-543, 2007.

MEGIDO, J. L. T. Só 11% engajados, os restantes desengajados. E agora “CEO’s”? **Revista Exame**, São Paulo, 23 fev. 2013. Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/cabeca-de-lider/2013/02/23/so-11-engajados-o-restante-desengajados-e-agora-ceos>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

_____. **O “Método Stanislavski” para a construção de papéis**: a arte na interpretação do educador. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2003.

_____. **Matriz da Dignidade x Raiz do Medo**. Disponível em:<www.tejon.com.br>. Acesso em: 26 out. 2014.

_____. **O voo do cisne**. São Paulo: Gente, 2004.

_____. **O beijo na realidade**. São Paulo: Gente, 2005.

_____, **A Grade Virada**. São Paulo – SP: Gente, 2008.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. San Francisco, CA: Jossey- Bass, 2009.

MINAYO, Maria Cecília. **Investigación Social: Teorías, métodos y creatividad**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2007.

MORIN, E. **Enseigner à vivre. Manifeste pour changer l'éducation**. Domaine du possible. Arles: ActesSud, 2011.

_____ **El método II: La vida de la vida**. 5 ed. Madrid: Catedra, 2002.

_____ **El método V: La humanidad de la humanidad**, La identidade humana. 3 ed. Madrid: Catedra, 2008.

_____ **El método VI: Ética**. Madrid: Catedra, 2006.

_____ **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo /SP: Cortez, 2000.

_____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2008.

NODDINGS, N. Fidelity in teaching, teacher education, and research for teaching. **Harvard educational review**, v.56, n. 4, p. 496-511, 1986.

OAKLANDER, V. **Descobrimos Crianças**. São Paulo – SP: Summus, 1980.

OLIVEIRA, João Roberto de. **A música como Superação do Pessimismo na Estética de Schopenhauer**. Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Mestrado em Estética e Filosofia da Arte. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/2962>

O'TOOLE, J.; GALBRAITH, J.; LAWLER, E. E. When two (or more) heads are better than one: The promise and pitfalls of shared leadership. **California Management Review**, v.44, n.4, p.65-83, 2002.

PALLOTINI, R. **Dramaturgia, Construção do Personagem**. São Paulo – SP: Ática, 1989.

PALMER, A. R. A proposed nomenclature for stages and series for the Cambrian of Laurentia. **Canadian Journal of Earth Sciences**, v.35, n.4, p. 323-328, 1998.

PAPARAZZI, B. **Maestro João Carlos Martins**. Disponível em: <<http://www.billpaparazziphotos.blogspot.com>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

PEDRO, M. J. G. S. **Realidad y perspectivas de la formación por competencias en la universidad**. Tese (Doutorado). Facultad de Ciencias de la Educación. Universidad Autònoma de Barcelona. Bellaterra, 2007.

PERCY, W. Metaphor as mistake. In A Berthoff (Ed.), **Reclaiming the Imagination**, p. 132-144. UpperMontclair, NJ: Boynton/Cook, 1984.

PERRENOUD, P. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre – RS: Artmed, 2001.

_____, P. **Pedagogia diferenciada**. Porto Alegre – RS: Artmed 2000.

PETERSON, T. E. Constructivist Pedagogy and Symbolism: Vico, Cassirer, Piaget, Bateson. **Educational Philosophy and Theory**, v. 44, n. 8, 2012.

PETRIGLIERI, G.; STEIN, M. The unwanted self: Projective identification in leaders identity work. **Organization Studies**, v.33, n. 9, p. 1217-1235, 2012.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro – RJ: José Olympio, 2011.
_____. **Epistemologia Genética**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PORTER, R.; ROBERTS, M. M. **Pleasure in the eighteenth century**. Macmillan, 1996.

PLATÃO. **A República**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PRICE, M. E. Pro-community altruism and social status in a Shuarvillage. **Human Nature**, v. 14, p. 191–208, 2003.

RANCIÈRE, J. **The ignorant schoolmaster..** Stanford: Stanford University Press, 1991.

RESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Thousand Oaks: Sage, 2007.

REVISTA APAE BRASIL: **60 Anos: “Construindo uma história de igualdade e oportunidade para todos”** Federação Nacional das APAEs Brasília, Novembro de 2014 Disponível em: <<https://apaebrasil.org.br/noticia/66208>> Acesso em: 08/10/2017.

REVISTA GLOBO RURAL: **Raiz forte**. Melhores do Agronegócio, Outubro de 2015. Disponível: <<http://revistagloborural.globo.com/Colunas/melhores-do-agronegocio/noticia/2015/10/raiz-forte.html>> Acesso em: 26/10/2017.

RIBEIRO, Rita de C. **Contexto e Educação** – Revista, Editora Unijuí. Ano 20 – n 73/74 – Jan/Dez. 2005.

RIMBAUD, M. L. C. (Org.). **Cultura, saberes y prácticas docentes: Una experiencia entre docentes y estudiantes de Doctorado**. 1ed. Montevideo - Uruguay: Editorial Grupo Magro, 2014.

ROUSSEAU, J.J. **Emilio ou Da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992

SALAMUN, K. Critical rationalism and political education: karl popper's advice. **Critical rationalism and educational discourse**, v. 11, 1999.

SAMPIERI, R, FERNÁNDEZ, C, BAPTISTA, P. **Metodología de la investigación** (5ta. ed.). D.F., México: McGraw Hill, 2013.

SCHERRE, Paula Pereira. **E quando pesquisador e pesquisado são a mesma pessoa?** Reflexões epistemo-metodológicas à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. DOI: 10.5216/teri.v5i1.36359. Artigo, Disponível em: file:///C:/Users/Leno/Downloads/v16n2a09%20pesquisador%20pesquisado.pdf

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do Belo**. São Paulo – SP: UNESP, 2003.

SCHMID, H. Leadership Styles and Leadership Change in Human Community Service Organizations. **Management & Leadership**, v. 17, n. 2, p. 179-194, 2002.

SCHULTZ, J. H. **Cuaderno de ejercicios para el Entrenamiento Autógeno**. Barcelona: Científico-Médica, 1980.

SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS** - Brasília, Gráfica e Editora Brasil LTDA, 2011.

SHAMIR, B.; EILAM, G. What's your story?" A life-stories approach to authentic leadership development. **The Leadership Quarterly**, v.16, n.3, p. 395-417, 2005.

SIEGEL, D. **The Whole-Brain Child**. Nova Iorque – EUA: Penguin, 2013.

SKINNER, B. F. **The behavior of organisms: An experimental analysis**. 1938.

SMOKOWSKI, P. R., REYNOLDS, A. J.; BEZRUCZKO, N. Resilience and protective factors in adolescence: An autobiographical perspective from disadvantaged youth. **Journal of School Psychology**, n. 37, n. 4, p. 425–48, 1999.

SPARROWE, R. T. Authentic leadership and the narrative self. **The Leadership Quarterly**, v.16, n. 3, p. 419-439, 2005.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo – SP: Perspectiva, 2001.

STADDON, J. Did Skinner miss the point about teaching? **International Journal of Psychology**, v. 41, n. 6, 2006.

STANISLAVSKI, K. **Em minha vida na arte**. São Paulo – SP: Imprensa Oficial, 1924.
_____. **Minha vida na arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

TANGNEY, J. P. **Self-relevant emotions**. Guilford Press, 2003.

TOURISH, D. **Transformational Leadership Education And Agency Perspectives In Business School Pedagogy – A Marriage Of Inconvenience?** Russel Craig, Joel

Amernic 2010 – BJM British Journal of Management. University of Birmingham. In: www.onlinelibrary.wiley.com Acesso em: 16/07/2016
UBALDI, P. **A Grande Síntese**. Rio de Janeiro – RJ: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2001.

UOL EDUCACAO. **Biografias: Edson Arantes do Nascimento, Pelé**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/edson-arantes-do-nascimento-pele.htm>> Acesso em: 25/10/2017.

VAN MANEN, Max. **Investigación Educativa y Experiencia Viva**. España: Idea Books S.A, 2003.

VOSS, R, R. **A Pedagogia da Felicidade de Makiguti**. Campinas – SP: Papirus, 2013.

VICO, G. **The new science of Giambattista Vico**. Cornell University Press, 2009.

YALOM, I. **The theory and practice of group psychotherapy**. 2. ed. New York: Basic Books, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WALUMBWA, F. O., et al. Authentic leadership: Development and validation of a theory-based measure. **Journal of management**, v. 34, n.1, p. 89-126, 2008.

WEBB, D. Process, orientation, and system: the pedagogical operation of utopia in the work of Paulo Freire. **Educational Theory**, v. 62, n. 5, 2012.

WEBER, M; Joaquín Abellán García. **Sociología del Poder: Los tipos de dominación**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

WESTFALL, A.; PISAPIA, J. **Students who defy the odds: A study of resilient at-risk students**. Research brief #18. Richmond, VA: Metropolitan Educational Research Consortium, 1994.

WILLIG, C. **Introducing qualitative research in psychology**. 3 ed. McGraw-Hill: Berkshire, 2013.

WOODSIDE, A. G. **Case study research: theory, methods, practice**. Bingley, WA: Emerald, 2010.

WRIGHT, A.; CÔTÉ, J. A retrospective analysis of leadership development through sport. **Sport Psychologist**, v.17, n.3, p.268-291, 2003.

ZAKRZEWSKI, V. **Teaching Grit : How To Help Students To Overcome Inner Obstacles**. Edutopia George Lucas Educational Foundation. In: www.edutopia.org Acesso em: 03/03/2016

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A experiência realizada no Hospital Cruzeiro do Sul a partir da pesquisa de José Luiz Tejon, intitulada: *POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO*: Estudo de casos na construção de uma prática educativa voltada para o enfrentamento das dificuldades e desafios da vida.

Conduzida pelas psicólogas: Ana Maria Saade e Angela Maria Ferreira

Tempo e objetivo: Sensibilizar as equipes para os conceitos da proposta de superação, visando à melhoria do atendimento ao paciente, melhoria da liderança e fortalecimento dos colaboradores enquanto pessoas.

A conclusão da pesquisa consistirá na escrita de uma tese de doutorado contendo relato da experiência realizada pelas psicólogas e será publicada nos meios acadêmicos e científicos.

Caso autorize sua participação e posterior relato dessa experiência na referida pesquisa, assine ao final deste documento.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável

José Luiz Tejon

Tel: 11 99147-5999

E-mail: tejon@tejon.com.br

Universidad de la Empresa-UDE Montevideo (Uruguay)

Teléfonos: +598 2900 2442

E-mail: info@ude.edu.uy

Declaro que concordo e autorizo inserir, na tese, minha participação na experiência realizada no Hospital Cruzeiro do Sul

São Paulo, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador _____

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO DO HOSPITAL

Eu, Diretor do Hospital Cruzeiro do Sul, estou ciente da realização da experiência conduzida pelas psicólogas Ana Maria Saade e Angela Maria Pereira utilizando as bases da pesquisa intitulada: *POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO*: Estudo de casos na construção de uma prática educativa voltada para o enfrentamento das dificuldades e desafios da vida. De José Luiz Tejon pela Universidad de la Empresa em Montevideo/Uruguai.

Sei que as informações coletadas nesta experiência serão publicadas nos meios acadêmicos e científicos. Estou ciente de que posso obter esclarecimento ou informações do estudo, junto ao pesquisador José Luiz Tejon pelo telefone (11) 99147-5999 ou através do e-mail tejon@tejon.com.br ou do Programa de Formación Avanzada en Educación +598 2900 2442 E-mail: info@ude.edu.uy

São Paulo, dede.....

Diretor do Hospital Cruzeiro do Sul

Autor da pesquisa

Conduutora da Experiência

Conduutora da Experiência

TERMO DE CONSENTIMENTO DO HOSPITAL

Eu, ANTONIO JOAO MELO CECCON..... Administrador do Hospital Cruzeiro do Sul, estou ciente da realização da experiência conduzida pelas psicólogas Ana Maria Saade e Ângela Maria Ferreira utilizando as bases da pesquisa intitulada: *POR UMA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO*: Estudo de casos na construção de uma prática educativa voltada para o enfrentamento dos desafios e incertezas da vida, de José Luiz Tejon pela Universidad de la Empresa em Montevideo\ Uruguai.

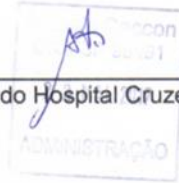
Sei que as informações coletadas nesta experiência serão publicadas nos meios acadêmicos e científicos. Estou ciente de que posso obter esclarecimento ou informações do estudo, junto ao pesquisador José Luiz Tejon pelo telefone (11) 99147-5999 ou através do e-mail tejon@tejon.com.br ou do Programa de Formación Avanzada en Educación +598 2900 2442 E-mail: info@ude.edu.uy

São Paulo, 23 de Maio.....de 2017.....

Organização Médica Cruzeiro do Sul S/A

CRUSAM - Cruzeiro do Sul Serv. de Assist. Médica Ltda

Administrador do Hospital Cruzeiro do Sul



Autor da pesquisa

Ana Maria Saade
Condutora da Experiência

Ângela Maria Ferreira
Condutora da Experiência

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO – Colaborardes da experiência realizada no Hospital Cruzeiro do Sul

Nome _____

Idade _____

Cargo/função _____

1- Você considera que a dinâmica motivacional baseada nos conceitos da Pedagogia da Superação contribui para o seu trabalho? Por quê?

2- A dinâmica motivacional baseada nos conceitos da Pedagogia da Superação lhe possibilitou alguma mudança de pensamento em relação ao seu trabalho e à vida? Fale a respeito.

APÊNDICE D – Questionário Colégio Seriös

NISHIMURA Pesquisa sobre a palestra


1 - QUAL A PARTE MAIS SIGNIFICATIVA DA CONFERENCIA NA SUA OPINIÃO ?
 Aplicar acontecimentos do dia-a-dia na educação.

2 - DO QUE FOI APRESENTADO, QUAL ASPECTO MAIS VOCE SE APROPRIOU PARA SUA EXPERIENCIA PESSOAL ?
 Adquirir experiências através da observação.

3 - CONSIDERA POSSIVEL ESTE MODELO DE PEDAGOGIA DA SUPERACAO, SER APLICAVEL ?
 Sim, principalmente como um preparo para a vida.

4 - ALGUM OUTRO FATOR QUE VOCE CONSIDERA IMPORTANTE ?
 Não deixar que o preconceito de nós mesmos nos limite.

Ana Carolina Nishimura - Aluna Seriös

 "A Pedagogia da Superação: A Construção do papel do educador e de uma aprendizagem dirigida a casos de resiliência.", com o Professor MSc Dr.(c) José Luiz Tejon Megido.


N Pesquisa sobre a palestra

1 - QUAL A PARTE MAIS SIGNIFICATIVA DA CONFERENCIA NA SUA OPINIÃO ?
 OS EXEMPLOS DE SUPERACAO E A BASE DA SUPERACAO

2 - DO QUE FOI APRESENTADO, QUAL ASPECTO MAIS VOCE SE APROPRIOU PARA SUA EXPERIENCIA PESSOAL ?
 TEMOS QUE PREPARAR AS CRIANCAS PARA O MUNDO

3 - CONSIDERA POSSIVEL ESTE MODELO DE PEDAGOGIA DA SUPERACAO, SER APLICAVEL ?
 SIM, TEMOS QUE ENFRENTAR A RESISTENCIA DOS PAIS EM PROTEGER DEMAIS OS FILHOS

4 - ALGUM OUTRO FATOR QUE VOCE CONSIDERA IMPORTANTE ?
 EXEMPLOS PARA A JUVENTUDE SAO MUITO IMPORTANTES

 "A Pedagogia da Superação: A Construção do papel do educador e de uma aprendizagem dirigida a casos de resiliência.", com o Professor MSc Dr.(c) José Luiz Tejon Megido.

APÊNDICE E - DESENHO DE APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO

Com base no trabalho realizado acredita-se que superação é criar valor a partir da própria vida e em todas as circunstâncias, e valor representa “bem, benefício e beleza” (MAKIGUTI, 2002, p. 35). Superar é necessário e vital para todos os seres humanos, mas é algo que nunca se alcança só. Já se comprovou que as pessoas que superam atuam com competências que lhes permitem vencer as dificuldades e obstáculos ao longo de suas vidas. E conseguem principalmente por terem desenvolvido a capacidade de observar outros seres humanos, buscar afinidades com os mesmos; que nas circunstâncias dadas conseguem ultrapassar e superar as situações. Com base nessas competências de superação e nos exemplos dos casos estudados, parte-se dos cinco fatores de superação encontrados na pesquisa e se propõe etapas pedagógicas para aplicação de uma Pedagogia da Superação.

A proposta pedagógica de superação deve ser iniciada com o reconhecimento do incômodo que causa dor e estagnação do superante. Trabalha-se a ideia de que o tamanho dos desafios, do que incomoda, representa o poder e a força do crescimento do ser humano. Para que se tenha claro as dimensões dos incômodos a serem superados e, para que se elabore um planejamento de superação, se considera importante o trabalho multidisciplinar. A Pedagogia da Superação traz a figura do Educador da Superação como principal agente que mediará os processos de superação, entretanto reconhece que as diversas áreas de atuação humana tornará o trabalho mais exitoso. Assim, será necessária a participação de profissionais como psicólogos, assistentes sociais, educadores físicos, músicos, artistas, empresários, pessoas que são exemplo de superação, etc.

A partir dessa perspectiva, o desenho dessa obra conjunta precisa ter obrigações, deveres e distribuição de tarefas. A começar pelo Educador da Superação que deverá ser formado para realizar os trabalhos de mediação da superação. Além disso, o diagnóstico situacional do grupo de superantes será a ferramenta mais valiosa para o desenvolvimento do trabalho, pois cada grupo apresentará incômodos distintos, fortalezas e debilidades diferentes. Portanto, a realidade que contextualiza os processos de superação deve ser diagnosticada para servir de ponto de partida.

As etapas de aplicação desta proposta estão marcadas pela ideia de felicidade e sucesso como busca possível. A felicidade não pode existir concretamente sem a

consciência do sucesso. Sucesso no latim vem de "*sucedere*"; em italiano é muito popular a expressão "que sucede?". Sucesso será o que sucede. O que acontece com a ação. Sem sucesso não há felicidade saudável. Não há felicidade sem sucesso, neste caso haveria apenas ilusão. Desta forma, a Pedagogia da Superação será sempre o movimento, e a transformação do entorno real, que retroalimenta o agente que a transforma. Ao fazer ciência muda-se a ciência, ao fazer arte muda-se a arte, ao criar um trabalho muda-se o trabalho. E ao criar a própria vida muda-se a vida. Vida é mudança permanente e de maneira ininterrupta. Portanto, parte-se do fundamento de que os fatos e acasos podem ser considerados possibilidades de crescimento, de aprendizagem, de mudança, de melhora.

Tempo de aplicação: O tempo será determinado de acordo com as necessidades do grupo. Contudo, a conclusão do trabalho se dará ao término das cinco etapas propostas.

Superantes: grupos de pessoas, jovens e adultos, que tiveram seus direitos violados, que estão atravessando momento difícil de dor, que estão enfrentando dificuldades e necessitam de apoio para reorganizar seus projetos de felicidades.

Educador da Superação: Pessoa a cargo do desenvolvimento das etapas da Pedagogia da Superação. Planejará e promoverá as situações de superação, articulando-se com uma equipe multidisciplinar.

Espaço: Qualquer lugar confortável, com instalações físicas para receber as pessoas durante algumas horas, que disponha de cadeiras, equipamentos de áudio-vídeo e materiais pedagógicos.

Avaliação: Haverá uma Ficha de Acompanhamento do Superante – FAS. Esta constará de indicadores pré-estabelecidos que deverão ser preenchidos no decorrer do programa pelo educador e pelo próprio superante ao término de cada etapa.

BASE DA PROPOSTA DE SUPERAÇÃO

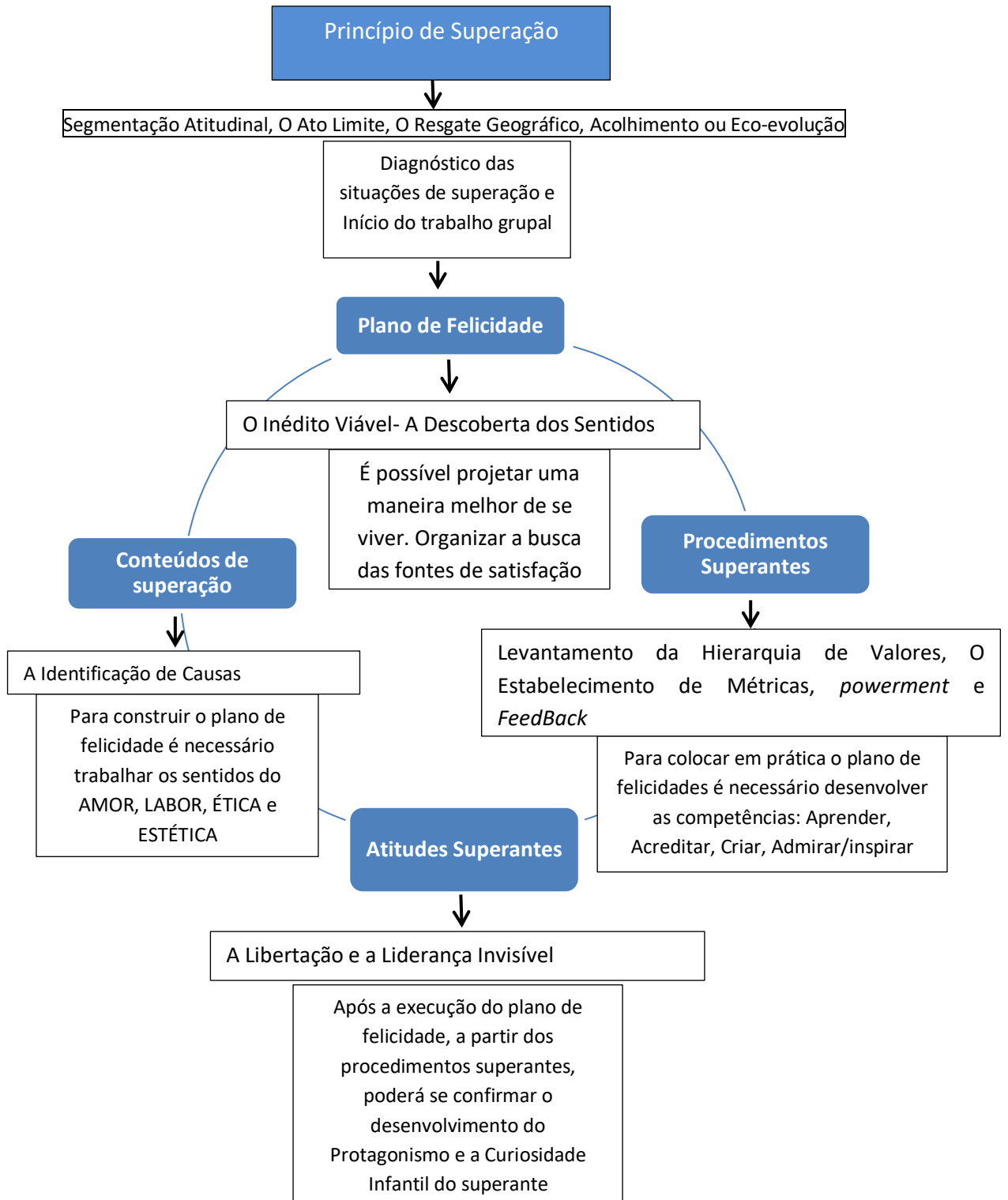


Figura 6 - Base da proposta de superação

Fonte: Tejon, 2018



Fonte: Google Images

PRIMEIRA ETAPA

Investigação e diagnóstico situacional do grupo de superantes

Ementa: Nesta primeira etapa se desenvolvem ações que permitam o conhecimento do grupo de superantes, as condições, os problemas e possibilidades de superação. O trabalho do educador e da equipe multidisciplinar será mergulhar no universo de cada superante. É necessário construir uma caracterização de perfis dos superantes para que seja possível elaborar uma proposta de trabalho.

Objetivo: Coletar informações suficientes para se chegar a um conhecimento operativo, organizar e elaborar a proposta de trabalho de acordo com o diagnóstico situacional do grupo de superantes.

Ações:

- 1- Conversas e entrevista individual e grupal. Deve-se estabelecer um diálogo aberto para que o superante se sinta o mais confortável e seguro possível. Coleta-se tudo o que se necessita para desenhar a proposta de trabalho: as necessidades sentidas, as aspirações e expectativas, a visão sobre a realidade, o juízo pessoal sobre a proposta de superação, opinião sobre como vivem, o que pensam, em que acreditam, etc.

Referencial Avaliativo

Após coleta das informações, o educador junto com um psicólogo organizará um diagnóstico, um documento contendo as informações dos perfis dos superantes às situações de superação. Quais são os incômodos de cada um? Como encaram as situações de conflito? Que fortalezas e debilidades possuem? Esse documento será importante para avaliar os avanços durante todo o processo, principalmente no final, quando o incômodo não deverá incomodar mais.



Fonte: Google Images

SEGUNDA ETAPA

Motivação e integração do grupo – Princípio de Superação

Ementa: Busca-se a formação e integração do grupo de superantes, começa-se o trabalho de construção do sentimento de pertencimento ao grupo e de ajuda mútua. Nesta etapa realizam-se vivências que irão desencadear reflexões sobre as potencialidades, as fortalezas e debilidades de cada um e, ao mesmo tempo, construindo a confiança do grupo, a partir da ideia de que ESTAMOS JUNTOS. A principal tarefa é estimular a aprendizagem dos caminhos da superação, assumir a nova situação, compreender o incômodo como meio de superar, estabelecendo alianças para as novas relações do futuro.

Objetivos:

Sensibilizar a respeito da importância do processo de percepção na superação do grande incômodo

Criar um sentido de unidade entre os participantes com vistas a um maior engajamento e fortalecimento deste, na busca de estratégias de superação.

Ações:

1. O início da relação com o grupo superante é feito através de uma palestra e workshop - A Pedagogia da Superação. O grupo é convidado a identificar seus pontos fortes, em convergência com a apresentação da palestra. E, ao mesmo tempo, reservar um foco profundo para o que chamaríamos do seu "grande incômodo".

2- Cada membro analisará as forças e o grande incômodo de si e do outro. Buscam-se conclusões comuns a respeito das forças encontradas em cada

indivíduo, como as forças individuais se somam em conjunto. O que os grandes incômodos têm em comum, e como reunidos podemos encontrar forças para o embate, o enfrentamento e a transformação do medo no encorajamento e nas estratégias da superação. Então, a partir deste momento, como resultado de trabalho em equipe se inicia a estruturação das forças dominantes para se criar estratégias em equipe. Começa, assim, uma canalização para o foco do engajamento em níveis ascensionais. Serão atividades: autoexame, discussões em grupo, dinâmicas reflexivas, etc.

- 3- Os participantes deverão trazer objetos variados (quaisquer que sejam) que lhes sejam valiosos, ou seja, de grande valor afetivo. No momento da vivência, serão convidados a organizarem uma apresentação (compartilhamento) desses objetos enfocando o que cada um representa em sua vida. O educador conduzirá o trabalho focando a essencialidade dos valores pessoais e íntimos como alicerces de nossas decisões, escolhas e ações de agora e do futuro.
- 4- Durante a etapa de motivação e integração grupal pode-se utilizar textos para reflexão, vivência de relaxamento dirigido, músicas com conteúdos de superação, dinâmicas de autoajuda, pinturas, construção de painel, dramatizações de situações motivacionais, etc.
- 5- Será interessante que o Educador proponha atividades que possibilitem o riso entre todos, o choro, aplausos. Atividades que promovam o compartilhamento de emoções.

Referencial avaliativo

Esta etapa estará completa quando o grupo estiver integrado ao ponto de não haver inibições entre os participantes. Espera-se que através do choque motivacional ocorram mudanças de atitudes, pelo descobrimento de novas dimensões pessoais. A intenção é que no final desta etapa o superante se sinta motivado e capaz de enfrentar os incômodos da sua vida. Além disso, que perceba que não está sozinho neste desafio.



Fonte: Google Images

TERCEIRA ETAPA

Construção de novos sentidos – Plano de Felicidade/Conteúdos de Superação

Ementa: O trabalho consiste em construir sentidos próprios, planos para si e em compartilhar uma causa maior, planos do grupo. O grupo, como grupo, precisa criar um sentido, um propósito, acima dos problemas e dos dramas individuais que cada um considera o seu grande incômodo. Um exemplo dessa etapa, em relação ao plano grupal, é o que os parentes das vítimas da Boate Kiss em Santa Maria fizeram. Eles propuseram criar naquela comunidade, ao lado da universidade, e dos agentes econômicos e políticos um polo de excelência na gestão e segurança de eventos públicos.

Para construir planos de felicidade, os superantes deverão conhecer e provar os quatro conteúdos de superação: amor, labor, ética e estética. Deste modo, tais conteúdos engendram as seguintes características na proposta de superação:

Amor: Este conteúdo deve perpassar todas as ações empreendidas pelo grupo e individualmente. De que amor se fala? Amor a uma causa, amor pelo contexto e o processo da obra, como o amor do escritor a cada palavra escrita de um grande livro. Amor pelas pessoas. E quando se perde pessoas amadas? Falecimentos, separações, abandonos, precisam ser superados. É preciso olhar para o lado e amar de novo, novos e outros seres humanos, amar pessoas, expandindo esse amor, não apenas a familiares e amigos íntimos, mas um amar pessoas numa perspectiva universal de fraternidade e cooperação.

Labor: O trabalho, quanto mais estiver a serviço de uma causa, um sentido elevado, maior será o amor a ele dedicado. Este trabalho pode ser desde um piloto de helicóptero que perde um braço e quer continuar voando para mostrar aos filhos e família ser um exemplo de vitória sobre uma circunstância acidental, pode ser uma pessoa que passa a fazer roupas de retalho para embelezar o mundo, ou alguém que vai dar aula de tricô para pagar o tratamento de um filho enfermo, ou ainda um cientista tetraplégico que propõe um projeto para a descoberta de vida em outros planetas. Não importa a dimensão do trabalho, o que importa é o encontro íntimo de uma obra, pela qual vale a pena estudar, buscar a excelência, e sentir dentro de si o amor a si próprio, a autodignidade.

Ética: Vale pontuar e analisar mais profundamente o que significa a ética para cada superante. E aqui se parte de uma ética humanista, evolutiva ascensional da alma, pois vale sempre lembrar que nos meios do crime, da mesma forma se estabelecem éticas, nas suas relações. E também considerar que a busca das superações pelos caminhos fora da ética evolutiva se revelam líderes criminosos. Portanto, a ética do indivíduo, e do grupo trabalhado, não pode deixar dúvidas sobre as escolhas e decisões sobre os meios, e sobre a integridade das relações entre as pessoas.

Estética: Não precisa ser belo fisicamente, privilegiado pela genética e a natureza, para ser belo. Ao se criar o belo, se é confundido com a obra da criação. Isso significa que a estética proposta para superação deve partir da criação do superante, em suas tentativas de fazer o mundo ser mais belo mesmo nos contextos de adversidades. Será um trabalho de construção de novas formas de sentir a vida. E isso deve acontecer principalmente através da arte.

O plano de uma obra que contempla os quatro conteúdos de superação brinda êxito não apenas ao superante como também a todos que fazem parte desse plano. Pode-se dizer que para superar é preciso amar um trabalho. De onde se pode extrair o belo, o bem e o benefício para o entorno e obter renda, dignidade e autossustentabilidade. A dependência econômica e financeira de outros cria um hábito de fraco e oprimido. E a contrapartida disto leva a pessoa a se tornar, sem querer, um opressor. A superação exige a libertação das forças internas humanas para a sua autossustentação.

Grande parte dos seres humanos não vai ficar milionária. Não vai obter fama e sucesso. Não vai debelar uma doença muito grave. Não vai ressuscitar grandes amores perdidos ou que se foram. Mas a maioria, ou todos, podem ter parte em uma

obra acima de si mesmo. Superação tem doses imensas de cooperação, e de sentidos acima de nós mesmos.

A ética humana advém da compreensão das leis superiores. A mudança, a transformação e o dever da criação. A sintropia na luta contra a entropia. Para se criar precisa-se do labor. Sem o labor nada se modifica. Apenas a pessoa termina sendo modificada, e ao abandono de si mesma cai na involução entrópica.

Ao compreender o dever ético, ao criar, e ao ir ao labor, o superante obterá como resultado a necessidade estética do design. Os arranjos do universo são inspiradores de forma. A beleza significa o traço das perfeições.

As notas musicais soltas não fazem música. Os acordes musicais sem a organização matemática do tempo e do instante de cada tempo não viram música.

Porém, com quatro acordes, apenas quatro, podemos tocar e criar milhões de músicas. Para cada movimento ou intenção de movimento na conjugação de quatro acordes, há ali uma forma, um padrão estético único e definido.

Por isso o amor comanda, o labor faz, a ética obriga e a estética seduz, ilumina e atrai.

Objetivos:

Promover situações para busca de um motivo comum, que reúna a todos do grupo em um desafio superior e, ao mesmo tempo, fornecer subsídios de superação para a elaboração de planos de felicidades individuais.

Possibilitar vivências que possam outorgar ao superante, individualmente e em grupo, provar os quatro conteúdos de superação para que se construa uma base de experiência que permitirá a elaboração dos planos de felicidade.

Ações:

- 1- Vivenciar jogos lúdicos em que os superantes possam assumir diferentes papéis. A intenção é proporcionar experiências de fortalecimento das capacidades e superação dos pontos débeis de cada um.
- 2- Realizar oficinas de artes. Pode-se montar um cronograma com base nas necessidades do grupo de superantes, proporcionando oficinas de fotografia, música, pintura, dança, teatro, cinema, literatura, etc. (Profissionais de diversas áreas podem ser mediadores das oficinas).

- 3- Propor em períodos determinados reuniões de cozinha e degustação. Os superantes deverão, juntos, preparar receitas e degustá-las. Nesta tarefa os superantes terão oportunidades de mostrar suas habilidades, de compartilhar com o grupo e aproveitar o momento para se divertir.
- 4- O grupo deverá elaborar estratégias para apoiar pessoas que necessitam de ajuda. O propósito é desenvolver ações beneficentes, seja contando histórias para crianças com câncer ou preparando uma sopa para distribuir aos moradores de rua. Estas ações podem ser em conjunto ou individual. Todos devem buscar uma oportunidade de ajudar alguém.
- 5- Propor desafio artístico, científico e esportivo. O objetivo é, a partir dos jogos, do teatro e da ciência, identificar em cada membro os seus níveis de aptidão, quer dizer, conhecimento e uso dos seus dons e, ao mesmo tempo, prestar atenção na propensão das atitudes (para cada desafio será necessário um profissional especializado). Pode-se estabelecer desafios entre os membros, por exemplo: a) montagem de uma peça teatral; b) um festival de música popular; c) o início de uma *start up*; d) um desafio científico, por exemplo, na astronomia, o aprendizado no uso de um telescópio e o descortinar dos céus; e) o início e a compreensão dos fundamentos das artes marciais. Os membros superantes vão aderir a cada uma das atividades, e com isso desenvolver o engajamento, a atitude, e da mesma forma aprimorar o conhecimento de seus dons, vocações, aptidões.
- 6- Cada membro do grupo precisa agora trabalhar em fatos concretos. Para os que já trabalham, é interessante elaborar novas estratégias para obter crescimento e qualidade no trabalho que desempenham. Aos que desejam começar um trabalho, se for criar uma empresa, ter um projeto, procurar a viabilização da mesma. Pode e deve contar na equipe com um especialista em empreendedorismo de uma entidade que apoie o programa. No Brasil, por exemplo, o Sebrae. Se for um jovem em busca de uma definição de carreira e estágios, pode-se contar com o apoio do IEL da Confederação Nacional da Indústria, ou outros suportes. O trabalho será o foco. O “pegar pra fazer”.

Trabalhar em vendas de uma organização porta a porta. Se apresentar em shows em locais públicos, buscar ganhos em espetáculos populares. Interessa o quanto cada membro revela comprometimento com o trabalho, e com a qualidade do mesmo. A proposta deve estar carregada de trabalhos reais e de reflexões, e de debates entre o grupo. Sociedades e amizades que decidam realizar juntos serão bem vindos.

Referencial avaliativo

Ao final desta etapa, os superantes já deverão ter um delineamento das coisas que fazem sentido em suas vidas. Deverão ter projetos, planos de felicidade, já devem saber quais são as fontes e as motivações para continuar planejando. Será importante que o educador da superação realize atividades de autoavaliações e de reflexões a cada período para que o superante tenha consciência dos seus avanços. Por exemplo, pode-se compartilhar as autoavaliações no grupo, oportunizando os comentários dos que desejem comentar. Um círculo deve ser feito, e o alvo dos comentários ao centro. Ao final, o superante que recebeu os comentários agradece e nessa hora ele deve escolher uma música que considere como a sua música que marca um novo estágio de autoconsciência. O educador registrará, e providenciará que essa música seja selecionada para ser usada mais adiante em outros passos, onde será preciso calcar mais fundo a forma emocional da transformação superante.



Fonte: Google Images

QUARTA ETAPA

Os procedimentos superantes

A principal característica desta etapa está no trabalho de atuação do superante, nas ações desenvolvidas para a conquista da superação. Seguir em frente, aprendendo, realizando obras e trabalhos, mesmo que seja necessário voltar atrás. São procedimentos superantes: **aprender, acreditar, criar, admirar/inspirar**. Para se chegar nesta etapa o superante deverá estar aberto para aprender sempre, pois toda superação será consequência de uma aprendizagem nova.

Objetivos:

Fomentar a construção de um repertório de ações autônomas, a partir das novas possibilidades de posicionamento do superante perante a vida.

Criar condições de amplificação da autopercepção dos participantes quanto às suas possíveis mudanças de postura no decorrer do programa superante.

Ações:

1. O primeiro exercício consiste em pedir a cada superante que pesquise e identifique pessoas as quais ele pode afirmar ser um ser admirável, que sob uma circunstância de elevada dificuldade para superar obteve êxito. Modelos inspiracionais, exemplos humanos vivos e identificados acessíveis e acessíveis para referências determinantes de sua nova vida. Tipos de pessoas que se deve buscar inspiração: seres humanos que dominem a intelectualidade do conhecimento; que dominem a racionalidade para a vida aqui e agora; seres

humanos que acessem a espiritualidade, não importa o meio, se religioso ou de outras maneiras; seres humanos provocadores. Pessoas que para o superante, o incomodem, o provoquem e que dessa inquietação surja sempre um movimento de aprendizado. Organizar seminário de apresentação das PESSOAS ADMIRÁVEIS. Será interessante e, se possível, que o superante convide suas “pessoas admiráveis” a participar do seminário.

2. Organizar uma visita a uma instituição de educação infantil (seguindo todos os critérios e regras da instituição acolhedora). Observar, por um período determinado, como as crianças se comportam perante as novas situações de aprendizagem. Que sentimentos elas expressam, que estratégias utilizam para APRENDER, que condições e situações são promotoras de aprendizagens prazerosas. A observação pode ser também de apenas uma criança, e em outro espaço. O educador da superação fará orientações quanto às normas legais que se referem às autorizações dos responsáveis pelas crianças. Escrever um relatório, depois apresentar e discutir com o grupo as observações.

3. Organizar entrevistas com pessoas crentes, de diferentes credos. Entrevistar ativistas, pessoas que se dedicam a uma causa. Identificar suas motivações, observar as questões mais significativas de seus depoimentos. A intenção não é filiar-se a tais causas, e sim entender e respeitar as motivações dessas pessoas. Apresentar as entrevistas entre o grupo e discutir as dimensões do ACREDITAR.

4. A partir da eleição de um tema, nascido da apreciação de uma obra literária, ou outra situação, organizar atividades de criação utilizando diversas linguagens. O grupo deverá retratar o tema a partir do desenho, pintura, paródia de música, criação de um produto e comercial, cartaz informativo, dramatizações. O desafio é CRIAR várias formas de apresentação do tema eleito, utilizando diversos materiais e linguagens.

5. Propor ao grupo troca de papéis. Durante um dia, ou mais, os superantes deverão oferecer oportunidade ao colega de grupo de vivenciar algo que faz parte de sua rotina. A intenção é que o colega prove um pouco as vivências do “outro”. Esta proposta deverá ser organizada sob a orientação direta do educador da

superação, pois ele dispõe de informações suficientes para organizar as possibilidades de trocas de papéis. Depois da atividade, cada superante deverá elaborar um relatório contando suas experiências, as impressões, avaliações e posteriormente apresentar o relatório ao grupo.

6. Organizar uma viagem com o grupo, uma excursão. Durante o processo de superação deverá surgir a ideia de um lugar criado pelo grupo como lugar “mantra”, refúgio, sagrado, importante nos significados de cada um. A intenção é viajar juntos, compartilhar entre grupo os sentimentos de conquista do êxito nesse lugar.

REFERENCIAL AVALIATIVO:

Ao final desta etapa muitas situações poderão haver sucedido, desde desistência, retrocessos ou até superação precoce. O educador deverá conduzir cada caso às suas devidas possibilidades de solução. O importante é o seguimento do processo de formação do superante guerreiro. Esta etapa permitirá descobertas e consagração das fortalezas de cada um, pois as situações de criação, crença, aprendizagem e admiração irão fomentar verdadeiros procedimentos de superação. É extremamente importante verificar os logros de cada superante para que se possa passar à etapa seguinte. Desta maneira, sem a consolidação desses procedimentos o superantes terá dificuldades para impulsionar ações autônomas.



Fonte: Google Images

QUINTA ETAPA

O começo do fim - Atitudes Superantes

Ementa: A principal característica desta etapa é a consciência dos aspectos relacionados aos avanços que brotam do processo de superação. O trabalho está pautado na autonomia, no protagonismo do superante e na confiança em si mesmo. Assim, a tarefa do educador é avaliar seus ingressos de coragem perante o mundo real. Esta etapa está marcada pelas situações de encorajamento, de jogos simbólicos de renascimento e partida. O superante deve concluir seu processo de superação. Ir ao mundo sentindo-se renascido.

Objetivos:

Possibilitar situações de reconhecimento das fortalezas construídas, promover vivências de autoanálise e gozo da nova condição perante os incômodos da vida.

Promover dinâmicas e jogos simbólicos, sensibilizar o superante quanto à sua nova condição, seu empoderamento.

Ações:

1. O educador fará uma breve reapresentação dos Cinco Fatores de Superação, os princípios da Pedagogia da Superação, para que os superantes identifiquem os níveis de suas conquistas. Após esse momento, abre-se uma discussão em grupo.

2. O educador deverá ter organizado previamente um arquivo com fotos, músicas e vídeos de situações vivenciadas pelo grupo. Este arquivo/portfólio será utilizado em algum momento da despedida.

3. Pedir aos superantes que tragam algumas fotos de quando eram crianças, pelo menos uma ou duas. Iniciar a atividade pedindo que formem duplas por sua livre escolha. Formadas as duplas, pedir-lhes que: a) compartilhem com seu parceiro sua (s) fotos (s) contando um pouco da história daquela foto, e/ou aquilo que lembrarem; b) falarem de tendências suas mais marcantes, principalmente no que se refere a gostos/preferências, características pessoais, amigos e brincadeiras. Compartilhadas as experiências entre as duplas, o educador abrirá a roda de conversa onde os superantes serão convidados a comentar com os demais como foi esse resgate com o colega parceiro de dupla. O educador acolherá os relatos trazidos procurando focar, especialmente, as tendências construtivas/positivas das “crianças interiores” ali manifestas, ratificando que tais tendências continuam vivas (latentes) em cada um e que, provavelmente, hoje os ajudam ou poderiam ajudá-los na superação de seus desafios cotidianos.

4. Pedir aos superantes que formem duplas por sua livre escolha. A partir daí, cada parceiro da dupla receberá um desenho de um porta-retrato com espaço para duas fotos e pincéis atômicos. De posse do porta-retrato, cada um desenhará a imagem de seu parceiro percebida no início do programa superante e também no momento atual (duas imagens). Feito isso, trocarão seus desenhos um com o outro e conversarão sobre as percepções manifestas. Após esta troca, cada integrante escolherá para si uma música que marca este novo estágio de sua autoconsciência. Esta música será revelada a todos em roda de conversa justificando o porquê de sua escolha.

5. Organizar a construção de uma Coluna da Superação. Cada participante receberá uma quantidade de argila e será orientado a moldar uma coluna com aproximadamente 4 cm de diâmetro e 20 cm de altura. Feito isso, farão marcas divisórias (com clips) de forma a separar a peça (em sua superfície) em cinco partes iguais, que representarão cada um dos cinco fatores de superação. Daí serão orientados a “desenhar imagens” (utilizando o mesmo clips) que

representem o que ficou de mais importante em cada um dos cinco fatores de superação, em seus respectivos espaços, começando de baixo para cima da coluna. Terminada a fase anterior, serão convidados a apresentar sua “coluna da superação” aos demais numa roda de conversa. Nesse momento o educador conduzirá a atividade de forma a acolher as manifestações de cada participante, cuja coluna representará, em última instância, todo o processo de aprendizado e superação vivenciado (cada participante levará consigo sua coluna e será orientado a envernizá-la depois de seca.) Ao término, serão convidados a manifestarem seus sentimentos, partindo daí para a elaboração do epitáfio e o nascimento das novas vidas (ao fundo, a música Bolero de Ravel).

6. Promover uma atividade simbólica de renascimento. Como a atividade: Da crisálida à borboleta. Cada participante, envolvido em um pedaço de tule ou tecido similar de cor mais escura, irá se deitar no chão de forma confortável e de olhos fechados. Ao fundo uma música propícia para o momento. Depois de um breve aquecimento (exercícios respiratórios), deverá imaginar que está dentro de um casulo (cor, tamanho, textura, temperatura, forma, etc.), explorando-o ao máximo. As estações do ano passarão e, aos poucos, cada um vai perceber que está se transformando numa linda borboleta (tamanho, asas, etc.) ainda dentro do casulo. No momento exato, começará a romper o casulo, pois a transformação estará completa; (música propícia para o momento). Ao sair do casulo, deverá abrir os olhos para verificar sua transformação (cor das asas, forma, etc.). Perceberá também o ambiente que a cerca, os outros que estão à sua volta, estabelecendo contato. Escolherá outra “borboleta” para contar-lhe como se sente e ouvir dela o mesmo. Trocarão sentimentos, percepções e a orientação de que “estarão agora, mais do que nunca preparadas para alçar seu voo”! Ao final, o educador abrirá para uma roda de conversa onde cada um será convidado a falar sobre sua experiência.

7- Organizar um evento que simbolize uma espécie de formatura, uma conclusão do processo de superação. Os superantes poderão trazer convidados para prestigiar esse momento. Nesse dia os superantes simbolizarão a morte do incômodo e o nascimento do GUERREIRO.

- 8- Encerrar o evento de formatura do guerreiro com a apresentação de um vídeo editado com fotos e vídeos dos superantes desde os primeiros dias do processo de superação até sua conclusão (imagens tristes, alegres, o individual e o grupo em várias situações). Este deverá ser o momento mais emotivo e significativo de todo trabalho realizado.

REFERENCIAL AVALIATIVO

Nesta etapa a marca mais importante a ser confirmada no superante é a autonomia e a construção do papel de menino (a) desbravador (a). Para que isso ocorra, o grupo deve se libertar do educador da superação, e o educador precisa saber sair; sairá para dar protagonismo ao grupo, a cada pessoa. O superante vai partir e dar a volta ao mundo....o seu mundo... Cada superante agora é protagonista de si mesmo. Como autor, diretor e ator de seus próprios papéis. Cada superante com a consciência do seu sucesso, da sua felicidade.